



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**SER TRAVESTI: SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS POR UM GRUPO DE
TRAVESTIS DA CIDADE DE MANAUS**

ANDREWS DO NASCIMENTO DUQUE

MANAUS/AM

2015



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

ANDREWS DO NASCIMENTO DUQUE

**SER TRAVESTI: SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS POR UM GRUPO DE
TRAVESTIS DA CIDADE DE MANAUS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.
Linha de Pesquisa: Processos Psicossociais

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Iolete Ribeiro da Silva

MANAUS/AM

2015

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo (a) autor (a).

D946s	Duque, Andrews do Nascimento SER TRAVESTI: Significados atribuídos por um grupo de travestis da cidade de Manaus / Andrews do Nascimento Duque. 2015 107 f.: 31 cm. Orientadora: Iolete Ribeiro da Silva Dissertação (Mestrado em Psicologia: Processos Psicossociais) - Universidade Federal do Amazonas. 1. Travestis. 2. significados. 3. travestilidade. 4. Manaus. 5. Gênero e Sexualidade. I. Silva, Iolete Ribeiro da II. Universidade Federal do Amazonas III. Título
-------	--

ANDREWS DO NASCIMENTO DUQUE

“SER TRAVESTI: SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS POR UM GRUPO DE TRAVESTIS DA CIDADE DE MANAUS.”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, na Linha de Processos Psicossociais.

Aprovada em 24 de novembro de 2015.

BANCA EXAMINADORA


Prof.ª Dr.ª Iolete Ribeiro da Silva

Universidade Federal do Amazonas


Prof. Dr. Eduardo Jorge Santana Honorato

Universidade Estadual do Amazonas


Prof.ª Dr.ª Lidia Rochedo Ferraz

Universidade Federal do Amazonas

À todos que estão em processo de tornar-se, descobrir-se, encontrar-se....

AGRADECIMENTOS

Primeiramente e antes de tudo, gostaria de agradecer ao meu mentor, meu amigo, Jesus, que me inspira a buscar ser uma pessoa cada dia melhor para mim e para os outros. Um Jesus que não se encontra em igrejas, nem em templos, mas está junto às pessoas, aos que sofrem. Seus ensinamentos estarão comigo sempre.

Não poderia deixar de agradecer aos meus pais, Jorge Luis e Maria Esther, bem como meus irmãos, Euler e Gizela. Sem vocês minha vida neste mundo seria um pouco mais sombria, obrigado por sempre apoiarem minhas escolhas, amo vocês profundamente.

Agradeço as pessoas que fazem parte da minha vida pessoal e acadêmica, Adria (irmã/amiga/confidente), Hilda (verdadeira/amada), Pamela (transparente, sincera, amiga), Marciane (ama o vinho e as coisas belas da vida); Rodrigo (me mostrou a noite e um mundo de possibilidades), Márcio (me mostrou as cores da vida). Vocês moram em meu coração, sabem disso, obrigado por tudo. Cada um de vocês fazem parte da minha história, por cada uma sinto algo especial e único.

À minha querida Orientadora Iolete Ribeiro da Silva. Lembro como se fosse hoje, aquele dia que o acaso do destino me trouxe para perto do grupo de estudos e Laboratório de Desenvolvimento e Aprendizagem. Jamais vou esquecer de sua humildade e bondade, de seus ensinamentos em silêncio, de sua transparência e ética, você será sempre uma inspiração para mim, tanto profissionalmente quanto pessoalmente.

Agradeço a Nedir Santana de Melo, junto a ela tive a oportunidade de ser colaborador no PIBIC. Obrigado por me permitir fazer parte de uma pesquisa tão importante, obrigado por me acolher, sua humildade e bondade ficarão na minha memória sempre.

Quero agradecer a professora Ana Cristina Fernandes Martins. Para mim você é um exemplo de humildade, sensibilidade e ética profissional, obrigado por me receber maravilhosamente no estágio em docência, seus ensinamentos e postura profissional estarão comigo aonde eu estiver, Obrigado.

Gostaria de agradecer pela contribuição da professora Adinete Mezzalira. A sua sensibilidade foi fundamental no direcionamento deste estudo, suas considerações foram de extrema importância na elaboração desta dissertação.

Não terei palavras para agradecer a experiência agradável que passei como aluno na disciplina, Seminários Temáticos em Gênero e Sexualidades do programa de pós-graduação em Antropologia Social - PPGAS, sob coordenação das professoras, Fátima Weiss e Márcia Calderipe. Os estudos da Antropologia foram fundamentais na construção desta dissertação.

Quero expressar minha total gratidão ao apoio de Jakeline Maldonado, representante do núcleo das travestis e transexuais da associação garotos e garotas da noite. Sem sua ajuda e disponibilidade tenho a plena certeza que este trabalho não seria o mesmo, nem teria o mesmo sentido. Para mim, mais do que um título, a oportunidade de trazer a visibilidade, promover a discussão e possíveis desdobramentos políticos que possam colaborar na promoção dos direitos das travestis, bem como de toda comunidade LGBTT foram/serão sempre a prioridade.

Jamais terei palavras para expressar a satisfação que tive em poder contar um pouco da história das travestis, transexuais e transgêneros presentes nestas linhas, são vidas que merecem nosso respeito, são pessoas que batalham diariamente por suas vidas, é por elas o meu desejo e esperança que suas vozes, seus dilemas e suas denúncias possam viajar pelo Mundo, que elas tenham cada dia mais espaços e lugares de destaque em nossa sociedade. Que pensem sobre elas nas ruas, nas esquinas, nas escolas, nas universidades, nos congressos e câmaras legislativas.

Agradeço a participação e total disponibilidade de Ane Caroline Coutinho Nunes na colaboração deste estudo, seus questionamentos e críticas foram fundamentais. Obrigado por fazer deste processo de construção. Como disse antes, digo agora, este é apenas o começo, estamos juntos nessa luta.

A FAPEAM, pela bolsa concedida e imprescindível no decorrer deste estudo. Seu apoio para nós pesquisadores foi/é fundamental para o desenvolvimento de nossas pesquisas, certamente a comunidade acadêmica e a sociedade amazônica agradecem por este e outros auxílios.

Agradeço o apoio dos integrantes do laboratório de desenvolvimento da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas: Fernanda, Paulo, Vinicius, Herbert, Fabiane, Thiago, Esthephania, André, Kelly, Wollace, Camila e Gerson. Cada um me ensinou muito, com vocês eu tenho aprendido a ser mais tolerante, amigo, verdadeiro e principalmente, uma pessoa que não se conforma com a realidade, mas que busca soluções para os problemas que diariamente diversos grupos enfrentam. Obrigado por tudo!

“Ninguém nasce mulher: Torna-se Mulher”

(Simone de Beauvoir).

RESUMO

Este estudo investigou os significados da travestilidade a partir de um grupo de travestis da cidade de Manaus, partindo da perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural proposta por Vygotsky. A partir desta abordagem, aponta-se que esta investigação foi atravessada pelas dimensões sociais, históricas e culturais em seus processos de apreensão dos significados presentes no contexto. Teve como objetivo geral compreender os significados da travestilidade para um grupo de travestis da cidade de Manaus. Os objetivos específicos, apontar quais as construções conceituais acerca dos modos de vida das travestis que vivem no contexto sociocultural estudado, conhecer quais são as principais dificuldades nas trajetórias de desenvolvimento das travestis, investigar quais os significados atribuídos a travestilidade pelas respondentes e identificar os âmbitos de sociabilidade onde as travestis participam. Como metodologia escolheu-se a pesquisa qualitativa, utilizando-se a entrevista semiestruturada, os dados coletados foram transcritos e então submetidos à análise dos núcleos de significação. Os resultados a partir das falas das travestis indicam que elas são atravessadas por concepções presentes na cultura ocidental, emergindo alguns núcleos, tais como: a cultura local, a força do biológico, a feminilidade hegemônica e a relação com as instituições sociais. As dificuldades envolvem vários âmbitos: relacionamentos interpessoais, escolarização, trabalho e acesso ao banheiro. Como significados da travestilidade apareceu um núcleo, travesti como a expressão da fluidez e estereótipos de gênero, fazendo referência a travesti por meio de adjetivos, como sinônimo de ser mulher, ser em metamorfose versus um ser estereotipado, travesti boa e má, como desdobramentos da heteronormatividade. Nos âmbitos de sociabilidade temos um núcleo: lugar de travesti é no mundo: dialética da exclusão/inclusão. Os resultados deste estudo nos permitem refletir criticamente sobre os significados referentes a ser travesti na cidade de Manaus, indicando que o contexto sociocultural da cidade de Manaus participa dialeticamente na forma como elas significam “ser travesti” neste contexto, suas dificuldades e quais seus âmbitos de sociabilidade. Desejamos, a partir dos achados deste estudo, que seus modos de vida possam ser pensados e re-significados, na medida em que colaboraram na compreensão de que suas estratégias para continuar seu processo de desenvolvimento enquanto travestis, as dificuldades em seu desenvolvimento, bem como quais são aqueles lugares onde sua participação ainda é negada, podendo ser indicadores de barreiras que precisam do fomento de políticas públicas, participação dos movimentos sociais e academia na construção de uma sociedade mais igualitária. Os achados deste estudo indicam que as significações existentes em nível coletivo sobre a travesti, acabam refletindo nas elaborações subjetivas que elas elaboram sobre suas vivências. É possível inferir que existe um poder no meio social que postulam formas naturalizadas de desenvolvimento e existência, atrelados a uma visão prioritariamente biológica. Essas concepções encontram-se representados nos meios de comunicação, os quais legitimam determinadas verdades, influenciando os processos de apreensão de significados sobre o que é ser travesti. Constroem-se assim compreensões fragmentadas, reforçando o que podemos chamar de “dialética da exclusão”.

Palavras-chave: Significados; Travestilidade; Travestis; Manaus.

ABSTRACT

This study investigates the meanings of travestility from a group of transvestites in the city of Manaus, from the perspective of Historical-Cultural Psychology that was proposed by Vygotsky. From this approach, it points out that this research was crossed by social, historical and cultural dimensions in their apprehension processes of meanings presented in the context. It is aimed at understanding the meanings of travestility from a group of transvestites in the city of Manaus. The specific objectives, points out the conceptual constructions about the ways of life of the studied transvestites and where they live in the socio-cultural context, what the main difficulties in developmental trajectories of transvestites are, investigate the meanings attributed to travestility by the respondents and identify the areas where transvestites socialize and are a part of. The methodology chosen was qualitative research, using a semi-structured interview. The data collected were transcribed and then subjected to analysis of the core meaning. The results from the speeches of the transvestites indicate that they are crossed with present concepts in western culture, some emerging nuclei, such as the local culture, the strength of the biological, the hegemonic femininity and the relationship with social institutions. The difficulties involve various levels: interpersonal relationships, education, work and access to the bathroom. As the meanings of travestility appeared as a core, transvestite as the expression of fluidity and gender stereotypes, referencing transvestite through adjectives, there are also synonymous like being female, being in metamorphosis versus being stereotyped, good and bad transvestite, as heteronormativity developments. The sociability areas have a nucleus: transvestite's place is in the world: dialectics of exclusion / inclusion. The results of this study allows us to critically reflect on the meanings related to transvestite in Manaus, indicating that the socio-cultural context of the city of Manaus participates dialectically in the way they mean "transvestite" in this context, their difficulties and what their areas of sociability are. We hope, from the findings of this study, that their way of life may be thought about and redefined, in the way that they collaborated in the understanding of their strategies to continue their process of development as transvestites, their difficulties in development, as well as those places where their participation is still denied, as they may be indicators of barriers that need the fostering of public policies, participation of social movements and academia to build a more egalitarian society. The findings of this study indicate existing meanings in the collective level about the transvestite, and it results in reflecting on the subjective elaborations they elaborate on in their experiences. It is possible to infer that there is a power in the social environment that ends up positing naturalized forms of development and existence that are linked to a primarily biological perspective. These are represented in the media, which end up legitimizing certain truths and influencing greatly in their processes of meanings about what is to be transvestite. It is then constructed as fragmented and therefore reinforces what we might call "dialectic of exclusion".

Keywords: Meanings; Travestility; Transvestites; Manaus.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS – Síndrome Da Imunodeficiência Adquirida

CNS – Conselho Nacional de Saúde

CRP – Conselho Regional de Psicologia

DDH – Disque Defesa Homossexual

GT – Grupo de Trabalho

HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IST – Infecções Sexualmente Transmissíveis

LGBTT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFAM – Universidade Federal do Amazonas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1.....	20
1.REFERÊNCIAL TEÓRICO.....	20
1.1 GÊNERO E SEXUALIDADE NA SOCIEDADE OCIDENTAL: PISTAS SOBRE A PRODUÇÃO IDENTITÁRIA TRAVESTI.....	20
1.2 DIFICULDADES VIVIDAS PELAS TRAVESTIS: APONTAMENTOS DE ESTUDOS COM A TEMÁTICA.....	25
1.3 AS TRAVESTIS E O MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO.....	29
1.4 A PARTICIPAÇÃO DAS TRAVESTIS NOS AMBITOS DE SOCIABILIDADE. .	38
CAPÍTULO 2.....	41
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	41
2.1 DESENHO DA PESQUISA.....	41
2.2 DESCRIÇÃO DO LOCUS DA PESQUISA.....	43
2.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	45
2.4 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS.....	46
2.4.1 Encontrando os participantes do estudo.....	46
2.4.2 Escolha do Instrumento.....	48
2.5 CONSTRUÇÃO DO CORPUS.....	49
2.6 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS.....	50
2.7 CUIDADOS ÉTICOS.....	51
CAPÍTULO 3.....	52
3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....	52
3.1 ASPECTOS SOCIODEMOGRÁFICOS DAS TRAVESTIS ENTREVISTADAS ...	52
3.2 SER TRAVESTI: SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS POR UM GRUPO DE TRAVESTIS DA CIDADE DE MANAUS.....	53
3.2.1 Construções conceituais acerca dos modos de vida das travestis que vivem no contexto sociocultural estudado.....	54
3.2.1.1 Ser Travesti em Manaus: Nuances e Contradições.....	55
3.2.1.2 A força do biológico na construção de um lugar social atribuído à travesti.....	57
3.2.1.3 Compreensão da feminilidade pelas travestis.....	58
3.2.1.4 Relação com o social e suas instituições: mídia, ciência e demais organizações..	60
3.2.2 As principais dificuldades vivenciadas pelas travestis.....	62
3.2.2.1 Relações interpessoais: entre encontros e desencontros.....	63
3.2.2.2 O lugar da escolarização: Contradições e contrastes.....	67
3.2.2.3 O Mundo do trabalho: a Heteronormatividade como barreira.....	68
3.2.2.4 O uso do banheiro: um não-lugar para as travestis.....	71
3.2.3 Significados atribuídos a travestilidade por elas mesmas.....	72
3.2.3.1 Travesti como a expressão da fluidez e os estereótipos de gênero.....	73
3.2.4 Âmbitos de sociabilidade onde as travestis participam.....	76
3.2.4.1 Lugar de travesti é no mundo: dialética da exclusão/inclusão.....	77
3.3 DISCUSSÃO FINAL.....	78
CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS.....	83
REFERÊNCIAS.....	87
APÊNDICES.....	100
APÊNDICE A: Organização dos Núcleos de Significação.....	101
APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	102

APÊNDICE C: INSTRUMENTO DE PESQUISA	103
ANEXOS	104
ANEXO I - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	105

INTRODUÇÃO

Esta dissertação, intitulada ser travesti: significados atribuídos por um grupo de travestis da cidade de Manaus, teve como finalidade investigar quais os significados da travestilidade por travestis que moram na cidade de Manaus. Está orientada na Psicologia Histórico-cultural proposta por Vygotsky, o qual parte da perspectiva do materialismo histórico dialético, que “concebe a história como um processo contraditório, produto da ação dos homens em sociedade, para a construção de sua própria existência” (GONÇALVES, 2001, p.38). Tal fundamento permite superar a dicotomia entre subjetividade/objetividade dos fenômenos psicológicos e assim abarcar a totalidade dos processos que envolvem o seu desenvolvimento.

Os significados da travestilidade podem ser concebidas pela Psicologia histórico-cultural como um processo complexo, inacabado, “resultando do processo constante de tensão entre o sujeito histórico e as condições materiais em que vive” (FARIA; SOUZA, 2011, p. 42). Em outras palavras, uma pessoa não se desenvolve separada do contexto em que vive, ou seja, qualquer fenômeno subjetivo não poderá ser visto descolado de uma dada realidade objetiva, histórica e concreta. Neste sentido, ao buscar a compreensão dos significados atribuídos à travestilidade por um grupo de travestis nos comprometemos a considerar o caráter relacional das concepções sociais, a história e os movimentos culturais que as atravessam e são atravessadas por elas no seu curso de vida.

Vygotsky defende uma abordagem teórica e metodológica que prioriza o processo de transformação como seu objeto de estudo, evidenciando o papel ativo das pessoas na construção de suas próprias existências, na assunção de protagonismo, transformando o mundo e sendo por ele transformado, em um movimento contínuo e dialético com a realidade (JOHN-STEINER; SOUBERMAN, 1998). Nessa concepção, o ser humano é compreendido

como um Ser aberto para as mudanças, dessa forma, ele não poderá ser cristalizado em modelos estáticos, visto que tanto as pessoas quanto seu contexto são dinâmicos.

No percurso desse estudo, atentou-se prioritariamente para as explicações dos fenômenos humanos e não somente na pura descrição deles, isso foi necessário porque devido à complexidade em que se efetiva o desenvolvimento de uma pessoa, as explicações nos permitem apreender os processos diferenciados por meio do qual se expressa o desenvolvimento (GONZÁLEZ REY, 2004). Reitera-se que ao falarmos em desenvolvimento de travestis, mas focaremos as múltiplas dimensões envolvidas, como as psíquicas, sociais, históricas e culturais em seu processo de apreensão dos significados presentes em sua realidade.

Os estudos envolvendo as travestilidades tem despertado interesse de pesquisadores de várias partes do Brasil, os quais tem trazido para o meio científico aspectos de suas vivências e as peculiaridades relativas aos seus modos de vida (SILVA, 1993; DUQUE, 2011; BENEDETTI, 2005; CARDOZO, 2007; PELÚCIO, 2006; PELÚCIO, 2009; PERES, 2005; PERES, 2012). Os dados têm explicitado inúmeras contradições e ambiguidades que a vivência de travestis despertam na sociedade, bem como há muitos questionamentos que essas pesquisas enfocando as travestilidades nos suscitaram, como concepções errôneas, estereotipadas, incongruentes e distantes dos modos de vida das travestis por uma parte da sociedade.

Percebe-se que grande parte das pesquisas com travestis tem elegido prioritariamente os espaços de prostituição como lócus privilegiado para investigação, entendido como um dos âmbitos possíveis para a existência das travestis. Subjacente a isto, destaca-se que ainda existem muitas lacunas quanto ao conhecimento do processo de desenvolvimento integral, havendo carência de estudos sobre outras possíveis relações entre as questões sócio-históricas e culturais e seu desenvolvimento.

Ao eleger como objeto de investigação os significados da travestilidade, espera-se colaborar com os conhecimentos que transitam no meio acadêmico, social e científico na medida em que seus modos de vida possam ser descortinados. Deseja-se também que com seus relatos possamos contribuir com a visibilidade de suas peculiaridades, bem como a desnaturalização de qualquer “destino social” atribuído a essas e outras pessoas por não reproduzirem a heteronormatividade em seus corpos e mentes.

É pertinente também, conhecer por meio das travestis quais são os lugares onde há a sua participação, bem como de quais contextos não participam, pois, esta informação será

importante porque poderá subsidiar o planejamento de políticas públicas, a participação dos movimentos sociais e da academia na construção de uma sociedade mais igualitária, onde sejam fomentadas propostas de inclusão da temática travestilidade nas áreas da saúde, educação, assistência social, entre outras.

Outra questão importante neste estudo se refere ao que pode ser elaborado, construído e apontado quanto às significações da travestilidade que talvez ainda não estejam encontrando ressonância com a comunidade LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais), daí a importância de ouvi-las e conhecer seus modos de existência, dificuldades e estratégias de coexistência com outros grupos. Os resultados deste estudo podem ser indicadores para compreendermos a forma como essas pessoas significam o contexto onde moram. Partimos de um pressuposto de que a travesti apresenta toda pluralidade e dinamicidade como qualquer outra pessoa, entretanto, destaca-se que suas realidades têm sido frequentemente apontadas no meio sociocultural, desconsiderando suas nuances e peculiaridades, sendo percebida de forma bastante fragmentada.

O saber que essa dissertação se propõe empreender, é um saber, antes de tudo oriundo de uma relação de intercâmbio entre o pesquisador e as falas das travestis, possuindo uma visão holística, bem como atentando para a complexidade desse encontro de subjetividades. Não temos a pretensão de esgotar ou abarcar todos os significados que atravessam e são por elas atravessadas, que as constroem e são por elas construídas. Entendendo que essas pessoas aqui apresentadas são produtos e produtoras de todo um contexto sócio-histórico, de uma realidade muito mais ampla, diversa, multidimensional, multidirecional.

Um aspecto que deve ser considerado ao enfocarmos os significados da travestilidade, e a constatação, a partir de dados oriundos de diferentes âmbitos, que o Brasil é um país que apresenta os maiores índices de violência contra pessoas que possuem sexualidades não heterossexuais (MOTT, CERQUEIRA, 2003; MOTT *et al*, 2010; CARRARA *et al*, 2003; RAMOS, 2005; RAMOS, CARRARA, 2006; CARRARA; VIANNA, 2006; MARTINS *et al*, 2010; LOMANDO, NARDI, 2013). Os autores reiteram que a comunidade LGBTT sofre os mais distintos processos de violências, que podem ser físicas, mas também psicológicas.

Aponta-se também a vulnerabilidade a que travestis estão expostas cotidianamente, representada nos elevados índices de violência que as acomete, esse dado pode ser ilustrado nos dados coletados em programas como o DDH (disque defesa homossexual), na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1999. Nele foi impactante o elevado nível de crimes de ódio contra

travestis, pois dos 21 casos de assassinato comunicados ao DDH, pelo menos 13 estavam relacionados a vitimização de travestis (RAMOS, 2005). Essa é a população LGBTTT com maior exposição a violência, atualmente.

Levanta-se como problemática que justifica esse estudo, o fato de que a discriminação e outras formas de violência contra travestis ocorrem, entre outras coisas, devido ao silenciamento e invisibilidade sobre questões relativas às suas vivências, principalmente sobre como se dá o seu processo de desenvolvimento, e devido esse desconhecimento, reforçam-se práticas discriminatórias. Aponta-se que a ausência de conhecimentos sobre o seu desenvolvimento somado ao machismo e sexismo também contribuem com a legitimação do lugar da transfobia nas relações, retroalimentando cada vez mais o ódio contra esta população.

No contexto Brasileiro, atualmente fala-se com maior frequência em homofobia ao tentar qualificar os crimes contra a população LGBTTT (POSSAMAI, NUNES, 2012). Sobretudo através de enunciados, que trazem uma forte carga de violência simbólica, que explicitamente/implicitamente incutem na população um pânico social em relação as pessoas não heterossexuais, ou por meio de discussões onde prevalece o medo de que os jovens se tornem em lésbicas, gays, bissexuais, travestis ou transexuais. Um exemplo disso foi o projeto “escola sem homofobia”, denominado pela bancada evangélica de “*kit gay*”, que tinha como proposta a realização de educação sexual com crianças e adolescentes nas escolas públicas, sendo barrado na câmara dos deputados.

Esforços coletivos foram realizados quanto a promoção dos direitos e dignidade das pessoas do meio LGBTTT. Destacando-se o programa Brasil sem homofobia (2004), o Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (2009), o Decreto Presidencial de 4 de junho de 2010 que institui o dia nacional de combate à homofobia (2010), a Portaria de Secretária de Direitos Humanos da Presidência de República nº 776, de 3 de julho de 2013, que institui o sistema nacional de promoção de direitos e enfrentamento à violência contra Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (2013). Todas essas ações envolvem o poder público em parceria com os movimentos sociais, tendo reflexo nos diversos segmentos da sociedade, os quais tem procurado minimizar as formas da violência que afetam diariamente essa população.

Apesar dos avanços na promoção de direitos das pessoas LGBTTT, reitera-se que há uma forte presença de diferentes formas de violações de direitos, problematiza-se que existem mecanismos sociais e históricos que dificultam às travestis ao acesso e permanência

nos âmbitos de escolarização, qualificação profissionalizante, bem como excluem, marginalizam, e também podem ser indicadores da ausência de sua participação política efetiva no movimento LGBTT. Acredita-se que essa é a mesma estrutura social que ocasiona a ausência do seu protagonismo em projetos que possam trazer tanto a conscientização, quanto o fortalecimento desse grupo frente às visões estereotipadas que reforçam o preconceito e a discriminação contra elas, dificultando o seu acesso a serviços sociais e de saúde e às prevenções às IST (infecções sexualmente transmissíveis), como o HIV/AIDS.

Em um primeiro momento, surgiram algumas questões disparadoras para nossa discussão: Quais são as influências sociais e históricas nesse desenvolvimento? Isso nos levou a pensar também nas relações de gênero, pois o que de fato torna alguém um homem? E o que o torna uma mulher? Ter atributos masculinos ou femininos influenciam? O quanto a heteronormatividade interfere em seus desenvolvimentos? Por que falar em desenvolvimento quando pensamos nas travestilidades? Quais são/foram suas dificuldades no seu curso de vida? Quais os significados de ser travesti para elas?

A partir dessa breve explanação, problematizou-se: quais são as influências sociais, históricas e culturais na vida das travestis? Quais são as principais dificuldades enfrentadas por elas? De quais contextos de sociabilidade elas participam e de que forma é essa participação? Estas foram as questões norteadoras nesse estudo e aparecem como fundamentais para compreender o quanto os significados das travestilidades por um grupo de travestis influenciam/relacionam-se em seus modos de subjetivação/objetivação com a realidade, entendendo que construir conhecimentos é uma das maneiras de conhecer as lacunas que precisam ser ajustadas e em que lugares sua permanência é fomentada, na medida em que se contribui com a ampliação da compreensão sobre os atuais postulados sobre as identidades transexuais e travestis.

Este estudo apresenta sua relevância enquanto construção científica, pois ao focar nos aspectos relativos aos significados atribuídos a travestilidade por elas mesmas cria a possibilidade de articular os achados com a construção de referenciais de atuação nas políticas públicas, que possam ir além do âmbito de saúde como no caso dos programas de IST/AIDS, mas que levam a pensar em outros contextos de enfoque, priorizando a construção de um lugar democrático onde travestis possam ser mais que números de prontuários ou ter seus nomes sociais aceitos nas repartições públicas.

A temática “travestis, travestilidade” encontra congruência com o meu interesse, pois enquanto psicólogo tive a oportunidade de coordenar GT (grupo de trabalho) de diversidade

sexual do CRP- 20 (conselho regional de psicologia) AM, AC, RR, RO no período de 2012 a meados de 2013. No desenvolver do trabalho junto à comunidade LGBTT, tive a oportunidade de perceber que muitas concepções socialmente instituídas no que se refere a gênero e sexualidades apresentam inúmeras lacunas, principalmente quanto ao conhecimento sobre peculiaridades, necessidades e demandas que esta população possui.

O universo das travestis é permeado por diferentes aspectos, nuances e facetas que são atravessadas por dimensões sócio-históricas, dessa forma, precisam ser objeto de estudo para não correremos o risco de apresentar imagens performáticas e estereotipadas, desconsiderando os processos subjacentes a sua construção enquanto pessoa.

Com base nessa explanação, optou-se como objetivo geral: Compreender os significados da travestilidade para um grupo de travestis da cidade de Manaus. E como objetivos específicos tem os seguintes:

A). Identificar as construções conceituais acerca dos modos de vida de travestis que vivem no contexto sociocultural estudado.

B). Conhecer quais são as principais dificuldades na trajetória de desenvolvimento de travestis.

C). Investigar quais são os significados atribuídos a travestilidade pelas respondentes

D). Identificar os âmbitos de sociabilidade onde as travestis participam.

Esta pesquisa foi desenvolvida através do laboratório de pesquisa em desenvolvimento humano e educação da faculdade de psicologia da Universidade Federal do Amazonas, tendo como coordenação a professora doutora Iolete Ribeiro da Silva. Sendo um contexto que possui atividades voltadas para participação social; protagonismo; envolvimento com a realidade política, histórica e cultural do contexto amazônico.

Entre os estudos vinculados a este laboratório que estão relacionados à temática desta dissertação, podemos destacar o trabalho de Ângelo Cabral Esperança, “homossexualidade: o sentido e o significado para docentes e discentes de cursos de licenciatura da universidade federal do amazonas” (2009); André Luiz Machado das Neves, “os significados atribuídos por professores à protagonismo em projetos de igualdade de direitos voltados a diversidade sexual” (2013); Fabiane Aguiar Silva, “Masculinidades em/na construção: sentidos de ética nas relações de gênero de trabalhadores da construção civil” (2015); Ane Caroline Nunes, “Os significados da escolarização para travestis da cidade de Manaus” (2015).

Esses trabalhos contribuíram significativamente para embasar a reflexão crítica sobre a minha postura como agente político de mudanças e representam uma construção histórica

fundamental na minha inserção nesta pesquisa. Estes também evidenciam o caráter politizado e comprometido com as populações historicamente excluídas dos processos de participação social e política, sendo trabalhos que não somente visam pensar a realidade, mas sobretudo, propiciar transformações sociais.

O presente estudo encontra-se estruturado em três capítulos: referencial teórico; Procedimentos metodológicos e Apresentação e análise dos resultados. No primeiro capítulo concernente ao referencial teórico serão discorridos quatro tópicos em linha com os objetivos da pesquisa, os quais abordarão em sequência:

- Gênero e sexualidade na sociedade ocidental, onde serão apresentadas questões de ordem social, histórica e cultural quanto as expressões de gênero e sexualidades em nossa sociedade;
- Principais dificuldades no desenvolvimento das travestis: alguns apontamentos de estudos com a temática, onde apresentaremos achados de outros estudos sobre barreiras e dificuldades enfrentadas pelas travestis;
- As travestis e a perspectiva do materialismo histórico dialético: aspectos do seu desenvolvimento e os postulados teóricos, onde serão realizadas articulações entre os estudos e postulados de diferentes autores alinhados em perspectiva do materialismo histórico dialético e o desenvolvimento das travestis;
- A participação das travestis nos âmbitos de sociabilidade. Trazendo para discussão pesquisas que direta ou indiretamente trazem a participação das travestis nos âmbitos de sociabilidade;

O próximo capítulo aborda sobre os procedimentos metodológicos que foram empregados, explicitando a natureza da pesquisa e os aspectos. Orientou-se por uma metodologia de cunho qualitativo, utilizando como instrumento de pesquisa a entrevista semiestruturada, que propicia através de algumas questões norteadoras, tanto a maior abertura do entrevistador em formular as perguntas, quanto a liberdade do entrevistado no que se refere a explicitação de seus conteúdos, história de vida, valores, etc. Essa metodologia foi escolhida por dialogar com os postulados da Psicologia Sócio-Histórica, por destacar que um método de pesquisa “deve se constituir, a um só tempo, ferramenta e resultado da investigação, demandando, portanto, um trabalho de construção permanente do pesquisador” (SOUZA, ANDRADA, 2013, p. 362). Não se limitando a somente descrever os fenômenos, mas pensar no mundo como possibilidade de transformá-lo.

No último capítulo apresentamos os resultados e análise dos resultados, indicando quais são as influências sociais e históricas, dificuldades, significados e âmbitos de sociabilidade, objetivando compreender quais são as nuances e peculiaridades em ser travesti na cidade de Manaus a partir de suas falas. Buscando articulação entre as suas falas e as concepções sobre elas presentes no seu contexto, ancorando as aparentes contradições em um processo dialético entre interno/externo, subjetivo/objetivo e singular/plural. A partir dos núcleos de significação, os achados foram discutidos e articulados com o referencial teórico, de forma a manter ou elaborar novas significações sobre o ser travestis na cidade de Manaus.

CAPITULO 1

1. REFERÊNCIAL TEÓRICO

1.1 GÊNERO E SEXUALIDADE NA SOCIEDADE OCIDENTAL: PISTAS SOBRE A PRODUÇÃO IDENTITÁRIA TRAVESTI.

A partir da abordagem sócio-histórica, compreendemos não ser possível adentrarmos uma discussão sobre ser travesti ou as travestilidades, sem antes nos aprofundarmos na contextualização histórica sobre as questões de gênero e sexualidades na sociedade ocidental, por entender que essas são dimensões que nossa sociedade assumiu como um lugar prioritário para manifestação de subjetividades. Em outras palavras, podemos afirmar que qualquer gênero ou sexualidades não surgem descolados de uma realidade que é social e histórica, sendo permeados por um universo de significações presentes em determinado contexto.

Apreendemos que a sexualidade em nossa sociedade é uma das dimensões existenciais de grande importância para uma pessoa, pois assume um lugar proeminente no seu desenvolvimento, a qual encontra-se relacionada aos valores, crenças, comportamentos, relações socialmente construídas e historicamente situadas, as quais influem na relação com os corpos, desejos e práticas sexuais. Podemos dizer que ela é compreendida como uma dimensão que envolve “complexos processos de aprendizagem sociocultural e se atualizam cotidianamente através das formas sociais culturalmente convencionadas” (HEILBORN, 2012, p. 10). Sendo importante para o bem-estar biopsicossocial de um determinado sujeito.

Estudiosos da temática apontam que durante um período relativamente grande da história da humanidade, enfocou-se uma abordagem biologizante e naturalista na forma de compreendê-la (GALINKIN, SANTOS, ZAULI-FELLOWS, 2010; LAUQUER, 2001; BENTO, 2006; ARIÉS, 1985; RUBIO, 2013). Entretanto, esses mesmos autores denunciam que a construção da sexualidade apresenta diferenças marcantes das associadas a um olhar hegemonicamente produzido.

A partir de um olhar judaico-cristão, sexualidade foi durante algum tempo abordada apenas enfocando-se os aspectos estritamente biológicos, onde se valorizava apenas uma dimensão, naturalizando-se as expressões do gênero de acordo com a maturação do organismo (DINIS; LUZ, 2007). Entretanto, entende-se que a sexualidade e o gênero não podem ser reduzidas a “explicação do amadurecimento sexual orgânico” (HEILBORN, 2012, p.63-64). Na atualidade, partindo da perspectiva histórico-cultural, ela é vista a partir de um enfoque muito mais complexo e dinâmico e não mais em uma abordagem estritamente biológica, pois considera que os aspectos históricos e socioculturais se encontram fortemente envolvidos no seu processo de desenvolvimento.

Entende-se que a sexualidade e gênero fazem parte do cotidiano de pessoas de todas as culturas humanas e fundamentam-se como um dos pilares centrais na formação de todas as sociedades, neste sentido, percebe-se que esta dimensão se encontra “presente desde o nascimento, tendo um tempo e um ritmo que lhe são próprios” (FRANCA; BAPTISTA, 2007, p.202). Entretanto, a sociedade na qual uma pessoa está inserida lhe direcionará para determinadas formas de exercer essa sexualidade, isso é corroborado por Bicalho *et al* ao enfatizar que “a sexualidade como conhecemos e suas normas operam como um potente dispositivo de controle de corpos, populações e modos de existência” (2012, p. 34).

Ao pensarmos na cultura ocidental, entendemos que a mesma apresenta em sua constituição histórico-cultural uma forte presença dos valores judaico-cristão, para o qual a sexualidade sempre foi um incômodo, fazendo com que ela fosse gradativamente controlada, intensificando seu domínio sobre o que deveria ser disseminado no meio social. A sua principal estratégia de controle estava amparada na representação da união do homem e da mulher no matrimônio como único lugar possível para vivenciar a sexualidade, sendo uma das formas de vigilância, criando um aparato de técnicas e formas de poder para que as pessoas fossem conduzidas a confidenciar suas questões ao sacerdote, através daquilo que foi sendo estruturado a partir do século XV como forma de desvendar das pessoas suas informações mais íntimas (DANTAS, 2010).

Além dos processos religiosos, ao pensarmos na relação que as sociedades ocidentais estabeleceram com as manifestações da sexualidade devemos recorrer aos processos políticos e ideológicos que fundamentaram sua formação, isso porque a classe social dominante, conhecida como a burguesia capitalista coloca no gênero e na sexualidade o lugar social onde se deveria vigiar, confessar e transformar em discurso, o qual a mesma, não recusa em reconhecer sua pertinência, entretanto, acaba instaurando um aparelhamento para produzir discursos de verdade sobre o sexo (FOUCAULT, 1988). Os quais, entre outras coisas, colocaram no sexo como um estigma e cabia a mulher ser recatada, obediente ao marido e a igreja, trazendo um silenciamento sobre determinadas vivências.

O discurso científico também foi influenciado pelas ideologias religiosas e seus valores como forma de estabelecer uma verdade sobre sexo e sexualidade, dessa forma, compreende-se que “o sexo torna-se objeto de saber por meio de dispositivos de poder nos discursos sobre a sexualidade presentes, por exemplo, no discurso médico científico que busca a normatização da sexualidade” (DINIS; LUZ, 2007, p.11). No que se refere a esse olhar biomédico, Foucault aponta que a psiquiatria teve forte colaboração nesses discursos incluindo as perversões sexuais e desvios de comportamento como forma de monitorar as pessoas “extravagantes”, bem como a própria justiça penal com os crimes antinaturais, todos estes exercendo controle social sobre as sexualidades, passando a tentar regular, proteger e prevenir possíveis de desvios e perigos ao se falar sobre o sexo e a sexualidade (1988).

Todas essas contradições implicam em determinadas formas como será o desenvolvimento da sexualidade e a identidade de gênero em uma pessoa na sociedade ocidental. Ambas serão atravessadas por discursos repressores quanto a suas manifestações. Destaca-se que as relações entre as pessoas foram mais vigiadas e controladas, as quais evidenciam contradições e paradoxos, devido as marcações fundamentadas em um machismo que aponta para formas lineares de existência para as pessoas de acordo com seu sexo biológico, contudo, “um corpo com caracteres masculinos não indica que o sujeito esteja em uma posição masculina, nem tampouco que as características biopolíticas femininas definem uma mulher” (PHILIPPI, 2005, p.29). Entretanto, ainda predomina em nossos significados compartilhados no meio social a representação de que existe uma ligação natural entre sexo, identidade de gênero e orientação sexual, não havendo a possibilidade de negociações com o sistema sociocultural dominante.

A partir da contextualização da forma como as identidades de gênero e as sexualidades estão estruturadas no ocidente, sendo permeadas por valores, crenças e práticas

historicamente situadas, nos da base para compreender o universo da diversidade de gêneros como possibilidade. As construções de gênero podem ser compreendidas como todas aquelas manifestações de identidade de gênero humana que vão para além dos limites estabelecidos pela norma heteronormatividade, as quais se fundamentam nos binarismos macho/masculino/homem versus fêmea/feminino/mulher, onde postula-se que “fora desses dois pólos e desses dois gêneros, não há humanidade possível” (ALOS, 2011, p. 424). Dessa forma, aqueles que não se enquadram nesses moldes estabelecidos pela sociedade são vistos como pessoas anormais.

Entretanto, compreende-se que “as relações sexuais entre pessoas do mesmo sexo sempre existiram, desde as sociedades primitivas, em todas as culturas” (PALMA; LEVANDOWSKI, 2008, p.771). Dito de outra forma, não somente as relações sexuais não heterossexuais sempre existiram, como também a multiplicidade de gêneros, apesar disso, em nossa cultura há uma forte resistência aos gêneros que não se enquadram no padrão normatizado, essa negação em alguns casos chega a desencadear expressões de homofobia, transfobia, lesbofobia, etc. Isso ocorre, entre outros motivos, porque “os grupos aos quais as pessoas pertencem, afetam fortemente suas atitudes e sustentam um conjunto de diferentes normas em relação à sexualidade” (PAIVA *et al*, 2005, p.56). Ou seja, as pessoas são influenciadas pelo contexto sócio-histórico do qual fazem parte.

Aponta-se para a predominância de discursos normativos em relação ao sexo/sexualidade/gênero que se manifestaram através de significados, legitimados por falas socialmente compartilhadas e legitimadas, os quais durante muito tempo patologizaram todas as identidades de gênero que não estivessem moldadas a partir do princípio heteronormativo, um exemplo disso está na própria homossexualidade, que “foi considerada uma *doença*, e os indivíduos com práticas homossexuais, tratados como se fossem portadores de alguma patologia ou distúrbio” (TERTO, 2002, p.10). Dessa forma, compreende-se que aspectos do desenvolvimento das identidades de gênero destoantes do modelo pressuposto tendem a chocar-se com essas concepções, podendo influenciar na construção da identidade de uma pessoa.

Na contemporaneidade aponta-se que a caracterização das identidades de gênero e sexualidades descoladas dos moldes heteronormativos como algo antinatural, pecado, doença, imoralidade e abominação, entre outros, foram excluídos do meio científico bem como foram retirados dos discursos oficiais de grande parte dos governos (LOMANDO; NARDI, 2013). Paralelamente a essa mudança, no contexto ocidental ainda coexistem

enunciados que caracterizam as expressões de identidade homossexual, bissexual, travesti, transexual, lésbicas, etc. Como anomalias ou uma exceção em relação à sexualidade e o gênero dito “normal” (BRITZMAN, 2009). As quais trazem conotações negativas e patologizantes as vivências das sexualidades não heterossexuais, reforçando sentimentos de aversão e ódio a essas pessoas, fortalecendo a transfobia e homofobia em nossa sociedade.

Quanto a isso, aponta-se que apesar de inúmeras transformações sociais e históricas de nossa sociedade tenham produzido alterações, e porque não dizer, avanços, de certa forma nas relações de gênero, a cultura brasileira permanece marcada por uma categorização de gênero que coloca as pessoas em níveis de atitudes e qualidades contrastivas (HEILBORN, 2012). Quando aplicamos essa mesma relação as pessoas travestis e transexuais, que por desconstruírem os padrões heteronormativos, no que se refere a lógica sexo/sexualidade/orientação sexual/gênero, esse dado se torna ainda mais discrepante, devido ao nível de negatividade, estigmas e repressões que essas pessoas são expostas diariamente.

De maneira geral estudos enfatizam que no meio social elas são vistas como “marginais, criminosas, vergonhosas, obscenas, desocupadas, inferiores. Desqualificações dessa ordem são projetadas pela sociedade maior sobre as travestis, notadamente por serem homossexuais e viverem da prostituição nas ruas” (FERREIRA, 2009, p. 12). Essas representações continuam a ser reforçadas também pelo discurso científico em que “a produção do discurso acadêmico sobre travestis ainda está diretamente ligada à prostituição, à vigilância e estigmatização diante do HIV/aids” (AMARAL, 2014, p.15).

Arelado a uma visão materialista histórico-dialética, entendemos que não é possível negar o contexto social, por ser uma realidade concreta, mas que o sujeito, seu corpo e subjetividade não podem ser consideradas passivas a serem preenchidas por significados sociais, mas tem um papel ativo na construção de significados, “assim, ao manipular as formas masculinas de seus corpos, as travestis incorporam significados de gênero polimorfos que são perpetuados socialmente” (BORBA; OSTERMANN, 2008, p. 18). Nisso, encontra-se seu poder de agência sobre essa realidade, em outros momentos elas próprias denunciam e borram as fronteiras de gênero “entre estes dois termos, pois estes circundam a multiplicidade de performances de gêneros e sexualidades que nestes casos extrapolam sólidas categorias” (AMARAL, 2014, p. 22).

1.2 DIFICULDADES VIVIDAS PELAS TRAVESTIS: APONTAMENTOS DE ESTUDOS COM A TEMÁTICA.

Conhecer quais são as barreiras ou dificuldades que as travestis tiveram é um passo fundamental para compreendermos as nuances e aspectos particulares que interferiram em seu desenvolvimento. Para isso, nos lançamos em busca de uma revisão de literatura bastante densa com objetivo de conhecer quais outros estudos sobre a temática que tem identificado algumas dessas questões enfrentadas por elas.

Ao estudarmos sobre as dificuldades no desenvolvimento de uma travesti, vimos que entre as questões frequentes que estão relacionadas a elas em outros trabalhos são as formas de violência (PERES, 2005; BENEDETTI, 2005; CARRARA; VIANNA, 2006; KULICK, 2008; CARDOSO, 2009; FERREIRA, 2009; PELÚCIO, 2011). Contudo, apreendemos neste trabalho que a violência não é um fim em si mesmo, mas que “é o resultado da complexa interação de fatores individuais, de relacionamentos estabelecidos, comunitários e sociais, sendo necessário ter sempre em mente as interseções e conexões existentes entre os diferentes níveis” (ASSIS; MARRIEL, 2010, p. 42).

Os estudos são importantes para compreender como é a vida das travestis e transexuais em sua relação com a sociedade, onde não se naturalizam essas relações, mas de acordo com a Psicologia sócio-histórica, tem suas relações construídas no meio social. Em linha com esse entendimento, destaca-se que as travestis são tratadas com extrema discriminação no contexto brasileiro (AMORIM *et al*, 2013). Elas trazem em seus corpos os sinais da violência diária, como trabalho realizado na cidade de Belém com as travestis que vivem da prostituição, que aponta que ela se manifesta em múltiplas formas e envolve diferentes sujeitos (FERREIRA, 2009).

Em estudo realizado no município do Rio de Janeiro, por Sergio Carrara e Adriana Vianna, os quais abordam a violência letal contra as travestis, destacam que elas aparecem como as pessoas com maior vulnerabilidade a crimes de execução, onde atrela-se a seu envolvimento com a prostituição como um provável indicador a isso. Reiteram que é na rua onde ocorrem a maioria dos assassinatos de travestis, sendo todos a crimes de execução, enfatizam ainda que os casos de execução são geralmente arquivados (2006).

Outro contexto abordado em pesquisas, além da prostituição, em que as travestis têm enfrentado muitas dificuldades é no âmbito escolar (PERES, 2005; MONTREOZOL, 2011;

CARDOZO, 2009; AMARAL, 2012; BOHM, 2009). Nisto, destaca-se o fenômeno bullying, que pode ser definido por “intimidação e violência, tanto física quanto psicológica, praticadas contra um ou mais indivíduos de forma repetitiva e contínua com o objetivo de maltratar, intimidar, molestar e difamar pessoas em desvantagem de situação” (MASCARENHAS *et al*, 2013, p.102). Indica-se que o bullying está presente em diversos trabalhos com as travestis, dificultando a sua permanência nos contextos de escolarização.

O espaço escolar representa um contexto de conflitos e ofensas morais para muitas travestis e transexuais. Sendo um âmbito onde se estabelece um duelo entre dimensões contraditórias, situadas entre “o desejo das travestis e a heteronormatividade pressuposta e reproduzida pela educação formal. Não raras vezes, a evasão escolar se configura como um desfecho viável, quase inevitável na experiência dessas sujeitas” (CARDOZO, 2009, p.185). Isso também é reiterado no estudo de Peres, ao enfatizar que a discriminação sofrida pelas travestis na escola ocasiona “o abandono dos estudos e conseqüentemente à marginalização” (2005, p.57).

O banheiro é apontado como um lugar delimitado e exclusivo para aqueles que possuem um gênero/corporeidade 'demarcado'. Sendo um dos contextos no interior da escola que as travestis enfrentam muitas dificuldades, sendo reiterado nas palavras de Alessandra Bohm sobre este lugar, ao destacar que “rechaçam tudo aquilo, ou todos/as aqueles/as que lhes parecem estranhos, fora da norma” (2009, p. 61). Dessa forma, o direito das travestis de utilizarem o banheiro fica comprometido, por desestabilizarem as concepções instituídas.

A relação familiar na vida de uma travesti é um ponto ambíguo, sendo perceptível em algumas investigações com a temática, como o trabalho de Kulick com travestis de Salvador, em que em determinado momento diz que em relação a auxílio familiar, fica perplexo com a “crueldade com que algumas famílias tratam os filhos ou irmãos que se tornaram travesti é perturbadora” (2008, p.193).

Em seu estudo com travestis em oficinas, Peres evidencia o conflito residente nos seus relacionamentos familiares, onde em um momento enfatiza que “são raras as famílias que conseguem expressar tolerância e estabelecer uma relação de aceitação e convívio tranquilo” (2005, p. 54). Embora, faça essa afirmação, em outro momento ele aponta que “atualmente tem sido possível encontrarmos famílias mais acolhedoras dos modos de ser de seus filhos” (2005, p. 56). Em outro Trabalho, realizado por Cardozo reitera-se o caráter contraditório dos relacionamentos entre muitas travestis e seus familiares, os quais vão desde

a expulsão de casa, sendo rejeitadas e sofrendo todo tipo de punição, até relatos que indicam a aceitação, acolhimento e proteção (2009).

Essas situações difíceis que abarcam a suas vivências em vários contextos da sociedade, como na escola e na família, também perpassam pelas relações entre as próprias travestis, de forma que “a dor é, no contexto específico de suas histórias de sociabilidades cotidianas – que são permeadas por uma atmosfera de aspereza, luta, confrontos rotineiros com a sociedade mais ampla, assim como suas relações interpessoais” (FIGUEIREDO, 2011, p. 12). Seus relacionamentos interpessoais aparecem comprometidos, onde seus próprios pares são reforçadores de preconceitos e discriminações do meio social, onde “nas próprias relações no meio LGBTT, em que, por exemplo, gays contra travestis, ampliando o ciclo de violência” (RIBEIRO *et al*, 2006, p. 25).

Outra dificuldade apontada refere-se as questões de trabalho e empregabilidade, como no estudo de Peres, na qual uma das queixas das travestis era de “terem que se prostituir, por não conseguirem empregos ou oportunidades de renda para os seus sustentos” (2005, p. 57). Somado a isso, estão “as dificuldades de acesso à profissionalização que se impõem às travestis, na medida em que elas se distanciam daquilo que a sociedade aceita e considera normal” (AMORIM *et al*, 2013, p. 43).

Esse dado também pode ser achado no estudo de Cardozo, na qual descreve também alguns lugares possíveis para seu desenvolvimento profissional, situados em um universo bastante limitado, como serem cabeleireiras, faxineiras ou costureiras, de forma que elas acabam entendendo “a prostituição como profissão possível material e socialmente, sobretudo tendo em vista os casos de baixa escolaridade” (2009, p. 191).

Ao pesarmos na discussão sobre a violação dos direitos das travestis em nosso contexto em relação a outros países da América Latina, identificamos realidade semelhantes, nisto, fazemos menção do trabalho de Renaud Boivin no México, que enfatiza sobre as travestis e transexuais que “La discriminación en el mercado de trabajo impide el acceso a un empleo formal a transexuales y travestis, quedando el trabajo sexual como única fuente de recursos económicos en algunos casos” (2014, p. 13). Em outro trabalho realizado em Lima, Peru, destaca que diante da realidade desfavorável em que vivem, situadas nas precariedades econômicas e estigmatização social que as coloca fora do mercado de trabalho, “La actividad de estos travestis en la prostitución constituye una elección identitaria para vivir su sexualidad homosexual y transformista, consiguiendo simultáneamente un recurso económico para sobrevivir” (CAVAGNOUD, 2014, p.17).

A partir desses achados, problematiza-se que as travestis, tanto no Brasil, quanto em outros contextos Latino-Americanos enfrentam muitas dificuldades em diferentes dimensões de seu desenvolvimento, desta forma, apontamentos para o trabalho de Martin-Baró e a crítica a uma psicologia que se propôs ser neutra, objetivista e a-histórica, e a construção de uma abordagem epistemológica que tem como seu fundamento pensar quais os critérios de verdade comumente utilizados para legitimar o conhecimento em psicologia e a serviço de quem (ou de quê) são estruturados. (CIDADE; MOURA; XIMENES, 2012). A partir do momento que se pretende uma Psicologia para a América Latina, deve-se partir dessa realidade para formular conhecimentos coerentes com seus anseios.

Um apontamento feito a partir de uma revisão bibliográfica bastante densa sobre a temática travesti é que há indicadores nas pesquisas de que elas sofrem distintas formas de violência, entretanto, embora mencionadas na grande parte dos trabalhos, ainda não possuem visibilidade suficiente para que esses dados possam ter desdobramentos práticos em programas e projetos, até mesmo subsidiar políticas de enfrentamento a violências contra as travestis (AMARAL, 2014).

Paralelamente, destaca-se que alguns programas voltados para a comunidade LGBTQTT se estruturaram em torno do eixo violência, um exemplo disso encontra-se no programa Disque Defesa Homossexual (DDH), criado em 1999 pela secretária de segurança do Rio de Janeiro, onde de acordo com seus dados, pode-se caracterizar a natureza distinta da homofobia, entre as quais, destaca-se as agressões físicas, intimidações, assassinato ou tentativa de assassinato, casos de latrocínio, extorsão e golpes, posteriormente foram sendo criados outros programas governamentais, da legislação e jurisprudência que visam garantir a promoção da igualdade de direitos bem como diminuir a violência à população LGBTQTT (RAMOS, 2005).

Outro programa que surgiu devido aos elevados níveis de violência homofóbica no meio LGBTQTT, no ano de 2004, foi o programa intitulado “Brasil sem Homofobia: Programa de combate à violência e à discriminação contra LGBTQTT e de promoção à cidadania homossexual” surgindo como uma política pública de fortalecimento da comunidade LGBTQTT, quanto a seu reconhecimento enquanto cidadãos de direitos, sendo considerado um marco histórico na luta pelos direitos humanos, pelo respeito a diferenças e a valorização da dignidade humana, entre suas ações no período compreendido entre 2004 à 2007 constava o apoio a projetos que atuassem na promoção da cidadania homossexual ou diretamente no combate a homofobia, visava ainda capacitar profissionais e demais representantes dos

movimentos LGBTT, disseminação de informações referentes aos direitos das pessoas LGBTT bem como o incentivo e denuncia de todo tipo de violações de direitos.

Estudos publicados mais recentemente através do governo federal nos anos de 2011 e 2012, intitulados “Relatório sobre a violência homofóbica no Brasil”, também contribuíram ao apontar a magnitude dos tipos de violência as quais essas pessoas encontram-se sujeitas diariamente, esses dados foram coletados através do disque direitos humanos, conhecido como o “disque 100”. Entre os quais destaca-se a forte presença da violência simbólica, representada em falas depreciativas e desqualificantes das vivências não-heterossexuais, outra nuance apresentada é a da violência institucional, sendo formas que determinadas instituições discriminam pessoas em função de sua condição sexual ou identidade de gênero, bem como os crimes de ódio, os quais são estabelecidos pelo código penal. Esse relatório teve relevância significativa tanto para se visibilizar quanto para propor estratégias de sensibilização e denúncia de comportamentos homofóbicos, transfóbicos, etc.

Um ponto importante para pensarmos é que apesar dos programas, relatórios e referências de atuação em políticas públicas junto ao público LGBTT, essas pessoas ainda sofrem inúmeras formas de violência, barreiras e dificuldades, nisto evoca-se a perspectiva dos direitos humanos e dos direitos constitucionais fundamentais como meio de pensar cada violação a qual estão sujeitos, sendo importante defender que “a livre expressão dessa sexualidade deve ser reconhecida e garantida como um direito fundamental” (NETO, 2012, p.19).

1.3 AS TRAVESTIS E O MATERIALISMO HISTÓRICO-DIALÉTICO.

Pesquisas que abordam os modos de vida das travestis tem sido foco de inúmeras investigações (SILVA, 1993; DUQUE, 2011; BENEDETTI, 2005; CARDOZO, 2009; PELÚCIO, 2006; PERES, 2005; BOHM, 2009; MONTREOZOL, 2011; AMARAL, 2012; SILVA, 2009). Percebe-se que a grande parte desses estudos se situam prioritariamente no mundo da prostituição, sendo um dos lugares possíveis e reservados para elas enquanto possibilidade de participação e desenvolvimento humano.

Autores como Peres problematizam sobre sua identidade de gênero ao dizer que a travesti será sempre “transgressora, transitória, razão pela qual está sempre aberta para novas

conexões, para experimentações existenciais” (2012 p. 542). Por outro lado, segundo Pelúcio “não se pode tornar travesti sem que se entre em uma rede de relações já estabelecidas” (2006, p. 192). Percebe-se então o quanto ao desenvolvimento dessas pessoas se apresenta de forma bastante ambígua, tendo contradições e contrastes, de forma que:

Perante o conhecimento gerado pela psicologia sócio-histórica, compreendemos a identidade como um processo em contínuo desenvolvimento, representado pela relação entre a objetividade e a subjetividade, ou seja, os conteúdos individuais são constituídos ao longo da vida do sujeito, resguardando sempre as relações que mantém com os membros dos grupos sociais que pertence, suas pressuposições e, frente isto, sua construção enquanto sujeito (MONTREOZOL, 2011, p. 18).

Enfatizamos que o contexto social em que as travestis se desenvolvem encontra-se permeado por distintos processos historicamente datados, como os movimentos da sociedade em relação a sua condição diferente do modelo hegemônico instituído, as quais podem tanto normatizar quanto singularizar a fabricação de sujeitos (PERES, 2012). Essa normatização pode lhes colocar em uma posição muitas vezes desfavorável, principalmente quando não seguir este modelo normativo, quanto tentar paralelamente atingirem o objetivo de serem as mais parecidas possíveis com a concepção de mulher, que é atrelada a idealização de feminilidade construído pela heteronormatividade.

Os aspectos referentes as suas constituições, tem nas questões histórico e culturais marcadores que permeiam sua definição do que vem a ser uma pessoa travesti, entre as quais, refere-se ao início das explorações de campo envolvendo a questão de gênero e as suas transformações, as quais pautavam-se pela concepção de diferenças e exotismo do “outro”, onde as ciências desenvolveram-se pouco na busca de uma compreensão cultural das transformações de gênero e o próprio Universo Trans, ficando a cargo das ciências biomédicas o papel de investigar sobre a temática, entretanto por guiarem-se por um viés biologizante, acabaram contribuindo para formatar uma visão reducionista do assunto (BENEDETTI, 2005).

Nisto, problematiza-se ao se contrapor a forma como comumente a academia tem procurado apreender as vivências de pessoas com identidades de gênero e sexualidades ditas diferentes, logo desiguais, sendo importante observar todo o contexto, as relações e práticas, e não somente colocar em um atributo como única referência para pensar a constituição dos sujeitos, sendo corroborado por Montreozol ao enfatizar que:

A sexualidade torna-se, também, um processo em sucessivo desenvolvimento, o que não é considerado pelas principais literaturas sobre a identidade de gênero, uma vez que estas tratam o gênero como responsável por todo o processo identitário: o sujeito é o que é apenas tendo a sexualidade como referência, desconsiderando todas suas peculiaridades enquanto sujeito - a travesti é apenas uma travesti (2011, p. 18).

No que se refere às dimensões do universo travesti percebe-se toda uma singularidade que permeiam seus estilos de vida, todas elas são marcadas por essa relação sociocultural, onde pesquisadores têm focado aspectos do cotidiano dessas pessoas, suas rotinas, os medos, conflitos e dilemas que atravessam sua busca de “ser mulher” (PERES, 2005). Porém, não podemos esquecer que a maneira como surge a pessoa travesti no meio social não pode ser percebida de forma descolada de inúmeros processos envolvendo as representações de gênero e a própria história da sexualidade, para entender atualmente como os padrões legitimados culturalmente como pertencentes ao universo feminino e a construção do gênero mulher (PELÚCIO, 2009).

Sob a influência dos padrões instituídos, aponta-se a existência de lugares possíveis para sua permanência, ocasionando em seu processo de desenvolvimento a presença de determinados discursos biomédicos e científicos, e as inúmeras implicações físicas e psíquicas de buscar um corpo e uma identidade que são atravessados por uma ótica naturalista, que traz para a vivência da travesti uma percepção patológica, da mesma forma, atribuíram-se lugares possíveis para suas existências, no qual grande parte dos estudos apresentados se propõe investigar, um desses lugares localizados prioritariamente mundo da prostituição (BENEDETTI, 2005; PELÚCIO, 2006; PERES, 2005; KULICK, 2008; DUQUE, 2011).

Essas falas presentes no meio sociocultural e científico acabam instituindo formas de ser para cada pessoa de acordo com seu sexo biológico, de forma que, quando pensamos no desenvolvimento da pessoa travesti, e as próprias concepções e significados que elas próprias atribuem a ser travesti, não podemos esquecer dessa influência, justamente para não sermos reducionista. Neste sentido, Zanella faz um interessante apontamento ao questionar que:

Como olhar o específico, o contexto interpsicológico onde os sujeitos em relação (re) produzem, transformam-se e apropriam-se das significações das atividades que empreendem e, ao mesmo tempo, considerar as marcas históricas e sociais dos signos em trânsito que caracterizam esse contexto como ao mesmo tempo coletivo e singular? Como atentar para os aspectos econômicos, sociais e políticos que caracterizam a sociedade humana sem esquecer os espaços cotidianos em que esses são (re) produzidos, transformados e apropriados? Como olhar o geral, relacioná-lo com o específico e, por sua vez, olhar o específico considerando-o como expressão do geral? (2004, p.134).

Algumas respostas aos questionamentos quando pensamos no processo de desenvolvimento do gênero travesti, somente será possível a partir de um olhar que não polarize o sujeito e sociedade, onde se tem a compreensão “que o plano individual não constitui mera transposição do social” (AGUIAR; OZELLA, 2013, p. 303). Nisto, a perspectiva sócio-histórica, concebe que o “desenvolvimento só se torna possível de ser compreendido em sua qualidade situada e processual, dadas as relações as quais ele se encontra articulado, e que pertence e está submetido” (AMORIM, 2006, p.201). Essa visão teórica traz a possibilidade de que suas existências possam ser descortinadas, apresentadas e desnudas aos olhos dos leigos, possibilitando a desconstrução dos conceitos e preconceitos sobre o desenvolvimento de travestis, não mais percebidas como seres míticos de um mundo de fadas e monstros, mas sim como pessoas como tantas outras, com suas especificidades e peculiaridades (PELUCIO, 2006). Como qualquer pessoa, as travestis são influenciadas pelos processos históricos e sociais em que vivem, são atravessadas pela cultura com seus valores, crenças e regras, são também produto de um saber científico que procura de forma objetiva, legitimar quem são elas, e principalmente, qual é o lugar delas na sociedade.

De acordo com a abordagem sócio-histórica postulada por Vygotsky, apreendemos que o próprio aparente exotismo por trás do aparecimento da pessoa travesti é enfatizado por parte delas como um “algo a mais” que as mulheres “naturais” não possuem, entretanto, percebe-se que até mesmo esse desejo de “ser mulher” encontra-se composto de lugares socialmente estabelecidos, subjacente a isso, está a sua apropriação dos signos sociais próprios da representação do que é ser travesti, “do ser como mulher”, mas principalmente que lugar social que essa representação de mulher ocupa (BENEDETTI, 2005; PELUCIO, 2006; CARDOZO, 2009; KULICK, 2008). Juntamente a esses processos, encontram-se por parte das travestis os investimentos e dedicação intensa em converter corpos retílineos em arredondados, colocando silicone nos seios, nos quadris e nos glúteos.

Quando nos referimos aos aspectos que a pessoa travesti suscita, destaca-se que, apesar de transgredirem ao poder instituído que impõe a estruturação Sexo/gênero/desejo

sexual, que coloca homens e mulheres ligados diretamente ao sexo biológico, e ao homem o universo masculino e a mulher o universo feminino, autores destacam que muitas ainda assumem discursos sociais transfóbicos, homofóbicos e xenofóbicos, construindo ideais a serem atingidos atribuídos à feminilidade, trazendo implicitamente os caracteres específicos a serem alcançados para uma pessoa se tornar travesti de fato, a exemplo disto estão as representações do ideal travesti como a europeia, branca, rica, loira (BENEDETTI, 2005; DUQUE, 2012).

Sob o enfoque histórico-cultural, a identidade travesti é percebida como um dos movimentos da dimensão humana, que reflete o seu meio social, histórico, político e cultural. Em outras palavras, “qualquer identidade sexual, e em específico da travesti, está permeada também pelos valores éticos e morais de determinada sociedade, que são apreendidos pelo sujeito e permeiam seu desenvolvimento” (MONTREOZOL, 2011, p. 12). Dessa maneira, no seu desenvolvimento, a pessoa travesti será “um produtor permanente de novos processos de subjetivação que se expressam de forma simultânea em nível social e individual” (GONZÁLEZ REY, 2004, p. 153). Nesta visão o seu desenvolvimento não é naturalizado, muito menos tem sua vida paralela aos processos sócio-históricos que vive.

A partir dessa perspectiva, atenta-se que o desenvolvimento humano se encontra na possibilidade de mediação entre os processos internos com a realidade exterior, representado no instrumento que regula as ações de uma pessoa sobre um determinado objeto e no signo, que regula as ações sobre o psiquismo humano (ALVES, 2010; LUCCI, 2006). Desta forma, o fenômeno psicológico é resultante de um processo de constituição social do indivíduo, onde o plano intersubjetivo, das relações se converte através do desenvolvimento em um plano intra-subjetivo, assim, podemos enfatizar que a subjetividade é construída através/pelas mediações sociais (GONÇALVES, 2001).

Duas importantes contribuições de Vygotsky que podem nos auxiliar na compreensão do desenvolvimento das travestis, se referem ao pensamento e a linguagem, sem as quais não se tornaria possível respaldar sua nova concepção, abordada em seu pressupostos, de maneira que pesquisas tem sido feitas utilizando essas duas categorias como meio de ter acesso aos elementos da subjetividade, sendo valorizadas pelos pesquisadores que buscam articular essa abordagem com uma metodologia que supere as dicotomias objetividade-subjetividade, interno-externo; individual-social (AGUIAR *et al*, 2009). A linguagem é a ferramenta que possibilita fazer a mediação entre os processos internos e o mundo externo, entre a realidade interior e o mundo exterior.

Os processos envolvendo o pensamento e a linguagem apresentam relevância para compreender essa teoria, os quais segundo o autor, tanto uma quanto a outra estrutura modificam-se “no processo de desenvolvimento, tanto no sentido quantitativo quanto qualitativo” (VYGOTSKY, 2001, p. 111). Essas duas dimensões apresentam raízes genéticas diferentes, porém, em determinado momento esses dois sistemas se encontram, dando início a uma nova forma de pensamento (PALANGANA, 2001). Desta forma, entende-se que a formação de um indivíduo em determinada sociedade só é possível graças ao desenvolvimento da linguagem como ferramenta do pensamento, visto que todo ou qualquer significado é produzido porque há os processos envolvendo pensamento e linguagem (NEWMAN; HOLZMAN, 2002).

A ideia de mediação entre o mundo interno e o externo é um postulado fundamental nesta concepção para compreender como pensamento e linguagem se articulam, na qual pressupõe que todas as relações que as pessoas estabelecem com o mundo não são diretas, mas sim mediadas, da mesma forma, “as relações entre pensamento e linguagem não são diretas, mas são mediadas pelo significado” (MOLON, 2011, p.617). A mediação pode ser feita por instrumentos, pelo fato de sempre nos relacionarmos com o mundo utilizando ferramentas, ou instrumentos que fazem intermediação, fazendo a mediação de forma concreta com o mundo ou também através de signos, os quais são formas posteriores de mediação, fazendo uma mediação entre a pessoa e o mundo de forma simbólica ou semiótica.

Em meio a estes processos é que se realizam através das palavras o aparecimento dos sentidos e significados, isso porque “o mundo não é visto simplesmente em cor e forma, mas também como um mundo com sentido e significado” (VYGOTSKY, 1998, p. 44). Os quais são meio de compreender a subjetividade humana, sendo sempre carregados toda uma construção intelectual abstrata, repleta de contradições presentes no contexto sócio-histórico em que uma pessoa está imersa.

Os processos envolvendo sentidos/significados possuem destaque no postulado por Vygotsky, como maneira de acessar este sujeito, o qual tem nessas duas dimensões sua efetivação através da fala, tendo um papel importante na relação entre as categorias pensamento/linguagem, de forma que, os significados são compreendidos como produções históricas e são socialmente estáveis, revelando práticas cristalizadas através das relações compartilhadas e significadas socialmente (AGUIAR *et al*, 2009).

Os sentidos, de outra forma, se apresentam como muito fluidos, dinâmicos, complexos e instáveis, nisto destaca-se o sentido como um acontecimento particular, que

tem sua constituição devido as relações sociais, ficando diante de um grande número de signos, nisto reitera Vygotsky sobre essa categoria ao enfatizar que “o sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. Assim, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada” (1934/2001b, p.465).

Sentidos e significados são processos importantes na constituição da subjetividade, e por conseguinte, no desenvolvimento das funções psicológicas superiores, para tanto, compreendemos a importância em se destacar que tanto os significados quanto os sentidos só existem nos âmbitos social e subjetivo porque as pessoas em suas atividades no contexto social e histórico continuamente as elaboram (AGUIAR *et al*, 2009). Esse movimento deve ser visto como sempre aberto para as possibilidades e para o novo, não podendo ser tidas como categorias dicotômicas ou descoladas de uma realidade que apresenta muitas contradições e nuances complexas.

Vigotsky valoriza o aprendizado no processo de desenvolvimento, desta forma, sempre haverá a intervenção de outros sujeitos mais experientes da cultura no seu percurso de apreensão dos conteúdos bem como na manipulação das ferramentas disponíveis em sua sociedade, os quais possuirão um papel central em sua trajetória, uma vez que o mesmo não possui instrumentos internos para construir sozinho o seu caminho de desenvolvimento (CASTORINA *et al*, 2001). Problematisa-se que as travestis, enquanto sujeitos em desenvolvimento, irão apreender os conteúdos, valores e regras pertencentes a seu grupo social, como forma de dar continuidade aquela estrutura socialmente construída, estrutura essa nem sempre benéfica para as mesmas.

No caso da construção identitária das travestis e transexuais, se dará na relação entre o sujeito e a sociedade, na qual uma pessoa nasce e já encontra um mundo de objetos e fenômenos criados pela geração anterior, caberá ao que se apropriar do mundo e das representações, bem como através da atividade junto com outras pessoas e com a utilização de instrumentos, tanto materiais quanto psicológicos (MEIRA; FACCI, 2007). Entretanto essa apropriação não é naturalizada, mas é um processo de transformação, produção e resignificação.

Os postulados da psicologia sócio-histórica tem relevância para se compreender que os fenômenos que são produzidos em nossa cultura tem impacto no desenvolvimento de cada uma das pessoas, como no desenvolvimento das travestis, uma vez que de acordo com a teoria, o Homem, além de produzir bens materiais, o mesmo constrói ideias, que incluem as

crenças, valores e conhecimentos sobre o mundo e seus fenômenos, tais ideias tem sua origem na base material da sociedade, as quais orientam a ação das pessoas, modificando e catalizando a ação, ao mesmo tempo também são por elas modificadas, sendo um processo contínuo de transformação, que se desenvolve de maneira dialética (GONÇALVES, 2001).

As ideias e representações sobre o mundo influenciam direta ou indiretamente no desenvolvimento de pessoas de determinados grupos sociais. Quando falamos daqueles grupos historicamente excluídos, encontramos significados atribuídos a travestis e transexuais muitas vezes como pessoas perigosas, doentes, agressivas, etc. Também encontramos representações da pessoa travestis associadas a prostituição e ao querer ser mulher, entendendo que esta mulher que são referidos pelos autores é atravessada por ideais de feminilidade (SILVA, 1993; BENEDETTI, 2005; PELÚCIO, 2006; KULICK, 2008). Estes ideais são em grande parte postulados pelo universo heteronormativo da qual as travestis também fazem parte, ou tentam fazer a todo custo.

Um postulado que pode colaborar com a maior compreensão sobre a maneira como as travestis subjetivam/objetivam sua realidade, refere-se aos estudos da Psicologia da libertação, que traz entre seus apontamentos, o fatalismo, propondo para o sujeito um lugar resignado frente a essa dominação, ocorrendo de forma conjunta a partir de um tripé ideativo, afetivo e comportamental, onde, no quesito ideativo, uma pessoa tem o entendimento que o destino está definido desde o momento de seu nascimento, não podendo fazer nada para mudar sua trajetória de vida, já nos aspectos afetivos, ela deve-se aceitar com coragem e dignidade o seu destino, entendendo que se nasce para sofrer e contentar-se, e nos aspectos comportamentais, evidencia-se o conformismo, resignação e passividade frente as circunstâncias da vida, bem como a redução do horizonte vital ao presente (MARTIN-BARÓ, 1987).

Esses mecanismos, acabam criando uma predeterminação de sua maneira de ser, bem como uma naturalização da condição em que vivem, de forma que em seus pensamentos passam a entender que as coisas são como são, seguindo uma linearidade, assumem então uma perspectiva em que os coloca como destinados a um modelo de futuro, um modelo de vida, na qual devem se contentar como se nada pudessem fazer para mudar a ordem social e histórica em que vivem, predestinados a um futuro incerto (MARTIN-BARÓ, 1987). Nesta perspectiva, o desenvolvimento comunitário está ligado necessariamente ao desenvolvimento pessoal dos moradores, constituindo-se como processo histórico e coletivo, que nasce da autonomização dos sujeitos, do resgate e potencialização das virtudes

populares, bem como do processo de conscientização individual e grupal advindo da organização e fortalecimento dos grupos (NEPOMUCENO *ET AL*, 2008).

De acordo com Tonet (2005) essa conscientização emerge a partir de uma atividade humana representada no intercâmbio entre o homem com a natureza, a qual não é realizada de maneira unidirecional, mas reciprocamente; também não é feita de maneira puramente mercantil, pois isso segundo ele é uma forma de desumanização da natureza que acaba por desumanizar o próprio homem. É importante frisar, que além da relação dialética com a natureza, a pessoa encontra-se em um contínuo processo de constituição, possuindo por assim dizer, uma natureza plenamente social, de forma que em seu desenvolvimento, ele vai se apropriando de todo patrimônio histórico do gênero humano, para então construir sua própria subjetividade, sendo compreendido como um ser genérico e individual, subjetivo ou universal.

Para agir sobre sua realidade, ou em outras palavras, ser aquele que se quer afirmar como autônomo é necessário a reflexão e ação sobre o mundo com o intuito de transformação da realidade no qual estão inseridos, onde as pessoas e grupos poderão superar a contradição, opressor e oprimido, em que essa dita autonomia não será mais para oprimir, de outra forma, estaríamos apenas trocando de pólos ao assumir o lugar do opressor, mas podemos dizer que sua libertação é em prol de um novo homem que até então estava proibido de ser mais (FREIRE, 1987). Possibilita-se assim, a problematização e o diálogo, os quais desenvolvem a conscientização de seus participantes, colocando-se ao lado dos grupos que historicamente tem sido oprimido.

Entende-se que o que torna um grupo são as relações estabelecidas, porém, há um processo construído historicamente em que essas mesmas relações passam a distinguir às pessoas, seus grupos, culpabilizando as que não conseguem atingir os objetivos criados pelo ideal de determinada sociedade, além disso, estimula-se a competitividade entre pessoas que estão em condições desiguais, o que acaba por excluir o mais fraco e manter a dominação do mais forte (GUARESCHI, 2001). No caso das travestis, um exemplo dessa competitividade é representado pela própria maneira em que procuram a todo custo seguir a representação de ser mulher atrelada ao feminino idealizada pela heteronormatividade (BENEDITTI, 2005; PELUCIO, 2006).

Diante dessa realidade, torna-se imprescindível sairmos de uma perspectiva que historicamente naturaliza a exclusão como culpa do indivíduo, colocando nele a responsabilidade por sua situação social, sendo hipoteticamente capaz, de superá-la caso

queira, mas sim, pensar em um indivíduo que não tem nele a origem de seu sofrimento, mas, por meio de relações manifestas socialmente (GUARESCHI, 2001). Ou seja, a sociedade e o sujeito são dialeticamente, produto e produtor da realidade.

Ao fazermos uma articulação entre o desenvolvimento da travesti e os estudos em uma perspectiva do materialismo histórico dialético, compreendemos que o processo de desenvolvimento não é descolado de uma dada realidade objetiva ou vice-versa. Essa nova alternativa surge exatamente a partir da crítica à separação entre objetividade e subjetividade, e, ao mesmo tempo, da consideração da historicidade como característica fundamental de todas as coisas (BOCK; GONÇALVES; FURTADO, 2001).

Em linha com esses autores, postula-se que o desenvolvimento das travestis em qualquer meio social encontra-se construído em uma base material concreta e ao mesmo tempo abstrata, que pode ser representado através de uma infra-estrutura e uma superestrutura, onde a infra-estrutura é composta pela base material da sociedade, aqui representada por instituições, lugares, relações, há também a superestrutura que representa um conjunto de ideias que servem para a reprodução do sistema; qualquer alteração na superestrutura afeta e ocasiona transformações na infra-estrutura, entende-se neste sentido que elas estarão inseridas em um contexto onde contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, dessa forma compreende-se que na concepção materialista dialética da realidade, a base de toda a sociedade e de sua formação está nas condições materiais, nisto a dialética prioriza o processo de transformação, sendo o Homem um produtor de si mesmo (ROSA; ANDRIANI, 2008).

1.4 A PARTICIPAÇÃO DAS TRAVESTIS NOS ÂMBITOS DE SOCIABILIDADE.

Na compreensão de quais são as estratégias para continuar seu processo de desenvolvimento enquanto travestis é pertinente conhecer aqueles lugares onde existe sua participação, podendo ser indicadores de engajamento, dificuldades ou barreiras que precisam do fomento de políticas públicas, participação dos movimentos sociais e universidades na construção de uma sociedade mais igualitária. Dito isso, destaca-se que a participação das travestis nos âmbitos de sociabilidade é evidenciada de forma direta ou

indireta nos mais variados trabalhos (PERES, 2005; KULICK, 2008; BENEDITTI, 2005, CARDOZO, 2009; PELÚCIO, 2011).

No trabalho de campo com as travestis de Salvador, Kulick evidencia várias situações de violência que elas estavam sujeitas diariamente no meio social, o mesmo descreve a ambiguidade dos olhares das pessoas para elas durante o dia, que iam do desejo à ofensa. No contexto de sua pesquisa é perceptível o quanto aquelas travestis precisavam estar preparadas para tudo, e que tinham que se afirmarem a cada dia, enquanto direito de ir e vir nos espaços públicos (2008).

Em seu trabalho com as travestis e transexuais, Benedetti situado no 'mundo da noite', sendo denominado assim porque segundo ele a maioria das travestis que conviveu tinham hábitos noturnos, nos chamados espaços de batalha (2005). Em outras palavras é um contexto no qual elas vivenciam a dimensão de sociabilidade, práticas, regras, valores, etc. Neste contexto, a relação entre as travestis “é marcada não só por fofocas e redes de solidariedade, mas também por conflitos internos, hierarquias e troca de acusações, os quais, por sua vez, expressam e reproduzem as moralidades que regem as relações do grupo” (CARDOZO, 2009, p.89). Isso é reiterado por Peres, pois aborda que a exclusão nos diversos âmbitos de sociabilidade também atravessa a relação entre elas, de forma que seu cotidiano nem sempre é tranquilo, mas existem relações de rivalidade, competição e vaidades (2005). Essas questões podem ter impactos no desenvolvimento da travesti e transexuais, na sua produção identitária, e podem ter desdobramentos na sua participação em outros contextos.

Um apontamento feito em outro estudo com as travestis e transexuais, destaca que devido ao histórico de patologização, criminalização, assassinatos e ridicularização no contexto social, as travestis têm buscado meios que lhes possibilitem coexistir com as outras pessoas. Dessa forma, várias delas aprendem desde cedo a viver nos diferentes espaços, elaborando uma densa teia de socialização e meios que lhes possam garantir viver uma vida travesti (PELÚCIO, 2011).

No trabalho enfocando prioritariamente a homossexualidade masculina, Ribeiro *et al*, traz um apontamento interessante sobre o que intitula de espaços gays, entre outras funções, segundo ele, esses contextos podem ser concebidos como âmbitos onde essa população encontra proteção, cuidado, abrigo, trocas afetivas, etc. (2006, p. 295). Visto de outra forma, não temos certeza se esse achado vale para todas as pessoas do meio LGBTT, como é o caso das travestis, por isso a relevância de se conhecer quais os âmbitos de sociabilidade frequentados e também aqueles que elas não frequentam.

Abordando trabalhos que tiveram foco o contexto da cidade de Manaus, destaca-se um projeto titulado, nova cartografia social da Amazônia sob coordenação de Alfredo Wagner Berno de Almeida, que tinha como finalidade produzir fascículos temáticos sobre aspectos da população amazônica, entre os quais, o exemplar de número 25, movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBTT) Manaus/Amazonas, trouxe com o apoio de entidades do movimento aspectos e nuances dessa população, entre os quais mapearam lugares frequentados, como os espaços de sociabilização, pontos de encontros, locais onde o público LGBTT faz trocas afetivas, etc. (ALMEIDA, 2009).

Interessa permitir o aparecimento de seu protagonismo nesta pesquisa na medida em que explicitam sobre os lugares e não-lugares em que possuem participação, sendo uma forma de compreender seu processo de desenvolvimento, o que de fato pode ser elaborado, construído, apontado ou suprimido quanto aos discursos sociais que não as representa, mas acabam legitimando a compreensão estereotipada por grande parte da sociedade em uma perspectiva unidimensional de desenvolvimento nesta condição.

Conhecer as lacunas que precisam ser ajustadas e em que lugares sua permanência é fomentada, quais outros caminhos podem ser traçados, entende-se que alguns dos desdobramentos de grande importância no que se refere aos princípios fundamentais que regem os direitos humanos como a igualdade e a liberdade, podemos correlacionar com a dimensão sexual ao entender que todos devem ter seu direito à liberdade sexual, autonomia sexual, integridade sexual a segurança de seu corpo, direito à privacidade sexual, ter direito à livre expressão sexual, direito à associação sexual, (RIOS, 2006). Elas devem ter o direito de livre expressões e construção de identidade de gênero assegurados.

Conhecer os âmbitos de sociabilidade onde elas participam, é fundamental para elucidarmos sobre o desenvolvimento integral das travestis e transexuais, entendendo que o lugares não são neutros mas carregam um carga de significações, dessa forma, ao compreendermos quais foram os lugares onde elas tiveram participação em seu processo de desenvolvimento, bem como aqueles não-lugares de participação, ou em outras palavras, aqueles os quais sua permanência foi/é negada, propiciando com isso a conscientização e o fortalecimento de um grupo historicamente oprimido e também contribuir com sua visibilidade (MARTIN-BARÓ, 1998).

CAPITULO 2

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Com o objetivo maior de esclarecer os procedimentos metodológicos do presente estudo optou-se por apresentá-los em sete categorias: 1) desenho da pesquisa, 2) descrição do lócus da pesquisa, 3) participantes da pesquisa, 4) procedimentos para coleta de dados, 5) construção do corpus, 6) procedimentos para análise de dados e 7) cuidados éticos.

2.1 DESENHO DA PESQUISA

Compreende-se que o objeto de estudo desta pesquisa é um Ser sócio-histórico, portanto, encontra-se em movimento e transformação constante, dessa forma, devido sua natureza, essa pesquisa se construirá como um processo reflexivo, sistemático e crítico que leva a descobrir novos fatos e perceber as relações estabelecidas destes com outras variáveis implicadas (MINAYO, 2004). Compreende-se a sua relevância na área das ciências humanas, posto que além do compromisso e a produção de conhecimentos que promovam uma melhor compreensão da realidade “que necessariamente se assentam sobre o que já foi dito ou sobre os não ditos, sobre os silêncios e omissões que também requerem atualização” (ZANELLA; SAIS, 2008, p.15). Essa produção de conhecimentos será sempre marcada pelas relações polissêmicas que existem nos diferentes contextos sociais.

Nessa pesquisa tem-se a consciência de que há diferentes formas de apreender os fenômenos humanos, de maneira que refletiu-se sobre a diversidade de focos na psicologia, optando-se em seguir uma visão epistemológica do materialismo histórico dialético e abordagem teórico-metodológico a partir de um olhar sócio-histórico, a qual nos permite encontrar como o sujeito se constrói em uma relação dialética com a realidade, bem como valorizando-se os contextos históricos e culturais que perpassam sua existência (KAHHALE; ROSA, 2009).

Entende-se que “as reflexões sobre método estão presentes em todos os escritos de Lev Semionovitch Vigotski, pois constituem o alicerce através do qual constrói seu arcabouço teórico e funda o enfoque histórico-cultural em psicologia” (ZANELLA, 2006, p.25). Nas palavras do próprio Vygotsky “a procura de um método torna-se um dos problemas mais importantes de todo empreendimento para a compreensão das formas caracteristicamente humanas de atividade psicológica” Em suas proposições sobre o método é que o tal é ao mesmo tempo, “pré-requisito e produto, o instrumento e o resultado do estudo” (p.46). A partir desta visão, em nosso processo de investigação tivemos em mente que uma pessoa será produto e produtor de si mesmo de maneira dialética e sócio-histórica, de forma que a apreensão de um fenômeno não poderá ser tomada como um fim em si mesmo, entendo que:

Se o objetivo é entender o processo de sua própria constituição, requer o olhar para o contexto no qual ele é produzido, as suas condições de possibilidades e o modo como neste/deste contexto participa. Esse é o outro esclarecimento necessário, na medida em que diz respeito às relações dialéticas entre sujeito e realidade, nas quais ambos se forjam mutuamente e que, de diferentes maneiras, são contempladas em pesquisas fundamentadas nos aportes da psicologia histórico-cultural (ZANELLA *et al*, 2006, p. 26).

Na medida que se compreende as nuances e peculiaridades que a pesquisa de cunho sócio-histórico, traz para o pesquisador a consciência de que ele também não é mero ouvinte, mas faz parte da própria pesquisa, não sendo possível manter uma postura neutra, onde entrevistador e entrevistado sejam colocados em pontos distintos, mas entendendo que ambos estão em processo de transformações, onde o pesquisador “se ressignifica no campo. O mesmo acontece com o pesquisado que, não sendo um mero objeto, também tem

oportunidade de refletir, aprender e ressignificar-se no processo de pesquisa” (FREITAS, 2002, p. 26).

Identificou-se como procedimento, a abordagem qualitativa, que trabalha os fenômenos em uma abordagem sócio-histórica, consistindo em procurar compreender os eventos investigados, descrevendo-os e procurando as suas possíveis relações, integrando o individual com o social (FREITAS, 2002, p.28).

Entende-se também que este estudo apresenta um caráter transversal, por situar aspectos da população investigada em um momento específico, bem como o mesmo se apresenta como um estudo exploratório, que tem como objetivo conhecer um determinado objeto de estudo “tal como se apresenta, seu significado e o contexto onde ela se insere” (PIOVESAN; TEMPORINI, 1995, p.13). A pesquisa exploratória tem como objetivo ampliar o conhecimento sobre determinado fenômeno com vistas a torná-lo mais explícito. A mesma pode envolver levantamento bibliográfico entrevistas com as pessoas e possuir uma experiência prática com problema pesquisado. Possibilitando a compreensão de uma dada realidade (GIL, 2007).

2.2 DESCRIÇÃO DO LOCUS DA PESQUISA

Devido a forma como a pesquisa encontra-se estruturada, não achou-se interessante realizá-la em um local específico/definido da cidade de Manaus, considerando-se que ao apresentar todas as peculiaridades dos sujeitos da pesquisa, ao focar em uma localização a priori, poderíamos estar sendo reducionista ou mesmo preconcebidos ao não valorizar toda processualidade na construção desta pesquisa sob o viés sócio-histórico, ampliando assim, para o espaço urbano da cidade de Manaus, entendendo que espaço é definido aqui “como um conjunto de matrizes no seio das quais se desenrola a existência concreta dos indivíduos” (FISCHER, S/D, p. 15).

Por ser a cidade de Manaus o nosso lócus da pesquisa, é pertinente trazer alguns dados históricos e sociais de sua formação e desenvolvimento, de forma que enquanto construção histórica, Manaus remonta ao ano de 1669, para demonstrar a presença lusitana e fixar domínio português na região amazônica, que na época já era considerada posição estratégica em território brasileiro, tendo seu núcleo urbano, localizado à margem esquerda

do Rio Negro, teve início com a construção do Forte da Barra de São José, idealizado pelo capitão de artilharia, Francisco da Mota Falcão, em 1669, data que foi convencionalizada a usar como o nascimento da cidade. Ao redor do forte se desenvolveu o povoado do Lugar da Barra, que por conta da sua localização, tornou-se a sede da Comarca do São José do Rio Negro. Em 1832 tornou-se Vila da Barra, e no dia 24 de outubro de 1848, a Cidade da Barra de São José do Rio Negro. No entanto, com a elevação da Comarca à categoria de Província, em 1850, a Cidade da Barra, passou a se chamar em 04 de setembro de 1856, Cidade de Manaus, tornando-se independente do Estado do Grão-Pará (MANAUS, 2014).

A partir de 1870, Manaus viveu o surto da economia gomífera, passando por fases de apogeu, como a época da borracha, onde a cidade tentou simular uma vida europeia, buscando negar, dessa forma, suas raízes indígenas, bem como a natureza circundante, pois representavam o ideal de selvageria, que essa nova sociedade buscava se desvencilhar, logo, o rio, que fazia alusão ao meio natural deveria ser esquecido, em detrimento de uma capital que se queria fundar como cosmopolitana, volta-se de costas para ele, nesta nova realidade, o espaço natural outrora compartilhado com seus habitantes, se vê negado e suprimido (LIMA, 2008). O período conhecido como “*belle epoc*” é encerrado por volta de 1913, em virtude da perda do mercado mundial para a borracha asiática, fazendo com que a cidade retornasse a um período de isolamento.

Com o advento da Zona Franca de Manaus, em 1970, onde a cidade volta a se tornar um eixo de crescimento econômico, devido a isso, a cidade se torna um polo de atração populacional, recebendo migrantes de várias partes do Brasil e outros países, de forma que “nos anos 1960 a população cresceu 5,9% a.a., chegando a 7,4 % a.a. na década de 1970, superando em muito o ritmo de crescimento do Brasil” (NAZARETH, 2011, p. 206). Em dados mais recentes, a cidade de Manaus de acordo com o Censo Demográfico 2010, possuía uma população de 1.802.014 habitantes, que ocupavam uma área de aproximadamente 11.401,092 km², sua população em 2013 encontrava-se estimada em 1.982.177 habitantes (IBGE, 2010).

No presente estudo, pretende-se respeitar os limites geográficos estabelecidos como sendo parte da zona urbana da cidade de Manaus delimitadas no decreto de nº 2924, de 07 de agosto de 1995, compreendendo que este serão territórios os possíveis de atuação no decorrer da pesquisa.

2.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Observa-se que as travestis abarcam aquelas representações de todos os sujeitos que desconstroem o binarismo masculino/feminino (AMARAL, 2012). De maneira geral, pode-se enfatizar que “a travestilidade é a expressão da fluidez dos desejos e, por conseguinte, dos corpos e dos sexos, revelando a incongruência dos sistemas que buscam relacionar sexo/sexualidade/gênero/identidade sexual” (JIMENEZ; ADORNO, 2009, p. 365).

Essas pessoas surgem como uma imagem ambígua, mas como podemos definir que uma pessoa é travesti? Qual a diferença entre a travesti e outras manifestações de sexualidades trans, como a pessoa transsexual ou Transformista? O que torna cada umas destas diferentes manifestações da sexualidade humana muitas vezes reduzidas a uma única vivência dessa sexualidade? Para contextualizar essas diferenças é necessário retornar ao universo de significações na qual a figura do travesti se encontra, segundo Benedetti suas diferenças podem ser entendidas da seguinte forma:

Travestis são aquelas que promovem modificações nas formas de seu corpo visando a deixá-lo o mais parecido possível com o das mulheres; vestem-se e vivem cotidianamente como pessoas pertencentes ao gênero feminino sem, no entanto, desejar explicitamente recorrer à cirurgia de transgenitalização para retirar o pênis e construir uma vagina. Em contraste, a principal característica que define as transexuais nesse meio é a reivindicação da cirurgia de mudança de sexo como condição sine qua non da sua transformação, sem a qual permaneceriam em sofrimento e desajuste subjetivo e social. As transformistas, por sua vez, promovem intervenções leves – que podem ser rapidamente suprimidas ou revertidas – sobre as formas masculinas do corpo, assumindo as vestes e a identidade femininas somente em ocasiões específicas (2005, p.18).

Todas fazem parte das vivências trans, entretanto, é importante fazer essas distinções nesta pesquisa, pois quando se fala na pessoa travesti, entende-se que existem construções socialmente compartilhadas que tendem a unificá-las, o que acaba por enfraquecer a visibilidade do grupo em termos de participação nas políticas públicas.

Este estudo se norteará prioritariamente pela definição da travesti a partir do postulado por Benedetti (2005). Entende-se também, que uma pessoa travesti é concebida neste estudo como uma construção de gênero, logo podem ser, tanto pessoas do sexo biológico masculino quanto feminino, características essas, as quais serão melhor compreendidas abaixo.

Foram escolhidas sete (07) travestis que moram na região urbana da cidade de Manaus, os quais deverão ter como critério de inclusão na pesquisa, os seguintes:

Ter idade igual ou maior de dezoito anos (18).

O (a) s participantes devem se auto identificar como sendo travestis,

Ser do sexo biológico masculino;

Ser moradores da região Urbana da cidade de Manaus.

Sendo apenas estes os critérios de inclusão das participantes da pesquisa.

Critérios de exclusão são os seguintes:

Ser menor de dezoito anos (<18)

Não morar na região urbana da cidade de Manaus;

Não se auto identificar como travesti;

Não atender a todos os critérios de inclusão previamente acordados.

Mesmo atendendo a todos os requisitos, não expressar interesse em participar da pesquisa.

2.4 PROCEDIMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Acha-se pertinente destacar os passos para localizar e coletar os dados desta pesquisa, visto que, trazem com objetividade como serão encontradas as participantes, escolha do instrumento, sendo estas, articulam-se com o referencial teórico-metodológico.

2.4.1 Encontrando os participantes do estudo

Como procedimento para coletar os dados, em um primeiro momento foi realizado um levantamento dos locais frequentados através da fala das sujeitas da pesquisa, incluindo, bares, boates, casas de shows, eventos LGBTT, etc. Tendo prioridade a escolha de locais de sociabilidade, onde as travestis se encontram e também realizam trocas afetivas

(BENEDETTI, 2005). Também houve contato com os movimentos LGBTT da cidade de forma a ter a compreensão de como e onde poderíamos encontrar as sujeitas da pesquisa, entramos em contato com suas representatividades, o que nos evidenciou como as travestis da cidade de Manaus articulam-se, bem como possibilitou ter a amplitude dos locais onde elas participam.

Entende-se aqui, que a postura do pesquisador em ir a campo como forma de saber os lugares possíveis onde encontrar os sujeitos dessa pesquisa, foi sempre uma postura ativa e investigativa, a qual foi fundamental para a compreensão das questões norteadoras deste estudo, de forma que:

Para buscar compreender a questão formulada é necessário inicialmente uma aproximação, ou melhor, uma imersão no campo para familiarizar-se com a situação ou com os sujeitos a serem pesquisados. Para tal o pesquisador frequenta os locais em que acontecem os fatos nos quais está interessado, preocupando-se em observá-los, entrar em contato com pessoas, conversando e recolhendo material produzido por elas ou a elas relacionado. Procura dessa maneira trabalhar com dados qualitativos que envolvem a descrição pormenorizada das pessoas, locais e fatos envolvidos. A partir daí, ligadas à questão orientadora, vão surgindo outras questões que levarão a uma compreensão da situação estudada (FREITAS, 2002, p. 28).

Após a localização das sujeitas da pesquisa, as travestis abordadas receberam uma explanação a respeito do projeto e de seus objetivos. Com a pesquisa já apresentada, aquelas pessoas que se dispuseram a participar e atenderam aos critérios de inclusão receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o assinaram, comprovando que estavam cientes da pesquisa e seus objetivos.

Logo após esse passo, as participantes em conjunto com o pesquisador escolheram o local mais apropriado para a realização das entrevistas, onde as datas e horários foram previamente acordados com as entrevistadas, foi levado em consideração a disponibilidade das mesmas, a quantidade de encontros com as respondentes com o objetivo responder propostos foi relativa ao percurso das entrevistas, sendo finalizadas àquelas que responderam a totalidade dos objetivos.

2.4.2 Escolha do Instrumento

Para a coleta dos dados escolheu-se entrevista na abordagem individual semiestruturadas com as travestis através de amostragem por saturação de conteúdo. Seguindo um olhar sócio-histórico que norteou a construção desse instrumento, essa modalidade engloba um roteiro previamente elaborado, sem precisar possuir de antemão todas as perguntas já formuladas, e sim apenas as questões norteadoras que darão margem às perguntas que emergirão no decorrer da conversação.

Essa modalidade em pesquisas qualitativas foi escolhida por apresentar uma diversidade de facetas, possibilitando ao entrevistador e as entrevistadas terem maior interação e envolvimento junto as questões formuladas nos objetivos da pesquisa, principalmente por se tratar de uma abordagem sob o olhar sócio-histórico, nisto enfatiza-se que:

A entrevista, na pesquisa qualitativa de cunho sócio-histórico, também é marcada por essa dimensão do social. Ela não se reduz a uma troca de perguntas e respostas previamente preparadas, mas é concebida como uma produção de linguagem, portanto, dialógica. Os sentidos são criados na interlocução e dependem da situação experienciada, dos horizontes espaciais ocupados pelo pesquisador e pelo entrevistado. As enunciações acontecidas dependem da situação concreta em que se realizam, da relação que se estabelece entre os interlocutores, depende de com quem se fala. Na entrevista é o sujeito que se expressa, mas sua voz carrega o tom de outras vozes, refletindo a realidade de seu grupo, gênero, etnia, classe, momento histórico e social (FREITAS, 2002, p. 29).

Durante as entrevistas foi utilizado como instrumento de auxílio a pesquisa, o gravador, observando os critérios da Resolução CNS 466/12 sobre pesquisa com seres humanos, o qual foi fundamental para a posterior transcrição dos dados e sua análise.

De acordo com o olhar teórico, escolheu-se a abordagem de amostragem por saturação, que é entendida como ferramenta que propicia ao pesquisador ter autonomia na construção do estudo, referente ao equilíbrio entre os achados e seus objetivos de pesquisa, de forma que paralelamente à realização das entrevistas, ocorreram a organização dos conteúdos que foram emergindo e de acordo com a qualidade do material coletado em cada entrevista (FONTANELLA, 2008). O pesquisador foi percebendo que já se tornava possível apontar quais os “padrões simbólicos, práticas, sistemas classificatórios, categorias de

análise da realidade e visões de mundo do universo em questão, e as recorrências atingem o que se convencionou chamar de "ponto de saturação", dá-se por finalizado o trabalho de campo” (DUARTE, 2002, p.144).

O procedimento de coleta de dados sob a abordagem sócio-histórica possibilitou ao pesquisador responder os objetivos propostos satisfatoriamente, bem como em termos metodológicos, a maneira como o instrumento foi estruturado possibilitou trazer toda a amplitude dos resultados, os quais foram claros e suficientemente precisos em conformidade com os objetivos deste estudo.

2.5 CONSTRUÇÃO DO CORPUS

Após a coleta dos dados, iniciou-se a transcrição, e posteriormente foi realizada a leitura e organização de cada uma das entrevistas, em consonância com os objetivos propostos, realizamos diversas leituras flutuantes com a intenção de levantar as falas que tivessem uma carga afetiva para as respondentes e que também pudessem ser significativas na compreensão dos aspectos concernentes ao desenvolvimento das travestis na cidade de Manaus.

Logo após uma primeira leitura, selecionamos as falas que tivessem interlocução com os seguintes objetivos deste estudo: A) Apontar quais as construções conceituais acerca dos modos de vida das travestis que vivem no contexto sociocultural estudado; B) Conhecer quais são as principais dificuldades na trajetórias de desenvolvimento de travestis; C) Investigar quais os significados atribuídos a travestilidade pelas respondentes; D) Identificar os âmbitos de sociabilidade onde as travestis participam.

Por motivos didáticos e também para facilitar a compreensão da amplitude dos sentidos e significados buscados, escolhemos agrupar em cada uma das entrevistas transcritas, sendo representadas nas letras A, B, C, e D de acordo com os objetivos especificados acima, as letras poderiam ser colocadas em qualquer parte do material coletado, seguindo os critérios que postulam Aguiar & Ozella (2013), sendo entrevistas consistentes e suficientemente amplas, bem como serem falas recorrentes, apresentem carga emocional ou ambivalências.

Também por motivos didáticos, bem como por entender que essas pessoas tem o direito de permanecerem no anonimato, como está especificado na resolução 466/12, escolhemos em conjunto com as respondentes, símbolos que poderiam estar representando cada uma delas, sem com isso, expor ou colocar a pesquisa em um impasse ético, principalmente no quesito sigilo. Dito isto, usamos os seguintes símbolos para representá-las: T1 (entrevista 1); T2 (entrevista 2); T3 (entrevista 3); T4 (entrevista 4); T5 (entrevista 5); T6 (entrevista 6); T7 (entrevista 7).

2.6 PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE DE DADOS

Os dados coletados através das entrevistas semiestruturadas foram transcritos e a partir daí foram submetidos à análise dos núcleos de significação propostas por Aguiar & Ozella (2013). A análise dos núcleos de significação é construtiva e interpretativa e tem a finalidade de ultrapassar a mera aparência de um determinado fenômeno, de acordo com essa proposta, a análise foi realizada em algumas fases:

A). A primeira fase se deu após a transcrição, onde foi realizada uma leitura flutuante das entrevistas visando levantar os temas/conteúdos que se destacaram, sendo que tais temas se revelam em palavras;

B). Na segunda fase ocorreu que dessas palavras, que são sempre significadas em seu contexto, emergiram os pré-indicadores que constituem a realidade sócio-histórica da pessoa, nela há a aglutinação de diversos temas revelados na fala das respondentes nos quais foram aglutinados seguindo os critérios de semelhança, complementaridade e contraposição.

C). A terceira fase constituiu-se da aglutinação dos pré-indicadores em indicadores, que possibilitou uma análise mais consistente que nos propiciou ir além do aparente, considerando tanto as condições subjetivas quanto as do contexto sócio-histórico da pessoa. Cada indicador traz consigo sentidos e significados que só podem ser compreendidos a partir da leitura e interpretação das falas em seu contexto sócio-histórico.

D). A quarta fase consistiu na inferência e sistematização dos núcleos de significação, tendo como critério central para a organização dos núcleos, que os indicadores deveriam expor aspectos que tenham caráter importante e reveladores do sujeito, bem como pudessem contribuir para que se alcance o objetivo da pesquisa (AGUIAR, OZELLA, 2013).

2.7 CUIDADOS ÉTICOS

A presente pesquisa envolveu seres humanos e por isso poderia representar danos e riscos imediatos ou posteriores aos sujeitos pesquisados, estando os pesquisadores cientes disso, comprometeram-se em agir segundo as exigências éticas concernentes a coleta, análise e publicação dos dados alcançados. Como cita a Resolução 466/12 CNS. Apesar dessa pesquisa não possuir caráter lucrativo e não apresentar benefícios diretos aos pesquisados, os resultados finais podem contribuir para a reflexão da ação social, cidadania e benefício a população LGBTTT por suscitar discussões nos âmbitos acadêmicos e sociais. Deseja-se que este estudo tenha inúmeros desdobramentos que possam trazer benefícios a população das travestis não só na cidade de Manaus, mas espera-se que possa colaborar com a criação de um espaço de reflexão crítica acerca das relações/influências seu processo de desenvolvimento nos diferentes contextos Brasileiros.

CAPÍTULO 3

3 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

3.1 ASPECTOS SOCIODEMOGRÁFICOS DAS TRAVESTIS ENTREVISTADAS

Foram realizadas total sete (07) entrevistas com base no ponto de saturação amostral (FONTANELLA, 2008). A idade das respondentes varia entre 19 a 33 anos, todas são moradoras da região urbana da cidade de Manaus. Em relação ao local de nascimento, (01) uma nasceu na cidade de Santarém, no Estado do Pará, (01) nasceu na cidade de Parintins, no Estado do Amazonas, (04) nasceram e foram criadas na cidade de Manaus, (01) uma nasceu no Estado do Acre, mas foi criada na cidade de Manaus.

Quanto ao nível de escolaridade, (01) uma concluiu o ensino superior, (01) uma ainda está cursando o ensino médio, (01) uma cursou até a 5ª série do ensino fundamental, (01) uma está cursando o Ensino superior, (03) três concluíram o ensino médio.

Sobre a ocupação profissional: (01) uma é funcionária pública na cidade de Manaus, (01) uma trabalha como garçomete em um restaurante, (01) uma é modelo e estudante universitária, (02) duas trabalham em empresas no distrito industrial, (01) uma é técnica de enfermagem, e (01) uma é cabeleireira.

3.2 SER TRAVESTI: SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS POR UM GRUPO DE TRAVESTIS DA CIDADE DE MANAUS

Com a finalidade de conhecermos como é ser travesti da cidade de Manaus, lançamos mão de alguns aspectos que consideramos relevantes para tal, como as construções conceituais acerca dos modos de vida das travestis que vivem no contexto sociocultural estudado (A), bem como as dificuldades enfrentadas por elas (B), os significados da travestilidade para as respondentes (C) e o âmbito de sociabilidade onde as travestis participam (D). Para tanto, apresentaremos abaixo de forma bastante sucinta a forma como emergiram os núcleos de significações a partir da fala das sujeitas.

A partir da totalidade do material coletado foi possível agrupar diferentes pré-indicadores dos quais emergiram (53) cinquenta e três indicadores variados, destes, de acordo com os critérios de aglutinação, sendo conteúdos semelhantes, complementares ou contraditórios, surgiram (10) núcleos de significação, sendo divididos conforme os objetivos deste estudo. O processo de formação dos núcleos de significação será exemplificado abaixo:

PRÉ-INDICADORES

INDICADORES

pensam que sou mulher	7. Busca por ser uma mulher
sempre pensei em ser uma mulher	
me passo muito como mulher	
sempre fui bem tratada como mulher	
ser tratada como mulher	
mulheres das pernas grossas, da bunda grande	
eu achava roupa de mulher bonita	
querer ser mulher	
queria ser igual a ela	
eu vestia roupa de mulher, sapato alto	
eu não quero ser mulher	8. toda mulher sofre
uma coisa que eu não quero é ser mulher	
toda mulher sofre	
está de bandeira vermelha	
ter um filho	
muita mulher que é muito maltratada por homem	9. roupas e adereços femininos
vestir as roupas da mamãe	
colocava toalha na cabeça e fingia ter cabelo longo	
calçava sapato alto	
me sentia menina no corpo de um menino	
como se fosse uma garota	10. desconstrução da mulher e o feminino
eu não me vestia de mulher	
eu não tenho um estilo feminino de vestuário	
não gosto de coisas femininas	
não gosto de usar vestido, não gosto de usar salto	
não gosto de usar batom forte	
desconstruo o que é ser mulher	
não tem um padrão em ser mulher e ser homem	11. estereótipo de mulher
nunca vou ser mulher	
mulher é mulher	
mulher é comportada	
mulher é quietinha	
mulher não é muito vulgar	12. o Ser feminino
ser feminina	
sempre gostei do lado feminino	
gostava de personagem feminina	
eu sempre me imaginava no feminino	

INDICADORES

NÚCLEO DE SIGNIFICAÇÃO

7. O Ser mulher 8. toda mulher sofre 9. roupas e adereços femininos 10. desconstrução da mulher e o feminino 11. estereotipo de mulher 12. o Ser feminino	A busca de uma feminilidade pelas travestis
--	---

Na seção A foram encontrados (04) quatro núcleos: Ser travesti em Manaus: nuances e contradições; A força do biológico na construção de um lugar social atribuído a travesti; Compreensão da feminilidade pelas travestis; Relação com o social e suas instituições: mídia, ciência e demais organizações;

Na seção B foram encontrados (04) cinco núcleos: Relações interpessoais: entre encontros e desencontros; O lugar da escolarização: contradições e contrastes; O mundo do trabalho: a heteronormatividade como barreira; Uso do banheiro: um não-lugar para as travestis.

Na seção C foi encontrado (01) um núcleo: Travesti como a expressão da fluidez e os estereótipos de gênero

Na seção D foi encontrado (01) núcleo: Lugar de travesti é no mundo: dialética da exclusão/inclusão

3.2.1 Construções conceituais acerca dos modos de vida das travestis que vivem no contexto sociocultural estudado

Entende-se que as construções conceituais acerca dos modos de vida das pessoas e grupos são parte integrante do seu processo de desenvolvimento, sendo essas significações possíveis pois com base em estudiosos dos escritos de Vygotsky só existe o sujeito constituído por causa dos contextos sociais, que por sua vez, são resultado da ação concreta das pessoas que em coletividade estruturam o seu próprio viver (ZANELLA, 2004). Ou seja, no caso específico das pessoas deste estudo, entendemos que todas as significações sobre feminilidade ou masculinidade, os lugares de moradia, as concepções e os estereótipos que atravessam as suas falas contribuem para que existam reproduções que podem colocá-las em uma condição desconfortável quando pensamos em heteronormatividade, machismo,

sexismo e a transfobia. Nisto buscou-se apreender nas suas falas as produções conceituais que as abarcam, entendendo que elas têm relação explícita ou implícita com o desenvolvimento das travestis neste e em quaisquer outros contextos.

3.2.1.1 Ser Travesti em Manaus: Nuances e Contradições

Todas as respondentes deste estudo são moradoras da região urbana da cidade de Manaus, nas seguintes zonas da cidade, (03) três moram na zona oeste: Alvorada, Lírio do Vale 2 e São Jorge; (02) duas moram na zona Sul: Praça 14, Cachoeirinha; e (02) duas moram na zona leste: Alfredo Nascimento, Jorge Teixeira.

A cidade de Manaus e a cultura local são percebidos pelas respondentes como sendo parte da cultura indígena, isso é percebido na seguinte fala: (...) *Manaus, uma sociedade índia (T1)*. Essa é realmente uma característica da cidade, bem como do Estado do Amazonas, e de praticamente toda cultura brasileira, afinal de contas, quando os portugueses chegaram aqui, estas terras estavam povoadas por diferentes povos indígenas, entretanto, essa mesma cultura é vista de maneira negativa, como é visto a seguir:

Eu só não gosto de ser chamada de índia, que eu acho que índio, não devemos ser chamados de índio, isso se chama miscigenação, o índio, a pessoa tem que ter noção... eu não tenho pau enfiado no nariz, eu não tenho tiras na cara, não, índio mora, mora num local que não entra carro, não entra nada, é habitado só por ele mesmo, mora numa maloca (T3).

Na fala acima percebemos que a influência da cultura local, os valores dos povos tradicionais, seus costumes e modos de vida são percebidos pela entrevistada de maneira bastante depreciativa. Embora de acordo com Bernal “os números oficiais evocam mais ou menos 310.000 índios no Brasil, distribuídos em 206 tribos diferentes, das quais 160 na Amazônia” (2009, p.32). Nessa conjuntura, percebemos que as diversidades da cultura indígena nos meios de comunicação locais são classificadas de maneira bastante genérica (RICARDO, 2001). Além disso, na fala de outra travesti há uma valorização de outros contextos como apresentado.

São Paulo é uma cidade bem mais costumada com tudo, posso dizer que é um mundo gls, um mundo gay, e bem mais aceito e bem mais arriscado do que Manaus, mas Manaus, Manaus mesmo o preconceito é bem maior, sobre o mundo gay, sobre o mundo de travesti, eles não estão tão acostumados como lá, porque lá é bem mais livre do que aqui (T1).

De acordo com estudos oriundos da psicologia ambiental, a realidade social, histórica e cultural de um determinado espaço influenciará como uma pessoa se desenvolverá (FISCHER, S/D). Logo, se uma realidade é apreendida como sendo negativa, percebemos o quanto isso pode trazer dificuldades no processo de aceitação de sua identidade de lugar, de noção de pertencimento, dessa maneira, “os vínculos emocionais com o entorno são igualmente importantes na formação da identidade de lugar” (MOURÃO; CAVALCANTE, 2011, p. 212). Em outras palavras podemos dizer que “a cidade não é vista de forma neutra, muito menos os que moram nela, ambos sendo atravessados por dimensões geográficas, políticas, psicossociais, históricas e ideológicas” (MOURÃO; BOMFIM, 2011, p. 220-221).

Quanto a isso, tanto na realidade Amazônica, quanto no restante do Brasil, a aculturação Portuguesa, com os valores e modos de vida europeus foram e são bastante significativas na vida dessas pessoas, isso pode ser ilustrado em uma das falas que aponta a cidade de São Paulo como sendo uma metrópole “*mais acostumada com isso*” (T1). Em outras palavras, seria mais evoluída devido a presença da cultura Europeia, em detrimento da cidade de Manaus, sendo vista como “*uma sociedade índia*” (T1), traduzindo em outras palavras, mais primitiva.

Enfatizamos ainda, que nosso envolvimento com os espaços da cidade, não se encontra descolado de uma realidade exterior como se existisse separação entre interno/externo, objetividade/subjetividade, para tanto entendemos que existe “uma totalidade com ela, em que eu e mundo, espaço construído e subjetividade formam uma unidade pulsante” (BONFIM, 2010, p. 51). Logo, por se tratar de uma relação, a qual faz parte dessas subjetividades porque estão implicadas em suas constituições, os afetos e desafetos que essas travestis apontam, podem ser indicadores de uma realidade amplamente contraditória a elas.

O mundo em que vivemos é constituído pela diversidade cultural e étnica, isso revela a imensa capacidade dos seres humanos em de encontrar soluções para sobreviver nos diferentes contextos, por outro lado a um problema em coexistir com aqueles que possuem lógicas diferentes das nossas, em meio a isto aprender a conviver com a diferença é um dos

grandes desafios para cada um de nós, em que existem outras possibilidades de convivência harmoniosa, respeitando e compreendendo o outro sem tentar colonizá-lo com nossas crenças e valores (GRUPIONI; VIDAL, 2001).

3.2.1.2 A força do biológico na construção de um lugar social atribuído à travesti

Nas falas das respondentes é percebido que existem significados sobre o mundo da travesti atravessado pelas questões relativas a prostituição e o sexo, nesta visão de acordo com a fala delas, *“a sociedade me olha como profissional do sexo...travesti é um ser que foi feito para o sexo”* (T3). Essas falas expressam uma construção social que é produtora de processos identitários, a qual coloca a travesti em um determinado lugar na sociedade bastante estereotipado, tendo na prostituição o seu âmbito prioritário de apropriação, como reiteram ao enfatizar que *“as pessoas vão levar pro lado da prostituição (...) travesti é aquela que está lá na esquina se prostituindo e tal”* (T5).

Além disso, no trecho abaixo identificamos que uma das entrevistadas aponta que é a travestilidade é percebida pela sociedade através de uma visão prioritariamente biologizante, sendo aquela pessoa que se coloca contrária ao modelo sexo/gênero/orientação sexual postulado pela visão heteronormativa, na qual as apreende em sua fala como pessoas híbridas.

Pra sociedade a travesti é uma coisa totalmente masculina, totalmente, que é mais de fetiche mesmo, de homens que tem fetiches de mulheres que tem pênis, né, ou seja a cidade vê a travesti como homem que se veste de mulher, que são prostitutas...homem vestido de mulher...totalmente híbrida (T5).

Observa-se através dessa fala, que ao se colocar a travesti como homem que se veste de mulher, a percepção da entrevistada da dificuldade que sociedade possui em se desnaturalizar o masculino/homem e o feminino/mulher. Apesar disso, compreende-se que as travestis são fortemente influenciadas pelo contexto sociocultural, visto que elas acabam se apropriando desses lugares, moldes e formas de ser, sendo parte de uma idealização de tentar se passar por um ideal hegemônico de mulher, visto que não querem ser homens, de certa forma, as características do ser feminino também fazem parte do mundo das travestis,

onde, “*tem o corpo bonito, é porque, é ninfeta, é novinha*” (T3). Ou quando se faz a utilização de hormônio para tornar o seu corpo o mais parecido com o ideal de feminilidade, “*tomava remédio pro meu peito crescer*” (T2). Ou quando é vista como um ser que “*foi feito para fazer ações sexuais*” (T3).

Nas suas falas evidencia-se o que se espera da travesti na sociedade heteronormativa, que ela seja uma ninfeta, tenha o corpo escultural, faça modificações e tome hormônio para que seu corpo possa se parecer o máximo possível com a significação do gênero feminino idealizado, bem como molde suas curvas, coloque silicone e outros adereços para que possa ser uma mulher, entretanto, apontamos que aquelas que não conseguem chegar a esse nível de transformação, correm o risco de serem taxadas de “*homem que se veste de mulher*” T5. Ou seja, a sua não adequação a norma pode lhes trazer alguns malefícios, como a sensação de não pertencimento a um grupo. Sentirem-se rejeitadas ou até mesmo pode ocasionar rivalidade entre elas próprias, divididas entre as mais parecidas e menos parecidas com o corpo idealizado.

3.2.1.3 Compreensão da feminilidade pelas travestis

É presente na fala das entrevistadas, uma das influências que é bastante significativas em seu desenvolvimento é o Ser mulher, isso pode ser expresso nas falas: “*sempre pensei em ser uma mulher (...) queremos ser uma mulher*” (T1); “*então eu sou mulher*” (T4); “*pensam que eu sou mulher*” (T7). Entretanto para ser mulher como as respondentes trazem é necessário compartilharem de toda uma rede de moldes e formas, como é explicitado na seguinte frase: “*essas mulheres que onde passam chamam atenção, mulheres das pernas grossas, da bunda grande, tem umas mulheres que tem a barriguinha saradinha, tem aquele bumbunzinho legal, aquelas coxas bem grossa*” (T7).

Esse é um estereótipo de mulher na qual “a beleza, projetada segundo determinados modelos de feminilidade, constitui um bem simbólico poderoso entre as travestis” (CARDOZO, 2009, p. 91). Este ideal é fabricado nos moldes de uma sociedade do consumo, onde a beleza é representada em um corpo esculpido, cujo objetivo é atender aos anseios do capitalismo, onde as pessoas valem pelo que tem, ou em outras palavras, e se o que elas têm é um corpo escultural, aí está a sua valorização, entretanto, esse é um ideal de perfeccionismo

que jamais qualquer pessoa alcançará em sua totalidade, visto a realidade humana é a mudança, e ela e a perfeição são coisas contraditórias.

Além disso, para ser mulher de acordo com elas é necessário se apropriar de todo um conjunto de objetos e acessórios, “*sempre eu vestia de roupa de mulher, sapato alto, então quando eu fui crescendo eu achava roupa de mulher bonita*” (T2). Ou “*comecei a me vestir mais como mulher*” (T7). Ou quando “*colocava a toalha na cabeça e fingia ter o cabelo longo*” (T5). Também percebemos que o feminino, é parte presente em suas falas, “*eu sempre gostei do lado feminino...ser feminina*” (T2), ou quando diz que “*sempre me imaginava no feminino*” (T5). Ou sobre o universo feminino, evidência que “*gostava de personagem feminina*” (T6).

Em outras falas elas questionam o lugar da feminilidade no seu desenvolvimento, “*eu não gosto das coisas femininas, não gosto de usar vestido, não gosto de usar salto alto, tem muito coisa que eu detesto, eu não gosto de usar batom forte*” (T5). E também há um movimento de naturalização da mulher, sendo vista de forma bastante estereotipada, assumindo característica como, “*mulher é comportada, quietinha, não é muito vulgar*” (T4). Ou um movimento de se negativizar a mulher, “*toda mulher sofre, questão de, dos dias que ela está de bandeira vermelha, questão de ter um filho, questão de, tem muita mulher que é muito maltratada por homem, eu não quero ser igual a elas...*” (T7).

Ocorre também uma desconstrução do Ser mulher como parte do feminino, isso é percebido na fala “*eu desconstruo o que é ser mulher, não quer dizer nada...ah ser mulher é gostar de rosa, gostar de ter cabelo grande, e bla bla bla... não, não tem padrão em ser mulher...*” (T5).

Essas falas sinalizam o quanto o Ser mulher para essas travestis é uma construção de gênero fortemente atrelada à feminilidade, e mesmo quando se nega isso, paradoxalmente se utiliza da figura da mulher para tal, em outras palavras, para essas pessoas ser travesti encontra-se na busca de ser uma mulher porque esse é um ideal construído socialmente, principalmente pelo fato de o gênero mulher é visto por elas como uma propriedade do universo feminino, sendo uma influência fortemente presente em suas falas, na qual “*investe-se numa educação corporal e subjetiva concernente àquele grupo, pautada na construção contínua do feminino, um feminino travesti*” (DAMÁSIO, 2009, p.225).

3.2.1.4 Relação com o social e suas instituições: mídia, ciência e demais organizações

O meio social, cultura, valores, crenças, mídia e a ciência aparecem na fala delas como sendo fundamentais no seu processo de desenvolvimento enquanto travestis, tanto negativamente quanto positivamente. A sociedade é apresentada por elas de forma bastante geral em um primeiro momento: *“a sociedade te leva, te cobra né...a sociedade te empurra prum lado e tu quer outro”* (T6); *“era reprimido por causa da maldita da sociedade...eu queria assumir o que eu era, o que eu sentia, então aquilo era uma luta do certo e o achar que aquilo era errado...”* (T3).

Mais à frente é especificado na fala das travestis alguns lugares da sociedade que lhes influenciaram ou que podem ter papel importante na suas vidas, *“quando eu digo a sociedade, é a família da gente, que são as pessoas mais próximas da gente”* (T6); *“a religião influencia muito as pessoas ao longo da história, e a cada criação que faz no mundo, cada família e tal, acabam levando esses, esses preconceitos com elas, ninguém nasce com preconceito, assim, as pessoas adquirem essa criação e elas levam essa criação com elas”* (T5).

A Televisão é percebida por elas como um meio de comunicação que em determinado momento teve alguma relevância em seu desenvolvimento, *“se sentir mulher era a mesma coisa que ser gay, era isso que a sociedade passava na mídia”* (T5); *“me inspirava na novela, não tem aquela novela da Bebel? ... Da novela que tinha a Bebel”* (T2). A novela citada acima, traz como personagem, Camila Pitanga, que interpreta uma garota de programa, seu personagem usava roupas coladas, tinha um corpo totalmente moldado e atraente, e representa para a travesti como um ideal de beleza e feminilidade.

A ciência também tem um papel fundamental no processo de desenvolvimento da travesti, tanto positivamente quanto negativamente, entretanto, o conhecimento produzido por ela não é neutro, e até mesmo aquelas teorias que se propõem neutras são atravessadas por concepções que os pesquisadores, teóricos e estudiosos carregam consigo. Estes podem em grande medida reproduzir preconceitos e estereótipos que acabam potencializando os estigmas presentes, colaborando não com o fortalecimento de grupos, mas sim ocasionando a segregação de populações historicamente excluídas dos processos de participação em política que de fato sejam afirmativas. Logo abaixo é possível apreender a partir da fala de uma das entrevistadas, o lugar contraditório da ciência:

Quando eu ouvi o termo travestilidade, travesti, ele tava sendo marginalizado até, como é que eu posso falar, na classe médica, os psiquiatras, os psicólogos, a área de saúde, os médicos, os psicólogos, os psiquiatras classificavam as travestis como homens que tinham fetiches de se vestiam de mulher, podia fazer mudanças no corpo, mas continuavam a usar o órgão genital, e eram homossexuais que gostavam de se vestir de mulher mas que não tinham uma identidade de ser mulher, ai... (T5).

Esse dado é reiterado pela mesma entrevistada em outro momento da entrevista ao enfatizar que buscava no conhecimento científico um lugar onde pudesse se sentir representada, na seguinte fala:

por um teste que eu fiz, eu queria acreditar nisso né, queria me encaixar qual era a minha identidade, transexual ou travesti...eu tinha lido absurdos, eu desconsidero, desconstruo tudo o que a classe médica denominou travesti, ai tá...eu já sabia que eu não era travesti, pelo que eu tinha lido de travesti, ai eu fui ler, li o termo transexual, ai eu me encaixei totalmente, já achei que eu era uma pessoa doente, porque o termo transexual quando eu peguei é um termo assim totalmente patologizante, é a pessoa que nasce no corpo errado, eles falam que a gente tem uma transtorno de identidade de gênero, e eu tava me encaixando, que eu tinha um transtorno e tal, que eu era doente, que eu era homem mais que eu tinha uma cabeça de mulher assim, uma dualidade, ai eu falei não..(T5).

Fica evidente o poder legitimador que determinados conhecimentos produzidos no meio científico podem exercer na vida de cada pessoa, e também fica claro o quanto para as travestis, transexuais, transgêneros, etc, a busca por uma identidade para chamar de sua pode ser bastante dolorosa, nas falas de (T5) é notório a sua incessante busca de um lugar possível para sua existência. Quanto a isso, desde a inclusão da transexualidade no código internacional de doenças, em 1980, a luta ela retirada da transexualidade do DSM e do CID, contam atualmente com mais de 100 organizações (BENTO; PELÚCIO, 2012).

O seu percurso de conflitos e dúvidas nos sinalizam o quanto nós produtores de conhecimentos devemos ter cuidado ao tentar apreender a forma de existência das pessoas e grupos, justamente para não cairmos na pretensão de colonizar o outro com nossos saberes, ditos científicos. “*A ciência, ela nunca provou nada sobre identidade de gênero, é apenas especulação*” (T5). Nessa fala, ela evidencia a sua relação atual com os postulados científicos, de certa forma, desacreditando, desconfiando, duvidando.

Os movimentos culturais representados nas artes visuais, literatura, música tem papel fundamental na noção de pertencimento, ou mesmo se sentir aceito, na fala de uma das entrevistadas fica evidente o suporte que essas questões lhes trazem.

eu sempre gostei de artes, artes no geral, música, e tal, então gostava de música, o que me influenciou foram muitas bandas assim, gostava da rebeldia, gostava de história da arte, pegava livro de história e, adorava ler sobre geografia, muitos autores assim de literatura, pintores, escultores me influenciavam assim, gostava de certa forma e tal gostava daquela vida deles, (...) dele ter um fim trágico... assim, Kafka me influenciou bastante, o Kafka teve uma grande influência na minha vida...” (T5).

Nossa sociedade, representada nas relações com a cultura, artes visuais, música, literatura, história, entre outras, tem um papel de grande relevância no desenvolvimento dessas pessoas, sendo positivas na medida em que lhes criam um lugar que consideram ter aceitação e liberdade de manifestações, uma vez que “o mundo não é visto simplesmente em cor e forma, mas também como um mundo com sentido e significado” (VIGOTSKI, 1998, p. 44). Paralelamente a isso, de acordo com a fala delas, entendemos que a mídia e a ciência não têm dialogado muito com a suas demandas, nem apontando quais suas reais necessidades, apenas colocam as travestis em lugares ainda bastante desfavoráveis, e isso, na vida de quem está em um processo de desenvolvimento é algo bastante significativo.

3.2.2 As principais dificuldades vivenciadas pelas travestis

Conhecer quais são as dificuldades vivenciadas no processo de desenvolvimento dessas travestis foi fundamental para compreender como é ser Travesti na cidade de Manaus, visto que as barreiras e dificuldades representaram as situações contraditórias que fizeram parte do desenvolvimento delas e colaboraram na construção de si, no que se refere a sua identidade de gênero.

3.2.2.1 Relações interpessoais: entre encontros e desencontros

A família aparece na fala de algumas das respondentes como sendo a barreira mais difícil, *“a barreira que eu acho, na minha opinião que a gente enfrenta maior é a aceitação da família, é a barreira mais difícil que se tem, porque o preconceito começa em casa, entendeu?”* (T4). É também fonte de inúmeros conflitos, *“a minha relação com meus pais é bastante conflituosa...”* (T5), a dificuldade de aceitar a identidade de gênero da pessoa da família que se compreende enquanto travesti também é evidente, *“hoje em dia a minha convivência com eles não é amigável, porque eu escolhi esse tipo de vida pra mim e minha família não aceitou...tive que vim jogava a própria sorte, sai de parintins com 13 anos, hoje em dia não tem notícias deles, eles também não tem de mim”* (T4). Outro exemplo dado por uma das travestis evidência uma cena semelhante à descrita por (T4), ao enfatizar que *“muitas vezes a mãe...só porque é homossexual...vai te embora daqui!...eu acho assim que a vida levou, se ela faz programa, se ela rouba foi o rumo que a vida encaminhou, entendeu?”* (T6).

Percebemos a partir das falas que os relacionamentos afetivos, principalmente na família e nas amizades são apresentadas por elas como de grande importância em seu desenvolvimento. A família foi ou é vista como barreira, *“ a mamãe sempre foi muito ruim comigo nessa parte né, ela não me ouvia, ela ouvia os outros, ela queria um filho homem”* (T5).

Sentia muito na minha família essa carência, as pessoas da família dá um boa noite, o pai dá um boa noite pros filhos, pergunta como é que foi o dia, e eu senti muito falta disso na minha infância, e eu acabei crescendo com uma magoa muito grande, tanto da minha família, quanto as pessoas ao meu redor, meus irmãos, não tinha muita convivência com eles, que eles se acham melhores do que eu (T4).

Isso também é percebido nas falas a seguir: *“no começo é uma tragédia, o mundo vai...a nossa mãe, a nossa família, é uma tragédia, o mundo vai terminar”* (T3); *“ele me rejeitou em questão disso, ele fechou o amor dele porque ele queria uma coisa e eu não fui, que ele queria um neto homem, quando ele descobriu que eu ia ser travesti, eu já estava tomando hormônio, ai ele não gostou né”* (T7).

De acordo com as falas acima podemos inferir que em seus desenvolvimentos enquanto travestis houveram alguns conflitos e dificuldades na família, entretanto, em termos de influências sócias e históricas, é pertinente trazer esse dado, visto que a família representa o lugar privilegiado da sociedade em que primeiramente desenvolvemos nossas relações afetivas, trocas, apreendemos sobre valores, crenças, regras, etc. A família é também palco das expectativas dos pais e todo núcleo familiar em relação a sexualidade da criança, direcionam, estabelecem limites e impõe regras, entretanto as expectativas versus realidade muitas vezes são questões contraditórias.

A família também é um lugar social onde para algumas houve acolhimento e trazem boas lembranças, “*eu mesmo, as minhas tias me davam maquiagem...meus tios são muito bacanas*” (T7); “*as vezes eu saio só, saiu por aí...chego outro dia, ficam preocupados, ligam para mim, as vezes o celular está descarregado...*” (T2). E ainda reitera que a sua relação com os familiares, “*é super ótima*” (T2). Essas falas podem expressar influências sociais positivas, na medida em que evidenciam que houve apoio familiar.

Outras relações satisfatórias entre os pares, podem ser consideradas nas relações de amizade, como na fala de uma delas:

Sou do tipo de pessoa que dou muito valor a amizade, sou uma pessoa que moro só, eu dou valor muito a amizade em questão disso, porque tem vezes que um amigo é até melhor do que um parente, questão de ajuda, questão de...fazer que, até de carinho...que eu tenho muitos amigos meus que faz questão de dentro da casa deles com eles” (T7).

Essas trocas afetivas entre os pares foram e são fundamentais na vida de algumas delas, inclusive na sua própria inclusão em um grupo, de se sentirem pertencentes a um lugar.

Quando a gente tinha 17, 18, todo mundo se reunia, a gente ia para a pracinha, aí já vendo as mais velhas arrumadas e também quis me arrumar também, a gente ia pra boate, usava roupas femininas, começava a usar perucas e foi se transformando (T6).

Nos trechos acima percebemos o quanto a realidade para muitas travestis e demais pessoas do meio LGBTT em relação aos seus relacionamentos com os familiares pode ser bastante conflituosa, principalmente pelas travestis terem uma identidade de gênero que não

necessariamente condiz com sua condição sexual, no caso das travestis em específico essa realidade é intensificada pela vulnerabilidade que estão sujeitas devido sua identidade “*é exposto, é escancarado*” (T3). Ou seja, elas não têm como esconder quem são, não podem mascarar sua identidade, soma-se a isso, toda uma representação social que as desumaniza, tirando delas o direito enquanto cidadãs. Essa dificuldade na família pode ser expressa em formas de violência física e verbal, fazendo com que muitas acabem sendo expulsas de suas casas, nisso podemos destacar que “o abandono familiar têm sido importante atributo na formação da identidade travesti” (PERES, 2011, p.55). Fazendo com que elas estejam recorrendo as ruas, sendo expostas a todo tipo de situações difíceis.

Todas essas falas são significativas para compreensão de como os relacionamentos afetivos afetam o desenvolvimento dessas travestis, a aceitação ou não na família, a sensação de pertencimento a um grupo, mesmo estas relações sejam marginalizadas socialmente, o mais significativo para elas é serem aceitas como são. Os relacionamentos têm grande impacto em suas vidas, como é também apontam outras pesquisas (PERES, 2011; KULICK, 2008). Estas encontram-se relacionados com seu desenvolvimento enquanto travestis, na construção das suas subjetividades, nas expectativas que elas e seus pares procuram e na busca por se “enquadrar” em um gênero são influências sócias e históricas marcantes para elas.

Outro aspecto está relacionado aos seus relacionamentos com outras travestis, as quais aparecem como uma de suas dificuldades, as falas que se seguem apontam isso:

As vezes o preconceito maior é dentro das próprias travestis... porque assim, no mundo das travestis, uma quer ser mais do que a outra, uma quer ser mais gostosa que a outra, uma que ser melhor que a outra, entendeu? Então pra essas, o que que elas fazem, elas acabam, é...elas acabam maltratando as outras, entendeu? Tipo assim, essa bicha aqui é gorda, então o maior preconceito é com as próprias travestis, tipo assim, se tu chega num local a travesti já te olha meio de banda, entendeu? Ai começa a se cortar, começa a te xoxar...(T6).

Hoje em dia está muito difícil tu vê um travesti amigo de outro, tipo dar conselhos, questão de seios, questão de emagrecer, em questão de cuidar bem do cabelo, bem, acontece muito, muito...muito travesti querer derrubar um ao outro...é muito difícil você ver uma travesti respeitando a outra, porque sempre uma quer ser melhor do que a outra (T7).

Entendemos que no processo de desenvolvimento de qualquer pessoa, os seus pares são fundamentais para que ela se desenvolva satisfatoriamente, tendo noção de pertencimento a um grupo, de identificação com ideais, valores, apropriação dos significados (Vygotsky, 1988). Por outro lado, as dificuldades nos relacionamentos com pessoas de um grupo social podem ocasionar diversos problemas de ordem afetiva e emocional, como também criam situações de distanciamento e não identificação com o grupo e seus valores, no caso das travestis, a relação com seus pares. As relações de companheirismo e solidariedade entre elas também aparecem comprometidas, bem como a rivalidade aparece de forma implícita nas falas.

Já vi travesti morrer porque a outra era mais bonita que ela, aconteceu um caso recentemente, uma briga de ponto não sei se você soube, teve uma briga de ponto, a travesti morreu porque a outra era mais bonita do que a outra e foi lá e matou” (T6).

O lugar do corpo aparece como sendo um campo de batalha na vida de várias travestis, que lhes colocará em lugares diferentes, o corpo é para muitas, sua fonte de renda, o “*corpo bonito...é ninfeta...é novinha*” (T3). Esse lugar que o corpo lhes coloca será valorizado ou não, dependendo dos investimentos que nele forem feitos, e do quão feminino ele for, daí um dos motivos da violência entre elas, “*já vi muitas brigas, facada, porrada*” (T3). Outra travesti reiterará esse apontamento: “*negócio de intriga, tu nunca ver a paz entre a gente, o que tu mais vê é negócio de jornal, travesti um matando o outro. Entendeu?* ” (T7).

A relação entre as travestis não é totalmente harmoniosa, de acordo com as falas isso é expresso em formas de competição, disputas pela melhor imagem, sendo atravessadas por um universo de vaidades (PERES, 2011). As formas de violência entre as travestis são relatadas como únicas soluções para resolver conflitos em outras pesquisas (BENEDETTI, 2005). Dessa maneira, pode-se afirmar que a relação entre elas é marcada “também por conflitos internos, hierarquias e troca de acusações, os quais, por sua vez, expressam e reproduzem as moralidades que regem as relações do grupo” (CARDOZO, 2009, p. 89).

Podemos fazer uma articulação entre a forma como essas travestis abordam seus relacionamentos, visto aqui prioritariamente como relações negativas entre seus pares como um desdobramento das relações de dominação de as atravessam, onde a partir da dominação cultural que abarca não só nos seus relacionamentos, mais nossa sociedade heteronormativa,

na qual através do patriarcado implicam em certas assimetrias com base nas relações de gênero (GUARESCHI, 2014). Estas acabam tornando determinadas pessoas desiguais por não atingirem os estereótipos esperados para seu gênero.

3.2.2.2 O lugar da escolarização: Contradições e contrastes

A escolarização aparece como uma das dificuldades enfrentadas por elas em seu curso de vida, representadas em formas da violência, tanto física quanto simbólica, como indicam as falas a seguir:

Para falar a verdade a escola é uma coisa bem difícil para nós que somos gays, somos travestis, somos lésbicas, até porque quando a gente bota na cabeça que a gente quer ser travesti, a gente quer ser chamada ao lado feminino, e nem todos os professores e professoras entendem sobre isso (T1).

Acho que quando eu entrei pra escola, pra educação, como é que a gente fala...jardim né, eu acho que eu sempre sofri bulliyng, assim de todo mundo...da escola..eu sofri bulliyng na escola, aqueles apelidos nojentos, viadinho, coisas do tipo, assim..(T5).

A figura do professor também é apresentada como uma barreira para as travestis coexistirem nos contextos de escolarização.

Até na universidade, tipo assim é muito difícil uma transsexual, uma travesti fazer um ensino superior, pelas dificuldades, não sofri preconceito não tanto dos colegas, mas dos próprios professores...(T6).

Quando é na hora da chamada, faziam a lista de frequência, o professor chamava pelo nome masculino, então isso dava um pouco de desconforto, porque ninguém gosta de ser chamada pelo nome que não quer...(T4).

Percebe-se que além da violência pelos colegas, essas falas apontam o constrangimento que alguns professores lhes traziam, evidenciando a falta de preparo para

lhe dar com as questões de gênero e sexualidade, pois espera-se que a pessoa do professor tenha o respeito pela identidade de gênero de seus alunos.

Alguns contrastes referentes ao contexto da escolaridade são trazidos por algumas delas, apontando que houveram situações positivas.

“Não me lembro muito de ter sido maltratado não, tive muitos amigos, as minhas professoras eram muito minhas amigas...eu não tenho muito o que reclamar, meus professores eram ótimos” (T7).

“Não encontrei obstáculos na minha formação enquanto jovem...meus professores foram maravilhosas...Socorro Lima, Conceição Sampaio, essas professoras com nome de político, mas que na real foram pessoas muito queridas pra mim, não me olhavam com cara feia, eram pessoas que realmente me ajudavam, se dissesse que meu nome era jegue, era o nome que eu ia ser chamado, entendeu? E elas sempre foram assim, um amor de pessoas, sempre procuravam me ajudar... (T3).

O lugar da escolarização é visto como sendo bastante contraditório, de forma que “a intensidade da discriminação e da intolerância nas quais são expostas as travestis nas escolas...ocasionando o abandono dos estudos e conseqüentemente a marginalização” (PERES, 2011, p. 57). A relação ambígua que algumas estabeleceram com determinados atores deste contexto e ao mesmo tempo os conflitos enfrentados por elas mostram que o contexto escolar necessita de maior cuidado por parte de políticas públicas, a figura do professor necessita ser melhor capacitado para atuar com as diferenças. Na própria universidade é mostrado como um contexto em que ainda há lacunas que precisam ser trabalhadas, tanto com os professores quanto com os graduandos, que serão os profissionais que irão atuar juntamente com essa população.

3.2.2.3 O Mundo do trabalho: a Heteronormatividade como barreira

A partir das falas das travestis percebe-se a inúmeras barreiras para elas conseguirem espaço no mundo do trabalho.

Dificuldades também de arranjar trabalho porquê...ninguém dá vaga para travesti...algumas estão por necessidade porque não conseguiram arranjar trabalho, correm atrás, podem ter o curso que tiverem, pode ter a escolaridade que tiverem, mas sempre não são chamadas, e o que acontece, continuam esse tipo de vida (T4).

O tipo de vida que a travesti nos traz como alternativa a essa dificuldade de serem inseridas em outros trabalhos é a prostituição, que para elas é colocada como uma das poucas fontes de subsistência, outra fala reitera essa afirmação:

O que eu posso te dizer, é muito difícil, é muito difícil, é muito difícil tu ter essa oportunidade de trabalho, é muito difícil ter essas oportunidades de trabalho...eu tenho no caso, eu sou profissional, meu curriculum é extenso, vasto, ainda não entendi porque eu não consegui emprego T3.

Outra delas aponta um provável motivo para não conseguir ser empregada em outras funções.

Quando a pessoa vai atrás de emprego, a travesti vai atrás de emprego, difícil pegar porque muita pessoa é preconceituosa com a maneira da pessoa...feminino, como anda, como se veste...dizem que não tem vaga (T2).

Não fiquei na vaga, tipo assim eu tinha vários projetos área, e ele não tinha, mas eu não fiquei na vaga pelo fato de eu ter cabelo grande, entendeu? E porque na época eu era pintozerrima, aí eu não fiquei com a vaga (T6).

Existe uma correlação com as concepções sociais sobre as travestis pode ser um indicador da dificuldade de conseguir outros trabalhos para além da prostituição. Nisso elas trazem algumas falas que podem sinalizar o porquê dessa barreira, “na verdade todo mundo trata o travesti como um marginal, isso aí é um vagabundo, ladrão” (T4), ou quando dizem que “no mundo que a gente vive, a gente vive num mundo de preconceito, querendo ou não a gente vive” (T1). Essas falas expressam tanto questões de ordem social e histórica, mas em termos práticos interferem nas suas vidas, dificultando o seu acesso a outras possibilidades

de ocupação profissionais para além daquelas já estereotipadas para elas, como no caso, a prostituição, com relação a isso Don Kulick traz um interessante apontamento, quando explicita que muitas travestis abandonavam o emprego “ao perceberem que podia ganhar mais dinheiro com a prostituição” (2008, p. 195). Em um outro trecho de seu trabalho ele enfatiza que devido aos insultos e a violência diária, “as travestis não têm alternativa a não ser 'a pista'” (2008, p. 202).

No que se refere ao mundo do trabalho, a partir da fala das travestis é possível afirmar que o lugar possível para elas sob o olhar da sociedade é a prostituição, isso é percebido na seguinte fala:

A sociedade nos olham, essa é a mais dura realidade, a sociedade não me olha, eu vou usar eu mesmo como exemplo, a sociedade não me olha com olhar de..., de no caso, de profissional, ela me olha como profissional do sexo, acho que para toda travesti é assim, eu posso está pintada de palhaço, entendeu? Mas se já tem essa noção do que eu sou, aquela pessoa ali, independente de ser advogado, palhaço, a delegada...é travesti...é um ser que foi feito para o sexo, é um ser que foi feito para fazer, no caso, ações sexuais, erotismo, no caso, ou algo parecido... (T3).

Nessa fala é perceptível que quando se trata de trabalho, a prostituição aos olhos da sociedade é o único lugar possível para essas travestis, isso também é corroborado por outra travesti:

A gente sofre muita discriminação, tipo assim, qual é a visão que a sociedade tem da travesti, que ela é prostituta, que ela é aidética, que ela é marginal, que tá em ponto, que travesti pode roubar, é essa a visão que a sociedade tem, entendeu? (T6).

Outra travesti questiona o lugar que a sociedade lhe coloca, e também enfatiza que não é a vida de ponto que querem como única possibilidade de sustento.

Porque que um gay ou travesti não pode ser um médico, não pode ser um professor, entendeu? ...muitas de nós que trabalhavam na rua, aquele ponto ali não é uma vida que todos nós queremos, nós queremos mudar de vida. Algumas estão por necessidade porque não conseguiram arranjar trabalho, correm atrás, podem ter o curso que tiverem, pode ter a escolaridade que tiverem, mas sempre não são chamadas, e o que acontece, continuam esse tipo de vida, muitas são estão

porque querem sustentar um vício, então porque gostam mesmo, certas dificuldades, tanto na escolaridade quanto no trabalho, tiver uma oportunidade do travesti no ambiente de trabalho, acho que a pessoa pegaria (T4).

A questão referente a outros trabalhos além da prostituição é para as travestis é uma questão bastante problemática e até mesmo contraditória, uma vez que de acordo com elas, as barreiras impostas pela sociedade, que lhes apresenta a vida na prostituição, associado a isso, soma-se as suas condições de vida, muitas vezes não tão favoráveis para que elas tenham outras fontes de renda, entretanto, “é absolutamente equivocada a crença de que a vida na prostituição é um 'vida fácil” (BENEDETTI, 2005, p. 47). Isso é colocado por elas no decorrer das falas, enfatizam que a prostituição não é a vida que elas esperam como única alternativa de subsistência, por outro lado “o dinheiro é o que leva as travestis para a prostituição. Elas precisam dele para viver, comer, para o aluguel” (KULICK, 2008, p. 196).

3.2.2.4 O uso do banheiro: um não-lugar para as travestis

A utilização do banheiro público é uma necessidade básica de todo cidadão, entretanto, esse lugar torna-se bastante conflituoso para as travestis, isso é constatado em suas falas.

De todos os locais que eu frequento o único que eu fui maltratada foi na praça de alimentação que eu fui usar o banheiro feminino, quando eu saí, a moça que ficava na porta do banheiro que eu acho que é a...ali no Dom pedro, acho que é até a faxineira né, me chamou disse que eu não podia usar mais o banheiro porque quando eu fosse usar o banheiro que eu usasse o masculino porque eu sou homem” (T7).

Eu usei o banheiro das mulheres, e chegou queixas com o diretor que eu estava usando o banheiro das mulheres e eu não era mulher, e ele chegou e chamou minha atenção, deu uma advertência, não queria que eu usasse o banheiro das mulheres, queria que eu usasse o dos homens...fiquei ofendida porque eu tava vestida de mulher, então eu vou usar o banheiro de mulher (T4).

Nessas falas é percebido dois fatos ocorridos em relação a utilização do banheiro, uma em um local público e a outra no contexto escolar, em ambas, as travestis passam por constrangimento, primeiro por serem tratadas pelo gênero que não ocupam, no caso o Ser

homem, e também pelo não-lugar do banheiro enquanto direito básico para fazerem suas necessidades, se na sua identidade de gênero, não se consideram homens, nem mulheres, então qual é o lugar para elas em relação ao banheiro? Isso fica evidente em uma das entrevistadas *“as pessoas ainda me veem como garoto, e isso me deixa muito mal, se eu frequentar o banheiro feminino vão achar estranho, se eu frequentar o banheiro masculino vão achar estranho também”* (T5).

Nas sociedades urbanas o banheiro encontra-se dividido entre dois mundos possíveis, o mundo do homem e no mundo da mulher, ambos apreendidos de forma naturalizada, tendo estes gêneros atrelados ao sexo biológico. No caso das travestis, elas desconstruem isso, desestabilizando esses lugares, em que o gênero e o sexo biológico são apreendidos como partes de uma mesma construção, em outras palavras as travestis representam *“a expressão da fluidez dos desejos e, por conseguinte, dos corpos e dos sexos, revelando a incongruência dos sistemas que buscam relacionar sexo/ sexualidade/gênero/identidade sexual”* (JIMENEZ; ADORNO, 2009, p. 346). Não havendo por parte da sociedade o entendimento de que são coisas diferentes, trazendo para discussão sobre a dialética pertença/não pertença ao lugar (FISCHER, S/D). Entende-se que as travestis desconstruem isso quando se trata do banheiro, pois são biologicamente pertencentes ao sexo masculino, mas enquanto construção de gênero são pertencentes ao universo do gênero mulher/feminino.

3.2.3 Significados atribuídos a travestilidade por elas mesmas

Outro aspecto relevante neste estudo se refere ao significado atribuído à travestilidade por elas mesmas, sendo encontradas falas relativas a sua adjetivação quanto moralização, bem como concepções de pessoas que estão em constante mudança, mas que nas falas de outras também são estereotipadas, são percebidas por elas mesmas que existem travestis boas e outras más, em que cada qualidade está como dois lados aparentemente opostos, como duas forças que as movem, que as constroem, que evidenciam o lugar da heteronormatividade em suas falas.

3.2.3.1 Travesti como a expressão da fluidez e os estereótipos de gênero

Esse núcleo surgiu a partir de algumas aglutinações que destacam o aparente caráter contraditório que as travestis apreendem a pessoa travesti, em uma tentativa de pensar um lugar para elas, em um primeiro momento trazem uma dimensão muito mais poética, reflexiva, em outras palavras elas representam a travesti como um ser adjetivado, feito de cores, formas, qualidades e diversidades. “*Travesti para mim é tudo roxo, tudo lilás...travesti é o rosa, é o lilás...são coisas boas*” (T3). “*Ser travesti é uma coisa bem legal...é ter força...precisa ter força...precisa ter foco*” (T1). “*É ser livre*” (T4); “*é ter liberdade de ser o quem eu sou*” (T6). “*Ter respeito, ter o espaço, fazer sua lenda...ser amiga...travesti é ter glamour...ter amor no coração*” (T7).

Percebe-se também a dimensão moralista nas suas falas. “*Travesti é a gente se pôr no nosso lugar...não deve se expor*” (T1). Bem como a sua própria indefinição, ou mesmo o inexplicável e o indescritível. “*Não sei nem te responder*” (T2); “*não tem como explicar*” (T1).

A fala delas expressa que há uma certa abstração em ser travesti, ao mesmo tempo em que são adjetivadas com qualidades positivadas e ao mesmo tempo são apreendidas como seres moralizados, mas também incompreensíveis, que não podem ser descritos ou mesmo explicados, ou pode indicar a dificuldade que podem ter em trazer os significados relacionados a travestilidade e também na maneira como elas subjetivam a pessoa travesti. Esse lugar aparentemente contraditório tem na teoria um respaldo e compreensão, visto que assim como as travestis desestabilizam os lugares normativos de gênero, sexualidade e orientação sexual, a psicologia histórico-cultural apreende o princípio da contradição como um lugar possível para o existir humano. Por esse motivo, não é negado a possibilidade de coexistência da indefinição em suas falas, uma vez que nesta abordagem “*não existem oposições dualistas/dicotômicas entre as instâncias sociais e individuais, objetividade-subjetividade, interno-externo*” (ALVES, 2010, p. 02).

Outras falas atreladas a travestilidade por elas encontra-se relacionado ao lugar do feminino e a busca de ser mulher, “*que uma travesti logo pensa na vida, a vou botar peito, vou tomar hormônio, né, vou deixar cabelo crescer, tem que ser bem feminina, entendeu?*” (T3). Elas dizem que são mulheres, enfatizando que ser travesti é ser mulher, “*pra mim não*

tem diferença das travestis e transsexual, todas são mulheres..antes de tudo somos mulheres, chegar e falar sou uma mulher trans, somos mulheres e ponto final” (T5).

Em outra fala é possível destacar a relação contraditória entre esses lugares, da mulher e da travesti.

Mulher é mulher, travesti é travesti, já me perguntaram muito, tu tem vontade de cortar teu pênis? Bota uma vagina? Eu digo não, eu não quero ser uma mulher, eu quero ser o travesti...travesti de uma mulher é olhar e ter inveja, entendeu? Travesti de uma mulher é olhar e admirar, travesti da mulher é olha e dizer poxa, verdade, você é mais bonita que uma mulher, isso é ser um travesti... (T7).

Ser travesti como sendo uma mulher é um significado aparentemente contraditório, e isso é percebido na fala de algumas das travestis entrevistadas. Porém de acordo com a teoria de Vygotsky, a contradição é parte integrante da construção da subjetividade humana, na qual existe uma “compreensão dos fenômenos em sua processualidade e totalidade encontra respaldo apenas na dialética entre singularidade-particularidade-universalidade” (ALVES, 2010, p. 08).

Seu desenvolvimento é atravessado pela ambiguidade como é o de qualquer pessoa. Esse “ser mulher” encontra-se permeado por lugares socialmente estabelecidos, subjacente a isso, está a sua apropriação dos signos sociais “mulher” pelas travestis, sendo um universo que tem linguagem específica e postulam-se regras de aceitabilidade (PERES, 2011). Em outras palavras, o lugar social que essa significação de um determinado tipo mulher ocupa, como é observado em outros estudos (BENEDETTI, 2005); (PELUCIO, 2006); (CARDOZO, 2009); (KULICK, 2008).

Em outro momento suas falas direcionam a travesti como o ser que transita, hora como um ser estereotipado, em que tem um lugar idealizado por elas, em outros momentos como um ser em constante mudança

A travesti de cara tu vai saber que é uma travesti...se parar para notar você vai ver algumas diferenças, alguns traços, um “gogo”, um gogo, que pode ser também a voz, que a voz entrega muito, o pé, são coisas minúsculas que tu consegue perceber, entendeu? (T3).

Para a sociedade a travesti é uma coisa totalmente masculina, totalmente, que é mais de fetiche mesmo, de homens que tem fetiches de mulheres que tem pênis, né,

ou seja, a cidade vê a travesti como homem que se veste de mulher, que são prostitutas... travesti é aquela que está lá na esquina se prostituindo e tal, que não está na escola...acho que culturalmente, a travesti, ela é uma, ela traz todo um emaranhado de gestos, falas, formas... (T5).

Essas falas apresentam uma construção que as entrevistadas atribuem as travestis, tendo um emaranhado de gestos, falas, formas, características que são apreendidas como parte do imaginário popular, também se percebe as questões sociais, culturais e históricas podem ter impactos nos modos de vida dessas travestis neste contexto, de forma que suas falas são atravessadas por concepções, os quais postulam um lugar para essas pessoas.

A mudança e estabilidade é vista a priori como uma dicotomia entre o feminino e o masculino no corpo das travestis, entretanto essa transição entre masculino e feminino é sempre negociado, construído, ressignificado. (PERES, 2011). Visto de outra forma, destaca-se que “uma das chaves para compreensão desses sujeitos estaria na potencialidade de trânsito, de mobilidade, que desmontaria os lugares do feminino, e do masculino, não se constituindo, por tanto, em um lócus de estaticidade” (DÁMASIO, 2009, p.213).

Nas falas atribuídas pelas travestis, em um primeiro momento ambas são colocadas em lugares bastante contraditórios, pois se polariza a pessoa travesti entre a boa e a má, contudo em termos de construção de identidade de gênero, os dois lugares fazem parte de um mesmo processo, de um mesmo desenvolvimento, onde de acordo com a psicologia sócio-histórica, coletivo e individual, objetividade e subjetividade, antes contraditórias, são apreendidas como partes importantes no desenvolvimento do sujeito, não se excluindo, muito menos uma pode ser considerada superior ou inferior (GONZÁLEZ REY, 2004). Postula-se que tanto a valorização, no caso das travestis boas, bem como sua desvalorização, no caso das travestis más, ambas fazem parte de um mesmo processo humano que se encontra em contínua tensão entre os opostos, ou seja, para dizer quem somos precisamos do outro.

Tem as que precisam, que tão ali mesmo pra batalhar o seu dinheiro, pra comprar o seu sustento de amanhã, pra pagar o seu aluguel, tem muitas que tão ali pra comprar a sua maquiagem amanhã, a sua montagem do outro dia, e assim que travesti pensa, as que eu julgo boas, no caso as que eu julgo, no caso as que eu julgo que tão ali pela necessidade, não as que estão ali pela malandragem, porque dali também saem grandes travestis, como é que eu posso te falar, travestis que no dia a dia são donas de casa, travestis que no dia a dia, são no caso, como é que eu posso te dizer, vendedoras de bombom, ou algo parecido, mas que quando a noite é o dinheirinho que vai entrar a mais, e muitas ali estão também pra roubar, uma boa parte também, e as mais novas hoje em dia estão indo pra ponto pra roubar (T3).

Então a gente como travesti não deve ligar, não deve se expor, a gente é mais a gente, a gente tem que mostrar sempre a diferença, entendeu, porque os héteros gostam de ver isso, de ver o respeito, então para mim, eu V aprendi muito, se eu sou travesti, eu tento me comportar como uma travesti, e não como uma travesti vulgar (T1).

A travesti boa, aquela que se dá ao respeito, a que se põem em seu lugar, que não é vulgar é uma representação do que se espera para um tipo de mulher, a qual se espelham, aquela que é boa, recatada, obediente, submissa, pertence ao mundo do dia, a exemplo disso tem-se que essa travesti boa, semelhante a um ideal de mulher, que deveria “representar a candura, a subordinação ao homem, ao pai, até mesmo a Deus, à fragilidade do amor” (ESPERANÇA; SILVA, 2010, p. 86). Já a travesti má é aquela barraqueira, violenta, bandida, perigosa, que vive na noite e é prostituta. Essas duas imagens de ser travesti são fortemente atravessadas por ideais sociais e históricos, as expectativas que lhes colocam como sendo da boa ou má mulher, também é a que elas próprias estabelecem como sendo da boa e má travesti. A construção subjetiva delas recebe essas influencias.

Percebe-se também uma visão fatalista, tanto de um lado quanto de outro existe um apelo a resignação e aceitação da realidade como ela é, se a intenção de mudar ou sair de um lugar, as travestis são boas ou más como se o destino quisesse (MARTIN-BARÓ, 1987). Diante dessa realidade, torna-se imprescindível sairmos de uma perspectiva que historicamente naturaliza a exclusão como culpa do indivíduo, colocando nele a responsabilidade por sua situação social, sendo hipoteticamente capaz, de superá-la, caso queira, mas sim, pensar em um indivíduo que não tem nele a origem de seu sofrimento, mas, por meio de relações manifestas socialmente (GUARESCHI, 2001).

3.2.4 Âmbitos de sociabilidade onde as travestis participam

Esse objetivo procurou identificar os lugares por onde andam as travestis, fazem trocas afetivas, encontram seus pares, etc. Os resultados nos possibilitaram conhecer a rede de relações onde elas encontram apoio, suporte ou como é sua relação delas com as outras travestis nos espaços de sociabilidade (BENEDETTI, 2005).

3.2.4.1 Lugar de travesti é no mundo: dialética da exclusão/inclusão

Este núcleo faz um apontamento bastante interessante, pois para a maioria das travestis entrevistadas os contextos de sociabilidade LGBTT não são os únicos âmbitos em suas vidas, deixando evidente que os locais onde fazem trocas afetivas, participam socialmente e se relacionam é em outros contextos.

Para falar a verdade o meu lugar, o meu lugar de hoje, hoje em dia mesmo é lugar hétero, é por isso que eu falo que eu não ligo, sempre fui bem tratada, ao mesmo tempo notada, mas eu não me importo, meu lugar hoje é hétero, não vou para lugares gays, (...) como eu falei, eu sou movida ao mundo hétero, meu mundo hoje em dia, eu gosto da croco, eu gosto ali da praça da saudade, eu gosto dos bilhares, eu gosto do plazar, são lugares bem legais (T1).

Só carnaval, amo carnaval, festa junina, tudo que é festa eu gosto, se eu puder ir, se eu tiver com quem ir eu vou....gosto de um pagodinho... (T3).

Gosto de frequentar o movimento artístico, locais assim...festival pirão, esses festivais, algumas amostras de peça, de teatro, que mais...alguns shows particulares, essas coisas assim, nada muito, como é que eu posso dizer, muito estereotipado, que é frequentar essas festas gays que eu não gosto... (T5).

Em outras falas observa-se a relação ambígua ou até mesmo contraditória que algumas delas estabeleceu com os âmbitos convencionados como redutos frequentados por pessoas do meio LGBTT:

Em boate, tu vai na boate tu vê uma bicha querendo ser melhor do que a outra, querendo ser mais linda do que a outra, e as vezes perde a oportunidade... por isso eu não gosto de boate, não gosto de ambiente GLS porque tem muita rivalidade, falam olha a bicha lá, gorda, nos hétero não, ai tu vai ver (T6).

Eu não gosto de andar muito em meio de...de travesti, de gay por causa disso, porque sempre acontece esse negócio de despeito para o meu lado.... Essas coisas, não, negócio de parada gay...negócio de... boate, negócio de bloco de piranha que e no sambódromo, essas coisas eu não gosto, eu não vou (T7).

Na fala das entrevistadas é perceptível algumas questões relevantes, primeiramente é o fato do ambiente onde frequentam outras travestis é tido por elas como um lugar de muita

rivalidade, disputas, intrigas, já nos ambientes tidos como heterossexuais elas enfatizam que esse tipo de conflitos não aparece, ou pelo menos não é tão evidente.

Especificamente na fala de uma delas esse mesmo ambiente apreendido nas falas como lugar não-gay aparece como um contexto onde há sim muito preconceito, barreiras e despeito, evidenciando uma relação tênue entre inclusão/exclusão:

Eu não gosto de cinema nem de shopping...tipo o centro né ou se eu for em uma festa onde tem mais gente tipo casamento, 15 anos, as pessoas ficam te olhando...tipo um preconceito...tipo como se fosse debochando, porra é um homem vestido de mulher... (T2).

Em termos de âmbitos de sociabilidade, a maior parte delas apontam para o não-lugar dos contextos LGBTT devido a rivalidades e a prevalência de sua participação em lugares percebidos por elas mesmas como sendo lugares hétero, sendo que mesmo nestes lugares ainda podem vir sofrer algum tipo de discriminação.

Um apontamento que pode denunciar a carência de laços entre as travestis, bem como, de outra forma, a tentativa de como já apresentado em outros núcleos, o seu desejo de “ser uma mulher”, de ficar em meio a elas como forma de também ser notada pelos homens hétero e também não sofrer tanto preconceito. O que podemos também trazer na fala delas é a rivalidade entre elas como motivo de não frequentar lugares onde outras travestis se encontram, quanto a isso, outros pesquisadores também apontam que os relacionamentos entre as travestis são bastante conflituosos (PERES, 2011; BENEDETTI, 2005; CARDOZO, 2009).

3.3 DISCUSSÃO FINAL

Os resultados encontrados evidenciam nuances relevantes para compreendermos como é ser travestis na cidade de Manaus a partir de significados atribuídos por elas mesmas, sendo atrelados as construções conceituais acerca dos modos de vida das travestis que vivem no contexto sociocultural estudado, bem como as dificuldades enfrentadas pelas travestis no seu desenvolvimento, significados da travestilidade e o âmbitos de sociabilidade que as

travestis participam, sendo estes os objetivos propostos para compreender o objeto de estudo em sua totalidade.

O estudo possibilitou entender além do aparente, descortinando nuances do que significa ser travesti em Manaus, fazendo emergir aspectos e questões até então invisíveis para nós quanto aos seus modos de vida, as quais podem contribuir com os conhecimentos já produzidos em outros estudos com as travestis (KULICK, 2008; DUQUE, 2011; CARDOSO, 2009).

Entendemos que o processo de desenvolvimento de uma pessoa não é descolado do contexto, o qual não é em nenhum momento neutro, mas de outra forma, traz para a pessoa inúmeros significados, que podem ou não colaborar na abertura para suas possibilidades. No caso do contexto Amazônico, é entendido pelas respondentes como um lugar prioritariamente negativado em relação a outros contextos, como estados do sudeste do Brasil. Esse apontamento é significativo na medida em que pode ser indicador da dificuldade dessas pessoas em se relacionarem com a cultura local, valores e as crenças que as constituem enquanto parte da população Amazônica. Apontamos que tanto as travestis quanto qualquer outra pessoa serão atravessadas por concepções que podem de algum modo estar lhes colocando uma visão periférica, como sinônimo de uma cultura subalterna.

Em relação à busca incessante das travestis por ser uma mulher, na qual esse gênero é por elas atrelado à feminilidade é um achado que tem correlação com outras pesquisas com as travestis (BENEDETTI, 2005; PERES, 2005; PELUCIO, 2006; KULICK, 2008; CARDOZO, 2009; DUQUE, 2009; AMARAL, 2012; MONTREOZOL, 2011). Aponta-se que essa busca por um ideal de feminilidade circunscrito no corpo e na subjetividade dessas travestis não é naturalizado como sendo parte delas, mas é construído e compartilhado socialmente.

A partir de suas colocações é possível inferir que existe uma construção social que associa a travesti a prostituição, ou pessoas feitas para o sexo, como sendo o lugar possível para sua existência, bem como, apresentadas como homens que se vestem de mulheres, como seres andrógenos, híbridos, mutantes, estranhos, doentes, exóticos (BENEDETTI, 2005). Esses achados indicam que a forma como são percebidas no meio social tem relação com a construção de si dessas sujeitas, uma vez que elas acabam sendo atravessadas por essas produções sociais e culturais, tendo ressonância na história individual e história social delas (VYGOTSKY, 1998).

Destaca-se também, que essa busca por uma identidade, em outras palavras, para chamar de sua, é muito conflituosa por vários aspectos na vida de uma travesti, isso dialoga com a seguinte fala “a psique está configurada socialmente, ao mesmo tempo, é constituinte do social dentro do processo em que se configura” (GONZÁLEZ REY, 2012, p. 33). Entende-se como âmbitos problemáticos, o olhar da sociedade quanto ao desenvolvimento delas e os seus próprios processos subjetivos, neste sentido ao pensarmos nos processos investigativos envolvendo a identidade de um grupo “implica enveredar pela pluralidade das cosmovisões de sujeitos, o pensar, o sentir, o agir humano (individual e coletivo), as ideologias; a fim de captar as representações e significações do seu “estar no mundo” (PEDRO, 2006, p. 68).

Com base nos achados é visível o quanto para qualquer pessoa, sejam elas travestis, transsexuais, transgêneros, entre outras, que estão em busca de lugar possível para sua existência, entretanto, também fica claro que “as definições genéricas procedentes de outros lugares trazem uma compreensão de nós mesmos e dos outros muitas vezes míope diante das realidades que a maioria dos nossos povos enfrenta e são inadequadas para captar sua especificidade social e cultural” (MARTÍN-BARÓ, 1996, p. 08). Entendemos que tanto em nível micro como macro devemos considerar que falar em processos identitários, devemos levar em conta as limitações que esses resultados apontam.

A partir das falas delas, fica evidente a relação que a ciência, os meios de comunicação, bem como as expressões artísticas e culturais podem exercer sobre a vida de cada pessoa, no caso dessas travestis nos sinalizam em seu processo de desenvolvimento, repleto de inúmeros conflitos e dúvidas sobre o quanto nós produtores de conhecimentos devemos ter o cuidado ao tentar apreender a forma de existência das pessoas e grupos, entendendo que nós mesmo não somos neutros e que podemos acabar postulando lugares para essas pessoas. Justamente para não cairmos na pretensão de colonizar o outro com nossos saberes. Entendendo também que os fenômenos humanos sempre irão escapar as teorizações, sendo imprescindível uma postura que relativize essas e outras formas de ser no mundo.

Entende-se que o sexo se torna objeto de saber por meio de dispositivos de poder nos discursos sobre a sexualidade presentes, por exemplo, no discurso médico científico que busca a normatização da sexualidade (FOUCAULT, 1988). Em relação sexualidade e identidade de gênero das travestis, destacamos que “o limite entre o patológico e o normal

sempre será arbitrário, fundamentado geralmente em concepções tradicionais mais moralistas do que em conhecimentos científicos da sexualidade” (MONTREOZOL, 2011, p. 18).

O relacionamento afetivo no desenvolvimento das travestis tem sido apreendido como parte importante na sua história de vida, tanto em termo positivo quanto negativo. O apoio familiar ou a falta dele, os relacionamentos amorosos, as dificuldades de convivência entre as próprias travestis também são significativas para compreender como é construído o universo de relações que elas foram estabelecendo em seu desenvolvimento, sendo apontados também em outros trabalhos sobre a temática (PERES, 2011; BENEDITTI, 2005; KULICK, 2008).

O mundo do trabalho foi presente em um núcleo que emergiu nas falas, ambos situados em dois âmbitos: um social, relacionada as influencias sociais e históricas e outra prioritariamente na experiência subjetiva, concernente a dificuldades enfrentadas por elas. Em ambas podemos fazer alguns apontamentos, entre os quais encontra-se o de que em um nível macro, ou socialmente falando, a prostituição é um lugar onde se pensa quando imagina-se a pessoa travesti, de outro relacionado ao plano individual, em que elas apontam barreiras ou dificuldades em conseguir outros trabalhos fora do mundo da prostituição.

Problemas relacionados ao lugar da escola e a escolarização são apontamentos já realizados em outros trabalhos com as travestis (PERES, 2011). Em termos socioculturais “a escola é uma das mais importantes instituições produzidas e estruturadas pela sociedade e cultura humana” (NUNES, 2006, p. 37). Na fala delas esse contexto é visto como fonte de violência, além dos demais colegas de sala, elas trazem a figura do docente como uma das pessoas nos âmbitos de escolarização como aquele que lhes traz dificuldades, quanto a isso, entende-se que “alguns professores ainda se mantêm estagnados no tempo, devido aos valores arcaicos e às condutas rígidas que assumem no seu cotidiano profissional” (ALENCAR *et al*, 2008, p.161). Quanto a esse achado, torna-se urgente a criação de outros projetos que possam trabalhar junto ao docente em seu papel de protagonista na criação de trabalhos sobre relações de gênero e diversidade sexual, isso pode ser uma estratégia para diminuir os índices de evasão escolar e as formas de violência contra pessoas LGBTT na escola.

O uso do banheiro público também é um apontamento que esse estudo pode contribuir na discussão sobre os não-lugares para as travestis e a possibilidade de se criar um lugar possível para elas, principalmente pensar em como a sociedade encontra-se dividida em relação ao banheiro em dois gêneros possíveis: Homem e Mulher, de forma que esses

lugares acabam excluindo milhares de pessoas que como cidadãos de direito deveriam ter o seu acesso assegurado ao banheiro relacionado ao gênero que sentem-se pertencentes, nisto, aponta-se que “um espaço social não é independente, integra-se como elemento de sentido na configuração subjetiva de outros espaços e expressa elementos subjetivos do funcionamento da sociedade em que o constitui” (GOZÁLEZ-REY, 2004, p. 147).

Outro núcleo referente ao significado da travestilidade pelas participantes é formado por duas dimensões do existir humano: metamorfose versus estereotipo, onde em um momento se apreende a travesti como um ser que está em processo de desenvolvimento constante e em outro paralelo, é visto por elas como alguém que tem um lugar naturalizado, em meio a isto, “perante o conhecimento gerado pela psicologia sócio-histórica, compreendemos a identidade como um processo em contínuo desenvolvimento, representado pela relação entre a objetividade e a subjetividade” (MONTREOZOL, 2011, p. 18). Entendemos que esses caminhos e descaminhos, lugares e não-lugares, estabilidade e mudança, independentemente de serem travestis ou não, são partes do desenvolvimento de todas as pessoas.

Os indicadores, “a travesti boa e a travesti má, indicam uma aparente contradição na em relação a dois lugares, um valorizado e o outro, desvalorizado quanto ao ser travesti, isso nos fez recorrer ao conceito de subjetividade social e individual propostos por Gozaléz-Rey, na qual estão inter-relacionadas, e o sujeito é um co-participante nos processos sociais, a subjetividade é vista como uma produção histórica, sendo ambos processos de um mesmo sistema (2004). Em outras palavras, o outro sujeito faz parte do mesmo processo histórico e não-linear, e isso em termos de desenvolvimento individual, apreende-se que precisamos da outra pessoa para nos construir e vice-versa.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Finalizo esta dissertação com a sensação de que há muito mais dúvidas que certezas, muito mais questionamentos que afirmações, inúmeros apontamentos e denúncias por fazer sobre o desenvolvimento, condições de vida e problemas enfrentados diariamente pelas travestis na cidade de Manaus, porém, reconheço que os dados aqui apresentados são importantes para elucidar neste contexto sobre aspectos de suas vidas que muitas vezes ainda permanecem em segundo plano nas políticas afirmativas voltadas para esta população, pois ao compreendermos algumas implicações psicossociais no desenvolvimento das travestis e transexuais é uma das formas de também pensar, além da sua reflexão, sobretudo ações que possam beneficiá-las.

O material coletado apresenta relevância para entendermos sobre como a realidade social, histórica, cultural e política tem um papel fundamental na nossa construção de identidade. Na fala das travestis e das transexuais foi perceptível isso, pois sempre que falavam de si, se referiam ao contexto, as relações estabelecidas, as crenças, regras, normas, etc. Entendemos que paralelamente a uma possível verdade sobre as travestis, reconheço o caráter transitório e situado desses achados, nos quais vejo que o campo de estudos com as travestis e transexuais apresentam toda riqueza e diversidade que escapam as definições e postulados teóricos.

Esse trabalho foi realizado com sete pessoas que se identificaram como travestis, transexuais e transgêneros da cidade de Manaus, sendo para algumas abordagens um número pouco expressivo para trazer generalizações. Entretanto, penso antes de mais nada que “ainda temos que romper, na Psicologia Social, o preconceito positivista das amostras significativas como único meio de produzir afirmações sobre um processo social” (GOZÁLEZ-REY, 2004, p. 143). Em linha com esse pensamento, entendo que há um caráter inteiramente

qualitativo em todas as etapas desse estudo, que foi desde a minha inserção nos contextos onde elas frequentam, a coleta e análise das entrevistas.

Compreendo a não-neutralidade e historicidade deste trabalho no que se refere ao desenvolvimento humano, entendido aqui como não descolado da realidade sócio-histórica em que essas pessoas vivem, também aponto que o interno e o externo, o objetivo e subjetivo não são tidos como antagônicos, mas de acordo com o materialismo histórico-dialético, como partes de um mesmo processo, mediados pela linguagem como ferramenta do pensamento. Nesta relação é que os sentidos subjetivos podem ser tornar significados socialmente compartilhados.

Com base nessa explanação, posso dizer que os objetivos deste estudo foram satisfatoriamente alcançados, propiciando que pudéssemos compreender um pouco mais sobre o quanto as dimensões, sociais, históricas e culturais interferem no desenvolvimento dessas pessoas. Em outras palavras, enfatizo que a possibilidade de dar voz a elas foi uma das melhores partes desse trabalho, para mim, permitir que elas fossem as principais atrizes, as protagonistas de suas histórias foi uma das maiores contribuições na compreensão dos significados e implicações no desenvolvimento das travestis e transexuais neste contexto.

Reitera-se que os achados deste estudo apontam para a forte influência que as questões sociais, históricas, políticas e culturais têm sobre o desenvolvimento identitário dessas pessoas. Por outro lado, quando pensamos em qualquer processo de desenvolvimento, independente de uma pessoa, seja ela homossexual, travesti, transexual ou não, devemos atentar para a realidade latino-americana, sendo um contexto pertinente a ser considerado, principalmente porque existe uma implicação fatalista que direciona e naturaliza corpos, jeito de ser, concepções, que acabam por naturalizar modos de existência, colocando nas pessoas a única responsabilidade pelo seu processo de desenvolvimento, tirando delas suas historicidade, protagonismo e conscientização de sua participação em suas condições de vida, etc.

Percebemos nos achados deste estudo que as significações existentes a nível coletivo sobre a travesti e transexual, acabam infiltrando para as elaborações subjetivas que as próprias travestis constroem sobre suas vivências, de maneira que seus modos de vida também são reiterados por algumas delas. É possível inferir que existe um poder no meio social que acaba criando formas naturalizadas de desenvolvimento humano, atrelados a uma visão biologizante. Estes encontram-se representados prioritariamente nos meios de comunicação e nos escritos científicos sobre as travestilidades enquanto construção de

gêneros e sexualidades. Esse poder legitimador de verdades também influencia grandemente em seus processos de apreensão de significados sobre o que é ser uma travesti ou uma transexual, vista na maioria das vezes de maneira bastante pejorativa.

Outro ponto interessante é que de acordo com as falas, podemos dizer que existe um ideal de feminilidade para muitas travestis e transexuais, porém, destacamos que este não é naturalizado, mas sim fabricado nos moldes de uma sociedade do consumo, onde a beleza é representada em um corpo esculpido, cujo objetivo é atender aos anseios do capitalismo. As pessoas valem pelo que tem, ou em outras palavras, e se o que elas possuem é um corpo escultural, aí está a sua valorização, entretanto, esse é um ideal de perfeição que jamais qualquer pessoa alcançará em sua totalidade, visto que a realidade humana é a mudança, sendo ela e a perfeição coisas contraditórias.

Compreendemos que o Universo Trans (travestis, transexuais e transgêneros) é permeado por diferentes aspectos, nuances e peculiaridades, os quais precisam de total atenção por parte do estudioso no assunto para não correr o risco de apresentar imagens performáticas, desconsiderando os processos subjacentes a sua construção enquanto pessoa, lembrando que são acima de tudo sócio de uma sociedade.

Surge a necessidade de dar voz a elas em pesquisas, de forma a vê-las, não mais como seres mitológicos, com certa indiferença ou distanciamento (BENEDETTI, 2005). Devem ser observadas como seres humanos que possuem demandas e necessidades que escapam as teorizações, neste sentido, somente elas podem dizer que tipo de escolarização desejam, que atendimento esperam e que políticas públicas são suficientemente eficientes para atendê-las.

Como desdobramento do estudo, entende-se que existe a necessidade da criação de espaços sociais onde travestis e transexuais sejam construtoras diretas de políticas públicas, para que as mesmas possam ser efetivas e que contemplem as suas diversas necessidades. Priorizar o protagonismo é de extrema importância, pois, entende-se que essas pessoas são as únicas que podem afirmar sobre suas próprias realidades por meio dos seus conhecimentos empíricos e de suas próprias vivências imersos em contextos distintos, plurais e ao mesmo tempo, territorializados.

Podendo ainda ter amparo e acesso a saúde voltado para suas especificidades. Programas de fomento ao trabalhos e rendas dignos para construir outras alternativas de emprego para além da prostituição como um dos âmbitos possíveis. Devemos pensar Planos Sociais e Educacionais específico que possam ser voltados para inclusão e permanência, com

direito a assistência social para que as pessoas transexuais e travestis permanecer nas escolas. Bem como projetos que conscientizem a sociedade como um todo sobre as questões de gênero e sexualidades, que poderá um meio de prevenção da reprodução das formas de violência e, também, uma conscientização política dessas pessoas para o enfrentamento dessas violências.

Enfatizamos que a realidade latino-americana ainda é desfavorável para milhares de pessoas e grupos sociais, emergindo então a necessidade de se pensar que instrumentos e metodologias de pesquisas podem trazer contribuições para o meio científico, bem como, propiciar a transformação social desta realidade e os possíveis diálogos e caminhos devem ser percorridos para tal. Nisto apontamos as contribuições da psicologia da libertação em linha com os postulados do materialismo histórico-dialético, influencia o desenvolvimento de uma psicologia comprometida com a transformação social, principalmente, no tocante a construção científica interessada nos processos subjetivos envolvidos na formação crítica do ser humano e de sua capacidade de agir criativamente na realidade histórico-cultural.

Entendemos que o desenvolvimento saudável de cada pessoa engloba diferentes dimensões, as quais podem vir trazer malefícios, caso suas demandas e necessidades, biopsicossociais não sejam atendidas satisfatoriamente, contudo, o entrave em questão é o fato de que as pessoas que vivenciam sua sexualidade e gênero para além da heteronormatividade, encontram discursos, falas e concepções que muitas vezes tentam lhes suprimir as manifestações de sua identidade de gênero, muitos conseguem camuflá-la, podendo esconder e se mostram discretos, silenciados pelo discurso de ódio, entretanto, uma parte da população LGBTTT não possui esse tipo de mecanismo, principalmente as pessoas Trans (travestis e transsexuais), pois são invisibilizadas na comunidade LGBTTT .

Deseja-se neste estudo que seu processo de desenvolvimento possa ser pensado e re-significado, a partir do entendimento dos contextos onde participam, das dificuldades que enfrentam e os significados que atribuem ao Ser travesti. Esses dados mesmo que indiretamente podem ser usados como referências para elaboração de outros projetos que podem contribuir com a diminuição da discriminação e preconceitos contra as travestis, bem como colaborar na promoção de políticas afirmativas de equidade de gênero e sexualidade em diferentes espaços sociais, como escolas, centros comunitários, âmbitos jurídicos, etc

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Wanda Maria Junqueira de; OZELLA, Sergio. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **Rev. Bras. Estud. Pedagog.**, Brasília, v. 94, n. 236, Abril. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-66812013000100015&lng=en&nrm=iso>. Acessos em: 26 Fev. 2014.

AGUIAR, Maria junqueira de; LIEBESNY, Brônia; MARCHESAN, Eduardo Caliendo; SANCHEZ, Sandra Gagliardi. Reflexões sobre o sentido e significado. In: BOCK, Ana M. Bahia; GONÇALVES, M. Graça M. (ORGS). **A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica**. Prefácio Fernando Gonzalez Rey. - São Paulo: Cortez, 2009.

AGUIAR, Victor Rafael Laurenciano; MEDEIROS, Claudio Melquiades. Entrevistas na pesquisa social: O relato de um grupo de foco nas licenciaturas. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. 2009. Curitiba. **Anais eletrônicos**. Curitiba: PUCPR, 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3041_1475.pdf>. Acessos em 21 abril 2014.

ALENCAR, Rúbia de Aguiar; SILVA, Lucía; SILVA, Fábio Arlindo and DINIZ, Renato Eugênio da Silva. Desenvolvimento de uma proposta de educação sexual para adolescentes. **Ciênc. educ. Bauru**, v. 14, n. 1, p. 159-168, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-73132008000100011&lng=en&nrm=iso>. Acessos em 19 jan. 2014.

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **Movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travestis (LGBT) Manaus/AM**. Projeto nova cartografia Social da Amazônia. Fascículo: 25. Manaus. PPGAS/UFAM. 2009. 12 p.

ALOS, Anselmo Peres. Gênero, epistemologia e performatividade: estratégias pedagógicas de subversão. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 19, n. 2, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2011000200007&lng=en&nrm=iso>. Acessos em: 22 Fev. 2014.

ALVES, Álvaro Marcel. O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade. Faculdade de Ciências e Letras da UNESP-Assis. **Revista de Psicologia da UNESP**, 2010. Disponível em: <http://www2.assis.unesp.br/revpsico/index.php/revista/article/viewFile/74/214>. Acessos em: 17 jan. 2014.

AMARAL, Marília dos Santos. **Essa boneca tem manual: práticas em si, discursos e legitimidades na experiência de travestis adolescentes**. Dissertação de mestrado – PPGPSI/Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC. 2012.

AMARAL, Marília dos Santos; SILVA, Talita Caetano; CRUZ, Karla de Oliveira; TONELI, Maria Juracy Filgueiras. “Do travestismo às travestilidades”: uma revisão do discurso acadêmico no Brasil entre 2001-2010. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 26, n. 2, Agosto. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000200007&lng=en&nrm=iso>. Acessos em: 04 Março. 2015.

AMORIM, Katia de Sousa. Para além da naturalização, em busca de redes de significações. In: SPINK, Peter; SPINK, Mary Jane (orgs). **Práticas cotidianas e a naturalização da desigualdade: uma semana de notícias nos jornais**. SÃO PAULO: Cortez, 2006.

AMORIM, Sylvia Maria Godoy; VIEIRA, Fernanda de Sousa; BRANCALEONI, Ana Paula. Percepções acerca da condição de vida e vulnerabilidade à saúde de travestis. **Saúde em Debate**, 37(98), 525-535. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-11042013000300016&lng=en&tlng=pt. Acessos em 05 março, 2015.

ARIÉS, Philippe. O a mor no casamento. In: ARIÉS, Philippe. BÉJIN, A. (org). **Sexualidades ocidentais**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985, p. 153-162.

ASSIS, S. G de., MARRIEL, N. de. S. M. Reflexões sobre violência e suas Manifestações na escola. In: ASSIS, S. G. de. (Org). **Impactos da violência na escola: um diálogo com professores**. - Rio de Janeiro: Ministério da educação/ Editora FIOCRUZ. 2010.

BENEDETTI, Marcos. **Toda feita**, Rio de Janeiro, editora Garamond, 2005.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual.** Editora Garamond, 2006.

BENTO, Berenice; PELUCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Rev. Estud. Fem.** Florianópolis, v. 20, n. 2, p. 559-568. Agosto. 2012. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000200017&lng=en&nrm=iso>. Acessos em 20 de Abril de 2015.

BERNAL, Roberto Jaramillo. **Índios Urbanos: processo de reconformação das identidades étnicas indígenas em Manaus.** Editora da Universidade Federal do Amazonas/ Faculdade Salesiana Dom Bosco, 2009.

BICALHO, Pedro Paulo Gastalho de; GERALDINI, Janaina Rodrigues; MAGALHAES, Kely Cristina; CASSAL, Luan Carpes Barros. Os direitos sexuais e o enfrentamento da violência sexual. **Psicol. clin.**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, 2012. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652012000100003&lng=en&nrm=iso>. Acessos em: 24 Março. 2013.

BONFIM, Zulmira Áurea Cruz. **Cidade e Afetividade: Estigma e construção dos Mapas Afetivos de Barcelona e São Paulo.** – Fortaleza: Edições UFC, 2010.

BOCK, Ana Mercês Bahia; GONÇALVES, Maria da Graça Marchina; FURTADO, Odair (orgs.) **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia.** São Paulo: Cortez, 2001. 224 p.

BOHM, Alessandra Maria. **Os' monstros' e a escola: identidade e escolaridade de sujeitos travestis.** 2009.

BOIVIN, Renaud René. "Se podrían evitar muchas muertas": discriminación, estigma y violencia contra minorías sexuales en México. **Sex., Salud Soc.** (Rio J.), Rio de Janeiro, n. 16, Apr. 2014. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872014000100006&lng=en&nrm=iso>. Acessos em: 05 Março. 2015.

BORBA, Rodrigo; OSTERMANN, Ana Cristina. Gênero ilimitado: a construção discursiva da identidade travesti através da manipulação do sistema de gênero gramatical. **Revista Estudos Feministas**, v. 16, n. 2, p. 409-432, 2008. Disponível em:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2008000200006&lng=en&nrm=iso>. Acessos em: 04 Março. 2015.

BRITZMAN, Deborah P. Professor@s e Eros. **Educ. rev.** Curitiba, n. 35, 2009 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602009000300005&lng=en&nrm=iso>. Acessos em: 25 março. 2014.

CARDOZO, Fernanda. "Performatividades de gênero, performatividades de parentesco: notas de um estudo com travestis e suas famílias na cidade de Florianópolis/SC". In: GROSSI, Miriam; UZIEL, Anna Paula; MELLO, Luiz. **Conjugalidades, Parentalidades e Identidades Lésbicas, Gays e Travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007 (pp. 233-251).

CARDOZO, Fernanda. **Das dimensões da Coragem: Socialidades, Conflitos e Moralidades entre Travestis em uma cidade no Sul o Brasil**. Dissertação de Mestrado – PPGAS/Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

CARRARA, Sérgio; VIANNA, Adriana R.B. – “**Tá lá o corpo estendido no chão...**”: a violência letal contra Travestis no Município do Rio de Janeiro. In: *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, vol.16, n.2, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312006000200006&lng=en&tlng=pt. Acessos em 04 jan. 2014.

CARRARA, Sérgio; RAMOS, Sílvia; CAETANO, Márcio. Política, direitos, violência e homossexualidade: pesquisa oitava parada do orgulho glbt, Rio 2003. In: **Política, direitos, violência e homossexualidade: pesquisa oitava parada do orgulho glbt**, Rio 2003. Pallas, 2003.

CASTORINA, José Antônio; FERREIRO, Emília; LERNER, Delia; OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Piaget-Vygotsky: novas contribuições para o debate**. Tradução: Cláudia Schilling. 6ª edição, 2ª impressão. Editora ática. 2001.

CAVAGNOUD, Robin. Violencias y contra-dominación: notas etnográficas sobre el espacio social de la prostitución travesti en un barrio marginal de Lima. *Sex. Salud Soc.* (Rio J.), Rio de Janeiro, n. 17. 2014. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872014000200149&lng=en&nrm=iso>. Acessos em: 05 Março. 2015.

CENSO DEMOGRÁFICO. **Aglomerados Subnormais Primeiros Resultados**. Manaus, IBGE, 2010.

CIDADE, Elívia Camurça; MOURA JUNIOR, James Ferreira; XIMENES, Vêronica Moraes. Implicações psicológicas da pobreza na vida do povo latino-americano. **Psicol. argum**, p. 87-98, 2012.

CHAIKLIN, Seth. A zona de desenvolvimento próximo na análise de Vigotski sobre aprendizagem e ensino. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 16, n. 4, Dec. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722011000400016&lng=en&nrm=iso>. Acessos em 16 jan. 2014.

DAMÁSIO, Anne Christine. **Botando corpo (re)fazendo gêneros**: uma pesquisa etnográfica sobre travestis e drag queens. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009. Disponível em: http://www.cchla.ufrn.br/bagoas/v05n06art09_damasio.pdf. Acessos em: 20 jan. 2015.

DANTAS, Bruna Suruagy do Amaral. Sexualidade, cristianismo e poder. **Estudos e pesquisas em psicologia**, UERJ, RJ, ano 10, n.3, p. 700-728, 3º quadrimestre de 2010. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v10n3/artigos/pdf/v10n3a05.pdf>. Acessos em: 23 janeiro. 2014.

DINIS, Nilson. LUZ, Araci Ansinelli. Educação sexual na perspectiva histórico-cultural. **Educar**, Curitiba, n. 30, p. 77-87. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n30/a06n30.pdf>. Acessado em 15 junho 2014.

DUARTE, Rosália. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de pesquisa**, v. 115, n. 1, p. 139-54, 2002.

DUQUE, Tiago. Reflexões teóricas, políticas e metodológicas sobre um morrer, virar e nascer travesti na adolescência. **Rev. Estud. Fem.** Florianópolis, v. 20, n. 2, agosto. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000200010&lng=en&nrm=iso>. Acessos em 28 fevereiro. 2014.

DUQUE, Tiago. **Montagens e desmontagens**: desejo, estigma e vergonha entre travestis adolescentes. São Paulo: Annablume, 2011.

FARIA, Ederson de; SOUZA, Vera Lúcia Trevisan de. Sobre o conceito de identidade: apropriações em estudos sobre formação de professores. **Psicol. Esc. Educ.** (Impr.), Maringá, v. 15, n. 1, June 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572011000100004&lng=en&nrm=iso>. Acessos em: 28 Fev. 2014.

FERREIRA, Rubens da Silva. A informação social no corpo travesti (Belém, Pará): uma análise sob a perspectiva de Erving Goffman. **Ci. Inf.** Brasília, v. 38, n. 2, Agosto. 2009.

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-1962009000200003&lng=en&nrm=iso>. Acessos em 04 Março 2015.

FIGUEIREDO, Adrianna. "Se pudesse ressurgir, viria como o vento". Narrativas da dor: corporalidade e emoções na experiência da travestilidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad** (Rio de Janeiro), (8), 90-112. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-64872011000300005&lng=en&tlng=pt. Acessos em 05 Março. 2015.

FISCHER, Gustave Nicolas. **Psicologia social do ambiente**. Lisboa: Instituto Piaget, S/D.

FONTANELLA, Bruno José Barcellos; RICAS, Janete; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 17-27, Jan. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2008000100003&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 29 nov. 2014.

FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade I - a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal. 1988.

FRANCA, Inacia Sátiro Xavier de; BAPTISTA, Rosilene Santos. A construção cultural da sexualidade brasileira: implicações para a enfermagem. **Rev. bras. enferm.**, Brasília, v. 60, n. 2, Apr. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672007000200014&lng=en&nrm=iso>. Acessos em: 22 Mar. 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, v. 17, 1987.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cad. Pesquisa**, São Paulo, n. 116, Julho 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000200002&lng=en&nrm=iso>. Acessos em: 29 Julho. 2014.

GALINKIN, A, L; SANTOS, C; ZAULI-FELLOWS, A. Estudos de Gênero na psicologia social. In: GALINKIN, A, L; SANTOS, C; (org). **Gênero e psicologia social: interfaces**. Brasília: TechnoPolitik, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GONÇALVES, Maria. Graça Marchina. A psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: a historicidade como noção básica. In: BOCK, Ana M. Bahia; GONÇALVES, M. Graça M; FURTADO, Odair. (Orgs). **Psicologia sócio-histórica: Uma Perspectiva Crítica em Psicologia**. - São Paulo: Cortez, 2001.

GONZÁLEZ REY, Fernando Luiz. **O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito**. Tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi; VIDAL, Lux Boelitz. Prefácio – A Tolerância e os povos indígenas: A Busca do Diálogo na Diferença. In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi; VIDAL, Lux Boelitz; FISCHMANN, Roseli (Organizadores). **Povos Indígenas e Tolerância: Construindo Práticas de Respeito e Solidariedade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

GUARESCHI, Pedrinho Arcides. Pressupostos psicossociais da exclusão: competitividade e culpabilização. In: SAWAIA, Bader. **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Editora Vozes: Petrópolis, 2001.

HEILBORN, Maria Luiza. Por uma agenda positiva dos direitos sexuais da adolescência. **Psicol. clin.** Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652012000100005&lng=en&nrm=iso>. Acessos em: 24 março. 2014.

JOHN-STEINER, Vera; SOUBERMAN, Ellen. Posfácio. In: VYGOTSKY, Lev. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

JIMENEZ, Luciene; ADORNO, Rubens C. F. O sexo sem lei, o poder sem rei: sexualidade, gênero e identidade no cotidiano travesti. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 33, Dec. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332009000200013&lng=en&nrm=iso>. Acessos em: 21 fevereiro. 2014.

KAHHALE, Edna Maria Severino Peters; ROSA, Elisa Zaneratto. A construção de um saber crítico em psicologia In: BOCK, Ana M. Bahia; GONÇALVES, M. Graça M. (ORGS). **A dimensão subjetiva da realidade: uma leitura sócio-histórica**. Prefácio Fernando Gonzalez Rey. - São Paulo: Cortez, 2009.

KULICK, Don. **TRAVESTI: Prostituição, sexo, gênero e cultura no brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2008.

LAUQUER, Thomas. **Inventando o Sexo: Corpo e Gênero dos Gregos a Freud**. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2001.

LIMA, Marcos Castro de; A cidade, o Urbano e o rio na Amazônia. **Revista ACTA geográfica**, ano II, nº 3, jan/jun. 2008, p. 107-117.

LOMANDO, Eduardo; NARDI, Henrique Caetano. Conjugalidades múltiplas nas travestilidades e transexualidades: uma revisão a partir da abordagem sistêmica e da psicologia social. **Saúde em debate**, v. 37, p. 98, 2013.

LUCCI, Marcos Antonio. A proposta de vygotsky: A psicologia sócio-histórica. Profesorado. **Revista de currículum y formación del profesorado**, p. 10, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722011000400012&lng=en&nrm=iso>. Acessos em: 22 nov. 2013.

MASCARENHAS, Suely Aparecida do Nascimento; MARTINEZ, José María Avilés; MACIEL, Antônio Carlos. Bullying e rendimento acadêmico de estudantes universitários. In: MASCARENHAS, S. A. do N., (Coord). **Determinantes do rendimento acadêmico no ensino superior**. Humaitá, AM: UFAM. 2013.

MANAUS, Prefeitura de Manaus. **História** 2014. Disponível em: <http://www.manaus.am.gov.br/manaus/historia/>. 2014 Acesso em: 07 de julho de 2014.

MARTIN-BARÓ, Ignacio. **El latino indolente** – Caracter ideológico del fatalismo latinoamericano. In: MONTERO, M. (org.) **Psicología Política latinoamericana**. Caracas: Editora Panapos, 1987.

MARTIN-BARÓ, Ignacio. **Psicología de la liberación**. Madrid: editora trota, 1998.

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. O papel do Psicólogo. **Estudos de psicologia**, v. 2, n. 1, p. 7-27, 1996.

MARTINS, Marco Antonio Matos; FERNANDEZ, Osvaldo; NASCIMENTO, Érico Silva do. Acerca da violência contra LGBT no Brasil. Entre reflexões e tendências. **Seminário internacional fazendo gênero**. Diásporas, Diversidades, Deslocamentos. v. 9, 2010.

MEIRA, Maria Eugênia Melillo; FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **Psicologia histórico-cultural: contribuições para o encontro entre a subjetividade e a educação**. São Paulo: casa dos psicólogos, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo, ed. Hucitec, 2004.

MOLON, Susana Inês. Notas sobre constituição do sujeito, subjetividade e linguagem. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 16, n. 4, p. 613-622, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n4/a12v16n4>> acessos em 15 janeiro 2014.

MONTREOZOL, Jeferson Renato. **Sobre a educação aqüendada: uma análise da relação entre a identidade sexual travesti e o processo de educação formal**. 2011. (Dissertação)

MOTT, Luiz; CERQUEIRA, Marcelo; Almeida, Claudio Aguiar. **O Crime Anti-homossexual no Brasil**. Salvador: Editora GGB, 2003, 180 pag.

MOTT, Luiz; FERNANDEZ, Osvaldo; MARTINS, Marco, NASCIMENTO, Erico. **Crimes Homofóbicos no Brasil: Panorama e Erradicação de Assassinatos e Violência contra GLBT, 2000-2007**. Salvador, relatórios de pesquisas, 2010 (memo).

NAZARETH, Tayana; BRASIL, Marília; TEIXEIRA, Pery. Manaus: crescimento populacional e migrações nos anos 1990. **Revista Paranaense de Desenvolvimento-RPD**, n. 121, p. 201-217, 2011. Disponível em: http://hal.archives-ouvertes.fr/docs/00/92/01/96/PDF/431-2259-1-PB_1_.pdf. Acessos em: 14 jul. 2014.

NEPOMUCENO, Léo Barbosa; XIMENES, Verônica Moraes; CIDADE, Elívia Camurça; MENDONÇA, Francisco Wesley Oliveira; SOARES, Camila Alves. **Por uma psicologia comunitária como práxis de libertação**. *Psico*, Porto Alegre, PUCRS, v.39, n.4, p.456-464, out./dez., 2008. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/3532/3836>. Acessado dia 13 jan 2014.

NETO, Wanderlino Nogueira. Sexualidade infanto-adolescente e seu reconhecimento como direitos humanos: a necessidade de mais reflexão e teorizações; In: **Psicologia clínica**. Rio de Janeiro. Pontificia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Centro de Teologia e Ciências Humanas. Departamento de Psicologia. v. 24. n.1, 2012.

NEWMAN, Fred; HOLZMAN, Lois. **Lev Vygotsky: Cientista Revolucionário**. Tradução: Marcos Bagno. Edições Loyola. São Paulo, Brasil, 2002.

NUNES, César. Economia, educação e sociedade: matrizes políticas e estigmas culturais da administração escolar no Brasil. **Revista histedbr on-line**, Campinas, n. especial, p. 36-

53, 2006. Disponível em:

<http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/22e/art6_22e.pdf>. Acessos em 16 fevereiro. 2015.

PAIVA, Vera; ARANHA, Francisco; BASTOS, Francisco I. Opiniões e atitudes em relação à sexualidade: pesquisa de âmbito nacional, Brasil 2005. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 42, supl. 1, junho 2008. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102008000800008&lng=en&nrm=iso>. Acessos em: 20 janeiro. 2014.

PALANGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky a relevância do social**. Grupo Editorial Summus, 2001.

PALMA, Yáskara Arrial; LEVANDOWSKI, Daniela Centenaro. Vivências pessoais e familiares de homossexuais femininas. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 13, n. 4, 2008 .

Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000400015&lng=en&nrm=iso>. Acessos em: 25 de março. 2014.

PEDRO, Wilson José Alves. Reflexões sobre a categoria identidade através de uma perspectiva interdisciplinar. **Revista Uniara**, n. 19, p. 67-74, 2006. Disponível em:

<http://www.uniara.com.br/legado/revistauniara/pdf/19/Rev19completa_08.pdf>. Acessos em: 24 de março. 2014.

PELÚCIO, Larissa. “O gênero na carne: sexualidade, corporalidade e pessoa: uma etnografia entre travestis paulistas”. In: GROSSI, Miriam e SCHWADE, Elisete (org.). **Política e Cotidiano: estudos antropológicos sobre gênero, família e sexualidade**. Blumenau: Editora Nova Letra, 2006 (pp. 189-216).

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

PELUCIO, Larissa. Marcadores sociais da diferença nas experiências travestis de enfrentamento à aids. **Saúde soc.**, São Paulo, v. 20, n. 1, 2011. Disponível

em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902011000100010&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 04 março. 2015

PERES, Willian. “Travestis Brasileiras: Construindo Identidades Cidadãs”. In: GROSSI et alii (org.). **Movimentos Sociais, Educação e Sexualidades**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2005 (pp. 53-68).

PERES, Willian S. **Travestilidades nômades**: A explosão dos binarismos e a emergência Queering. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 20(2):256, 2012.

PHILIPPI, Jeanine Nicolazzi. Considerações sobre a sexualidade humana. In: PILLAR GROSSI et al. **Movimentos sociais, educação e sexualidades**. Rio de Janeiro: Garamond, pp: 25-30, 2005.

PIOVESAN, Armando; TEMPORINI, Edméa Rita. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 29, n. 4, 1995. Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101995000400010&lng=en&nrm=iso>. Acessos em 29 de julho de 2014.

POSSAMAI, Paulo César; NUNES, Anderson da Cruz. O tema da homofobia em dissertações e teses. **Métis: história & cultura**, v. 10, n. 20, 2012.

RAMOS, Silvia. Violência e homossexualidade no Brasil: as políticas públicas e o movimento homossexual. In: GROSSI, M. P. et al. (Orgs.). **Movimentos sociais, educação e sexualidades**. Rio de Janeiro: Garamond. 2005. p. 31-44.

RAMOS, Silvia; CARRARA, Sérgio. A constituição da problemática da violência contra homossexuais: a articulação entre ativismo e academia na elaboração de políticas públicas. **Physis**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 185-205, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73312006000200004&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 29 novembro. 2015.

RIBEIRO, A. M. O., SANTOS, A. C. G., GUIMARÃES, A. P., ARAÚJO, I. P. A homossexualidade masculina: vivência e significados. In: ALMEIDA, A. M O., et. al. (Org). **Violência, exclusão social e desenvolvimento humano**: estudos em representações sociais. - Brasília: Editora Universidade de Brasília. 2006.

RICARDO, Carlos Alberto. Passados 500 Anos, Sequer Sabemos Seus Nomes. In: GRUPIONI, Luís Donisete Benzi; VIDAL, Lux Boelitz; FISCHMANN, Roseli (Organizadores). **Povos Indígenas e Tolerância**: Construindo Práticas de Respeito e Solidariedade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

RIOS, Roger Raupp. Para um direito democrático da sexualidade. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 12, n. 26, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832006000200004&lng=en&nrm=iso>. Acessos em: 22 de março. 2014.

ROSA, Elisa Zaneratto; ANDRIANI, Ana Gabriela Pedrosa. Psicologia sócio-histórica: uma tentativa de sistematização epistemológica e metodológica. In: KAHHALE, Edna, Maria Severino Peters. (org). “**A Diversidade da Psicologia: Uma construção teórica**”, - 3. ed. - São Paulo: Cortez, p. 259-288, 2008.

RUBIO, Dany Mahecha. Sexualidad y afecto entre los macuna y los nükak, pueblos de la amazonia colombiana. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 41, dez. 2013 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332013000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 06 junho 2014.

SOUZA, Vera Lucia Trevisan de; ANDRADA, Paula Costa de. Contribuições de Vigotski para a compreensão do psiquismo. **Estud. Psicol.** Campinas, v. 30, n. 3, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2013000300005&lng=en&nrm=iso>. Acessos em 18 fevereiro. 2014.

SILVA, Joseli Maria. A Cidade dos Corpos Transgressores da Heteronormatividade. In: Silva, J.M. (Org.). **Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidade**. Ponta Grossa: Editora Toda Palavra, 2009.

SILVA, Hélio. Travesti – **A invenção do feminino**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.

TERTO JR., Veriano. Homossexualidade e saúde: desafios para a terceira década de epidemia de HIV/AIDS. **Horiz. Antropol.** Porto Alegre, v. 8, n. 17, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832002000100008&lng=en&nrm=iso>. Acessos em 25 março. 2014.

TONET, Ivo. **Educação, cidadania e emancipação humana**. RS: Ed.UNIJUÍ. 2005

VYGOTSKI, Lev Semiónovich. Pensamento e palavra. In Lev Semiónovich Vygotsky. **A construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1934). 2001.

VYGOTSKY, Lev Semiónovich. **A formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ZANELLA, Andréa Vieira. Atividade, significação e constituição do sujeito: considerações à luz da Psicologia Histórico-Cultural. **Psicol. Estud. Maringá**, v. 9, n. 1. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722004000100016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 26 fevereiro. 2014.

ZANELLA, Andrea Vieira, et al. Diversidade e diálogo: reflexões sobre alguns métodos de pesquisa em psicologia. **Interações**, v. 90, n. 22, p. 11-38, 2006.

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=35402202>. Acessos em 28 jul. 2014.

ZANELLA, Andréa Vieira; SAIS, Almir Pedro. Reflexões sobre o pesquisar em psicologia como processo de criação ético, estético e político. **Aná. Psicológica**, Lisboa, v. 26, n. 4. 2008. Disponível em:

<http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312008000400012&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 29 jul. 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A: Organização dos Núcleos de Significação

INDICADORES	NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO
1. Local de moradia	1. Ser Travesti na cidade de Manaus: nuances e contradições
2. Relação com a cultura Local	
3. outras influências de lugar	
4. idealização do Ser travesti	2. A força do biológico na construção de um lugar social atribuído a travesti
5. híbrida	
6. prostituição	
7. O Ser mulher	3. Compreensão da feminilidade pelas travestis
8. toda mulher sofre	
9. roupas e adereços femininos	
10. desconstrução da mulher e o feminino	
11. estereotipo de mulher	
12. o Ser feminino	4. Relação com o social e suas instituições: mídia, ciência e demais organizações
13. influência social	
14. influência da mídia	
15. relação com a ciência	
16. influência cultural	5. Relações interpessoais: entre encontros e desencontros
17. a família como barreira	
18. amizades	
19. apoio familiar	
24. expectativas x realidade	
25. ausência de afeto na família	
26. preconceito na família	
27. falta de respeito entre as travestis	
28. rivalidade entre as travestis	
29. violência entre as travestis	
38. vida de incerteza	6. O lugar da escolarização: contradições e contrastes
33. a dificuldade na escolarização	
34. as pessoas da escola como barreira	
39. poucas dificuldades na escola	7. O mundo do trabalho: a heteronormatividade como barreira
20. vida na prostituição	
21. dificuldades no ponto	
22. outros trabalhos?	
23. trabalho como independência	
36. a sociedade como barreira	
37. Heteronormatividade como barreira	
30. dificuldades no trabalho e emprego	
31. uso do banheiro	8. Uso do banheiro: um não-lugar para as travestis
32. discriminação	
35. preconceito	
40. dimensão adjetiva	9. Travesti como a expressão da fluidez e os estereótipos de gênero
41. dimensão moral	
49. um ser inexplicável	
42. ser feminina a qualquer preço	
43. travesti é mulher	
44. estereotipo de gênero	
45. ser em metamorfose	
48. naturalização da pessoa travesti	
46. travesti boa	
47. travesti má	
50. frequenta lugares heterossexuais	10. Lugar de Travesti é no mundo: dialética da exclusão/inclusão
51. não frequenta ambiente LGBT	
52. caseira, sai pouco	
53. não frequenta lugar heterossexual	

APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

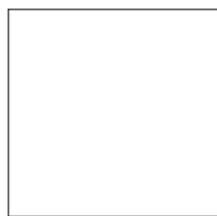
Convidamos o (a) Sr(a). Para participar do Projeto de Pesquisa “**Tornar-se Travesti: O Desenvolvimento de Travestis que Moram na Cidade de Manaus**”, que tem como objetivo: compreender o desenvolvimento de travestis que moram na cidade de Manaus. O benefício da pesquisa está em se criar um espaço de reflexão crítica acerca dos espaços de participação como ambientes que além dos processos envolvendo a socialização, se promova a cidadania e aceitação das diferenças. Os pesquisadores Prof^a Dr^a Iolete Ribeiro da Silva e o Psicólogo Andrews do Nascimento Duque, responsáveis pelo projeto, pedem autorização para realizar uma entrevista semiestruturada com o (a) Sr. (a). O (a) Sr. (a). Foi escolhido por se auto identificar como travesti e é morador (a) da cidade de Manaus. Se o (a) Sr. (a) autorizar a realização desta entrevista semiestruturada, a mesma será audiogravada e depois transcrita pelos acadêmicos pesquisadores.

Se depois de autorizar a realização da entrevista, o (a) Sr. (a) não quiser mais continuar, tem o direito e a liberdade de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, independente do motivo. O (a) Sr. (a) não terá nenhuma despesa e sua participação será importante para contribuir com a compreensão do processo de desenvolvimento de travestis, assim como beneficiará a população LGBTTT no tangente a reflexão quanto a visibilidade social e política na sociedade.

Essa presente pesquisa envolve seres humanos e por isso pode representar danos e riscos imediatos ou posteriores aos sujeitos pesquisados, estando os pesquisadores cientes disso, comprometem-se em agir segundo as exigências éticas concernentes a coleta, análise e publicação dos dados alcançados. Como cita a Resolução 466/12 CNS-MS.

As informações registradas serão usadas somente para a pesquisa, não haverá identificação das pessoas que participarem. Estarão disponíveis aos participantes os telefones de contato dos pesquisadores, caso seja necessário: Psicólogo Andrews do Nascimento Duque, telefone (92) 98175 4479 e e-mail andrews.duque@gmail.com. Pesquisadora Prof^a Dr^a Iolete Ribeiro da Silva: Rua General Rodrigo Otávio, UFAM, Japiim, Manaus – AM, telefone (92) 3305-4550 e e-mail: ioletesilva@hotmail.com.

Fui informado sobre o que o pesquisador quer fazer e porque precisa da minha colaboração, e entendi a explicação. Por isso, concordo em participar do projeto, sabendo que não vou ganhar nada e que posso sair quando quiser. Estou recebendo uma cópia deste documento, assinada, que vou guardar.



	ou		/ /
Assinatura do participante	Impressão dactiloscópica	Data	
	no		
	caso de não saber escrever		
			/ /
Assinatura do pesquisador		Data	

APÊNDICE C: INSTRUMENTO DE PESQUISA

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Nome completo (nome social):

Local de Nascimento: _____

Idade: _____ Identidade de Gênero: _____

Escolaridade: _____

Ocupação profissional: _____

Questões norteadoras: Você pode falar sobre seu processo de desenvolvimento na família? E na escola? E na comunidade? Desenvolvimento da sua sexualidade? Que fatores você considera que influenciaram no seu desenvolvimento? Você pode me falar sobre o seu processo de escolarização? Qual ou quais as estratégias que você utilizou para dar continuidade ao seu processo de transformação? Como foi esse processo de desenvolvimento enquanto travesti? O que é ser travesti para você? Quais lugares você participa socialmente atualmente?

TÓPICOS A SEREM ABORDADOS:

- Trajetória de desenvolvimento
- Significados da travestilidade
- Dificuldades no decorrer de seus desenvolvimentos
- Influências sociais e históricas em seu desenvolvimento
- Estratégias para continuar o processo de desenvolvimento
- Lugares de participação social

ANEXOS

ANEXO I - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
DO AMAZONAS - FUA (UFAM)**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: Tornar-se Travesti: O Desenvolvimento de Travestis na cidade de Manaus

Pesquisador: Andrews Duque

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 37941314.9.0000.5020

Instituição Proponente: Faculdade de Psicologia

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 860.879

Data da Relatoria: 04/11/2014

Apresentação do Projeto:

Este estudo busca compreender o desenvolvimento de travestis que moram na zona urbana da cidade de Manaus, partindo da perspectiva da psicologia histórico-cultural. A partir desta abordagem, aponta-se que esta investigação será atravessada pelas influências sociais, históricas e culturais em seu processo de desenvolvimento e implicações em seu percurso de vida. Tem como objetivo geral compreender a trajetória de desenvolvimento de travestis que moram na região urbana da cidade de Manaus. Os objetivos específicos são analisar as influências sociais e históricas no desenvolvimento de traves, conhecer quais são as principais dificuldades na trajetória de desenvolvimento de travestis, investigar quais os significados atribuídos à travestilidade pelas respondentes e identificar os âmbitos de sociabilidade onde as travestis participam. Como metodologia escolheu-se a pesquisa qualitativa, que tem como instrumento a entrevista semi-estruturada, os dados coletados serão transcritos e então serão submetidos à análise dos núcleos de significação. Deseja-se neste estudo que seu processo de desenvolvimento possa ser pensado e re-significado, não só nos âmbitos da saúde e assistência social mas também em todos os contextos onde exista sua participação, daí poderemos compreender quais suas estratégias para continuar seu processo de desenvolvimento enquanto travestis, bem como é pertinente conhecer por elas quais são aqueles lugares onde sua participação ainda é negada, podendo ser indicadores

de barreiras que precisam do fomento de políticas públicas, participação dos movimentos sociais e acadêmica na construção de uma sociedade mais igualitária.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender o desenvolvimento de travestis que moram na região urbana da cidade de Manaus.

Objetivo Secundário:

Analisar as influências sociais, históricas e culturais no desenvolvimento de travestis.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A presente pesquisa envolve seres humanos e por isso pode representar danos e riscos imediatos ou posteriores aos sujeitos pesquisados, estando os pesquisadores cientes disso, comprometem-se em agir segundo as exigências éticas concernentes a coleta, análise e publicação dos dados alcançados como cita a Resolução 466/12 CNS-MS;

Benefícios:

Apesar dessa pesquisa não possuir caráter lucrativo e não apresentar benefícios diretos aos pesquisados, os resultados finais podem contribuir para a reflexão da ação social, cidadania e benefício a população LGBTTT por suscitar discussões nos âmbitos acadêmicos e sociais sobre seu processo de desenvolvimento.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de um projeto de pesquisa em nível de mestrado, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FAPSI/ UFAM, a ser desenvolvido pelo discente Andrews Duque, sob a orientação da Profª Drª Iolete Ribeiro da Silva. A proposta em tela apresenta coerência entre título, objetivos e metodologia para obtenção (abordagem qualitativa, entrevista semi-estruturada consubstanciada na Psicologia Histórico-Cultural) e análise de dados (realizada através dos núcleos de significação propostos por Aguiar e Ozella (2013), fundamentados na concepção histórico-cultural), bem como tem relevância social e científica no que tange à produção de conhecimentos na área de psicologia social. Serão abordados 10 participantes, que se assumem enquanto travestis, com idade maior de 18 anos, em diversos locais que os mesmos frequentam, previamente identificados pelo pesquisador (bares, boates, casas de show, movimentos sociais, dentre outros).

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- 1.Folha de rosto: Apresentada e adequada, assinada pela Vice-Coordenadora do PPGP da FAPSI, Profª DRª Maria Alice Becker;
- 2.Termo de Anuência: Não se aplica;
- 3.TCLE: Apresentado e adequado;
- 4.Instrumentos de obtenção de dados: Apresentado no projeto de qualificação e adequado;
- 5.Critério de inclusão e exclusão: Apresentados e adequados;
- 6.Riscos e benefícios: Apresentados e adequados;

7.Cronograma: Apresentado e adequado. Realização de entrevistas previstas somente para fevereiro de 2015;

8.Orçamento: Apresentado e adequado, no valor de RS 842,00.

Recomendações:

Inserir o endereço e telefone de contato do CEP/UFAM no TCLE.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Considerando que o projeto em destaque cumpriu com as exigências contidas na Res. 466/2012, o mesmo poderá ser desenvolvido após a divulgação da decisão final deste Comitê de Ética em Pesquisa.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

MANAUS, 06 de Novembro de 2014

Assinado por:

Eliana Maria Pereira da Fonseca (Coordenador)

Endereço: Rua Teresina, 4950, **Bairro:** Adrianópolis,
UF: AM, **Município:** MANAUS, **CEP:** 69.057-070
Telefone: (92)3305-5130 **Fax:** (92)3305-5130 **E-mail:** cep@ufam.edu.br